

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Marcelo Wagner de Lima e Souza

**O PROCESSO DE TEMPOROESPACIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO
ESPAÇO ENUNCIATIVO DE NARRATIVAS EM LIBRAS**

Belo Horizonte
2013

Marcelo Wagner de Lima e Souza

**O PROCESSO DE TEMPOROESPACIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO
ESPAÇO ENUNCIATIVO DE NARRATIVA EM LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, área de Linguística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Milton do Nascimento

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Josiane Andrade
Militão

Belo Horizonte
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S729p Souza, Marcelo Wagner de Lima e
O processo de temporoespacialização na construção do espaço enunciativo de narrativas em libras / Marcelo Wagner de Lima e Souza. Belo Horizonte, 2013.
112f.: il.

Orientador: Milton do Nascimento
Coorientadora: Josiane Andrade Militão
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Linguística. 3. Aprendizagem cognitiva. 4. Teoria da recursão. I. Nascimento, Milton do. II. Josiane Andrade Militão. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. IV. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 376.33

Marcelo Wagner de Lima e Souza

**O PROCESSO DE TEMPOROESPACIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO
ESPAÇO ENUNCIATIVO DE NARRATIVAS EM LIBRAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, área de Linguística e Língua Portuguesa.

Prof^a. Dr^a. Ronice Muller Quadros - UFSC

Prof^a. Dr^a. Sandra Maria Silva Cavalcante - PUC Minas

Prof. Dr. Milton do Nascimento (Orientador) - PUC Minas

Prof^a. Dr^a. Josiane Andrade Militão (Coorientadora) - PUC Minas

Belo Horizonte, 27 de novembro de 2013.

“Ao único Deus...” Judas 1:25

AGRADECIMENTOS

As palavras não são suficientes, mas o sentimento de gratidão é extenso e neste momento deve ser direcionado para todos aqueles que de alguma forma me ofereceram suporte ao longo desta jornada. Agradeço:

Aos professores da pós-graduação do mestrado na PUC Minas, por dividirem seu conhecimento;

Ao meu orientador Milton pelo aprendizado constante e à minha coorientadora Josiane pela disponibilidade e apoio;

Ao professor João Henrique pelo incentivo inicial de realizar o mestrado na Letras;

Aos meus colegas do mestrado, em especial à Ana Luísa pelo carinho e horas de estudo em conjunto. Também à colega Liliane pelos momentos de conversa, desabafos e revisão deste trabalho;

Aos meus colegas intérpretes e tutores da PUC Minas pela parceria e troca de experiências que enriqueceram minhas discussões sobre a Libras;

Aos surdos, que me ensinam a beleza da Língua de Sinais;

Aos meus amigos, em especial: Rafael, Renato e Sônia que sempre me apoiaram nesta empreitada;

To Bob, my new friend. Thanks for our “coffees”;

Aos meus pais pelo incentivo e ensinamentos de uma vida;

À minha irmã Adriana pela amizade, parceria e companheirismo constante em todos os momentos;

Ao meu amigo Lúcio pelo constante apoio nessa trajetória e companheirismo nos momentos decisivos;

E finalmente à Deus pelo dom da vida e por me sustentar em todo este tempo.

RESUMO

A concepção da linguagem como um “órgão” mental (CHOMSKY, 2004) a situa como parte da constituição biológica do ser humano e não como algo que lhe é externo. Além disso, caracteriza-a como não necessariamente atrelada à articulação sonora, podendo externalizar-se em outras modalidades, que podem e devem ser reconhecidas. Adotando tal concepção de linguagem, este trabalho se insere no campo de contínua investigação da linguagem humana – Linguística Cognitiva – com uma proposta de pesquisa delimitada no âmbito da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Temos por objetivo verificar como se evidenciam as operações de temporoespacialização na configuração de narrativas em Libras. Assumimos como hipótese que a operação de temporoespacialização envolve necessariamente a recursão e, desse modo, que o processo de atualização do espaço enunciativo ocorre em Libras da mesma forma que em outras línguas orais. Propomos explicar o fenômeno da temporoespacialização enquanto um processo de atualização do espaço enunciativo, buscando confirmar a hipótese de trabalho. Para tanto, analisaremos uma narrativa em Libras realizada por um falante nativo dessa língua através dos seguintes procedimentos: (a) identificação das operações de configuração do espaço base/integrador da narrativa; (b) identificação e descrição dos espaços enunciativos constitutivos da narrativa; (c) identificação e descrição do processo de temporoespacialização na integração de espaços enunciativos da narrativa. Mesmo que nas línguas de sinais não haja a possibilidade do uso do som, é plausível reconhecer os gestos e expressões corporais como expressões linguísticas. Desse modo, a compreensão da linguagem avança para o homem como um todo, considerando-o um ser *linguageiro*, cujas diversas manifestações possíveis de organização sonora ou gestual refletem sua constituição ontogenética. Assim, com este trabalho, visamos contribuir para a argumentação de que a Libras, enquanto uma língua de modalidade gestual, é uma língua natural, bem como procurou-se demonstrar que os estudos no campo da Linguística Cognitiva podem ser enriquecidos com as contribuições das pesquisas sobre as línguas de sinais.

Palavras-chave: Libras. Linguística Cognitiva. Integração Conceptual. Recursão.

ABSTRACT

From the conception of language as a ' body ' mind (CHOMSKY, 2004), we consider the language as part of the biological composition of the human being and not just as something that is external. Also, do not understand that it is necessarily tied to the sound articulation, but other arrangements can and should be recognized. Thus, this work is part of ongoing research in the field of human language with a research proposal delineated within the Brazilian Sign Language (Libras). We aim to show how to verify the configuration of temporal-spatialization process of narratives in Libras. We adopt as a working hypothesis that these process necessarily involve recursion, and this update process enunciative space occurs in Libras as in other spoken languages. We propose to explain the phenomenon of temporal-spatialization process while an update process of the space limitation, seeking to confirm the hypothesis. We will analyze a narrative in Libras performed by a native speaker of this language through the following procedures: (a) identification of configuration from base space operations/integrator of the narrative; (b) identification and description of enunciative spaces constituting the narrative; (c) identification and description of the process of integration in temporal-spatialization process from enunciative spaces of the narrative. We know that even in sign languages there is a need for the use of sound, it is possible to recognize the gestures and body expressions as linguistic expressions. So, we advance to understanding the whole human being, in his natural constitution while language human being whose various possible manifestations of sound or gesture organization reflect its constitution ontogenetic. So, with this work we aim to contribute to the argument that the Libras, while a form of gestural language is a natural language and studies in the field of Cognitive Linguistics can be enriched with the contributions of the research on sign languages.

Keywords: Libras. Cognitive Linguistic. Conceptual Integration. Recursion.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Tela inicial do Vídeo: “Metáfora: Escorpião e Tartaruga”	16
FIGURA 2 - Frames da sinalização em Libras VERGONHA/ENVERGONHADO	20
FIGURA 3 - Frame referente à sinalização VERGONHA/ENVERGONHADO	21
FIGURA 4 - Registro da sinalização VERGONHA/ENVERGONHADO	22
FIGURA 5 - Registro da sinalização SENTAR/POUSAR	22
FIGURA 6 - Representação esquemática dos fatores externos e internos do organismo relacionados com a Faculdade da Linguagem	28
FIGURA 7 - As 46 CM da Língua de Sinais Brasileira	47
FIGURA 8 - Sinalização referente ao conceito AVE/PÁSSARO	47
FIGURA 9 - Destaque para a configuração de mão do sinal exemplificado.....	48
FIGURA 10 - Espaço de realização dos sinais.....	48
FIGURA 11 - Ponto de articulação referente à sinalização do conceito PÁSSARO..	49
FIGURA 12 - Movimento interno de abertura e fechamento dos dedos referente à sinalização do conceito PÁSSARO	49
FIGURA 13 - Movimento das mãos. Sinalização FORMA DO FIO DA REDE ELÉTRICA.....	50
FIGURA 14 - Tipos de orientação da palma da mão.....	51
FIGURA 15 - Exemplificação de sinais que apresentam o uso de marcações não manuais.....	52
FIGURA 16 - Esquema básico do processo de enunciação	59
FIGURA 17 - Diagrama básico de uma Rede Conceitual Integrada	63
FIGURA 18 - Representação esquemática das Instâncias Enunciativas e Espaço Mental	67
FIGURA 19 - Sinalização em ASL.....	71
FIGURA 20 - Conceptualização da sinalização pronominal: YOU	71
FIGURA 21 - Sinalização PRO ₁	72
FIGURA 22- Representação da sinalização.....	72
FIGURA 23 - Sinal PRO ₂ : demarcando o local em vermelho.....	73
FIGURA 24 - Ação alvo: “Gato sendo esmagado contra a parede”	74
FIGURA 25 - Narrador sinalizando a ação alvo	74
FIGURA 26 - Representação da situação default da narrativa de Rimar Segala	79
FIGURA 27 - Representação do Espaço Base/Integrador	81

FIGURA 28 - Enunciado 1 em Libras	82
FIGURA 29 - Sinalização [EU] EXPLICAR METÁFORA	83
FIGURA 30 - Sinalização HOJE/AGORA	84
FIGURA 31 - Predicação (A) em Libras.....	86
FIGURA 32 - Espaço enunciativo (A)	87
FIGURA 33 - Integração de Espaços	88
FIGURA 34 - Predicação (B) em Libras.....	89
FIGURA 35 - Sinalização LER.....	89
FIGURA 36 - Sinalização HÁ-MUITO-TEMPO-ATRÁS	90
FIGURA 37 - Conceptualização da sinalização no tempo PASSADO	91
FIGURA 38 - Enunciado (A) em Libras.....	92
FIGURA 39 - Sinalização ostensiva PRO ₁	92
FIGURA 40 - Sinalização ostensiva mais referências	93
FIGURA 41 - Esquema da Mescla da sinalização PRO ₁	94
FIGURA 42 - Predicação (C) em Libras.....	95
FIGURA 43 - Espaço enunciativo (C)	95
FIGURA 44 - Integração de espaços enunciativos na narrativa de Rimar Segala....	96
FIGURA 45 - Espaço/Evento: "incêndio em uma grande floresta"	97
FIGURA 46 - Enunciado (D) em Libras.....	98
FIGURA 47 - Representação do espaço enunciativo (D)	98
FIGURA 48 - Mescla referente ao Enunciado (D).....	100
FIGURA 49 - Enunciado (E) em Libras.....	100
FIGURA 50 - Representação do espaço enunciativo (E).....	101
FIGURA 51 - Mescla referente ao Enunciado (E).....	101

LISTA DE ABREVIATURAS

AP – Sistema Articulatorio Perceptual

CI – Sistema Conceitual Intencional

FL – Faculdade da Linguagem

FLB – Faculdade da Linguagem em Sentido Amplo

FLN – Faculdade da Linguagem em Sentido Restrito

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua(s) de Sinais

LO – Língua(s) Oral(is)

LP – Língua Portuguesa

L1 – Língua Materna

L2 – Língua Estrangeira

LC – Linguística Cognitiva

TIC – Teoria da Integração Conceitual

TILS – Tradutor Intérprete de Língua de Sinais

SUMÁRIO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1.2 Objeto de estudo e hipótese	13
1.3 Objetivos.....	14
1.4 Justificativa.....	14
1.5 Definição do <i>corpus</i>	15
1.6 Procedimentos	16
1.7 Estratégia para o registro escrito das narrativas em Libras	16
1.8 Estruturação da dissertação	23
 2 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM	 24
2.1 Considerações iniciais.....	24
2.2 Linguagem como objeto do mundo natural.....	25
2.3 Mente Corporificada (Embodied Mind).....	32
2.4 Materialidade linguística: Affordances.....	37
 3 LÍNGUAS DE SINAIS	 41
3.1 As Línguas de Sinais	42
3.2 Parâmetros da Libras.....	46
3.2.1 <i>Configuração de mão (CM)</i>	46
3.2.2 <i>Ponto de articulação (PA)</i>	48
3.2.3 <i>Movimento (M)</i>	49
3.2.4 <i>Orientação (Or)</i>	50
3.2.5 <i>Aspectos não manuais</i>	51
3.3 O que as Línguas de Sinais podem revelar sobre as operações cognitivas	53
 4 O PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM.....	 57
4.1 Teoria da Enunciação	58
4.2 Teoria da Integração Conceptual.....	60
4.3 Uma interface entre a Teoria da Enunciação e Teoria da Integração Conceptual.....	65
4.4 Espaços mentais e Língua de Sinais.....	68
 5 ATUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ENUNCIATIVOS DE UMA NARRATIVA EM LIBRAS.....	 76
5.1 Considerações iniciais.....	76
5.2 Caracterização da narrativa em Libras.....	77
5.3 A configuração do espaço base na narrativa em Libras	79
5.4 Identificação do processo de eventivação na narrativa	85
5.5 Recursão como operação básica	102
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 104
 REFERÊNCIAS.....	 107
 ANEXO A - DVD	 112

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais

Iniciar os estudos sobre a linguagem consiste no movimento de adentrar-se em um campo de investigação complexo. Afinal, tentar entendê-la é procurar compreender - de maneira ampla - o que nos constitui enquanto humanos.

Sabemos que é através da faculdade da linguagem que os seres humanos se socializam, simbolizando o mundo e partilham regras culturais que os orientam em suas redes de convivência social. Por exemplo, uma criança, ao longo de seu desenvolvimento, necessita compreender os arranjos sociais em que está inserida para obter êxito em sua interação com as pessoas que a cercam. E é *na e pela* linguagem que esses arranjos se reconfiguram de geração a geração.

Ao longo dos últimos anos, vários estudos corroboraram na compreensão de que essa faculdade é inata aos seres humanos e que provém de raízes biológicas da evolução de nossa espécie. Como exemplos podemos citar trabalhos de Chomsky (1986; 1994; 1997; 2002; 2005), Johnson (2007) e Sinha (2009).

Por esses e outros estudos é possível reconhecer a complexidade da linguagem, cujos questionamentos sobre o seu funcionamento ainda estimulam novas investigações.

Entre algumas das principais inquietações sobre essa temática, podemos apontar os estudos que recentemente abordam as chamadas Línguas de Sinais (LS), isto é, línguas cuja modalidade não está ancorada no som, mas nos gestos.

Por séculos as LS eram consideradas apenas gestos de pessoas que não podiam ouvir e com isso não podiam adquirir a “verdadeira” linguagem (WILCOX, 2005). Felizmente, as teorias sobre a linguagem têm modificado a orientação de suas conclusões. Pesquisadores das línguas de sinais têm demonstrado que a interface gestual também revela aspectos relevantes sobre a natureza e o desenvolvimento da linguagem (WILCOX, 2005).

Ou seja, os estudos sobre as LS também nos permitem compreender e ampliar nosso entendimento de que a manifestação da linguagem não se limita apenas à produção sonora, mas pode se realizar através de outro mecanismo articulatório-perceptual (CHOMSKY, 2002) como, por exemplo, as mãos e expressões faciais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O que pretendemos suscitar a partir dessa compreensão é a premissa de que a fronteira entre o que é considerado como manifestação verbal e não verbal pode se extinguir da dicotomia que envolve a relação entre o que é sonoro e o que não é. Portanto, caminhamos para uma melhor compreensão de que o que é considerado manifestação verbal também pode incluir as manifestações gestuais. Assim, todo o organismo e não apenas uma de suas partes deve ser considerado no entendimento da linguagem, o que nos permite reconhecer que as manifestações corporais estão na base da linguagem e do pensamento humano.

Mesmo que nas línguas de sinais não haja a necessidade exclusiva do uso do som, é possível reconhecer os gestos e expressões corporais como expressões linguísticas. Ou seja, a compreensão avança para o homem como um todo, em sua constituição natural enquanto ser *linguageiro*, cujas diversas manifestações possíveis de organização sonora ou gestual refletem sua constituição ontogenética.

Nos últimos 40 anos, os estudos linguísticos sobre as LS têm aumentado, inclusive na defesa dessas línguas também serem consideradas como línguas naturais (EMMOREY, 2002). É relevante apontar que, de acordo com Chomsky (2000), os maiores empreendimentos de pesquisa na área da linguagem também ocorreram nos últimos 40 anos¹. Sendo assim, os estudos das LS estão inseridos em um contexto contemporâneo de investigação da faculdade da linguagem.

Dessa forma, este trabalho se insere em um campo de contínua investigação da linguagem humana, ancorada na Linguística Cognitiva, com uma proposta de pesquisa delimitada no âmbito da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Essa língua foi oficializada no ano de 2002² enquanto língua falada pela comunidade surda brasileira e, após esse reconhecimento, houve um crescimento de pesquisas na área.

Contudo, apesar dos trabalhos que nos últimos anos abordam o reconhecimento linguístico da Libras, uma parcela desses estudos não atende à especificidade de análise dos processos cognitivos que propomos abordar neste trabalho.

¹ The study of language is one of the oldest branches of systematic inquiry, tracing back to classical India and Greece, with a rich and fruitful history of achievement. From a different point of view, it is quite young. **The major research enterprises of today took shape only about 40 years ago, when some of the leading ideas of the tradition were revived and reconstructed, opening the way to what has proven to be very productive inquiry.** (CHOMSKY, 2000, p. 03). Grifo do autor.

² Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002.

Compreendemos a necessidade de novas pesquisas que explorem as singularidades da LS a partir de uma perspectiva cognitiva, e acreditamos que isso possa contribuir na compreensão dos fenômenos linguísticos como um todo.

1.2 Objeto de estudo e hipótese

Apresentamos como proposta de trabalho a seguinte questão:

Como se evidenciam as operações de temporoespacialização na configuração de narrativas em Libras?

Essa pergunta orienta o andamento deste trabalho, pois, como dito anteriormente, as pesquisas sobre as línguas de sinais são recentes (a partir do início da década de 60) e, por isso, o campo ainda é carente de estudos que possam elucidar o funcionamento dessas línguas. Portanto, várias questões ainda surgem e necessitam de um maior esclarecimento científico, sendo necessário um recorte adequado para que a investigação do objeto não perca o foco.

Partindo dessa pergunta, podemos delimitar o objeto de nossa pesquisa como as operações de temporoespacialização. Para conseguirmos identificar e analisar esse objeto, ele será reconfigurado na perspectiva dos pressupostos teóricos adotados. Dessa forma, a partir dos pressupostos da Teoria da Enunciação e da Teoria da Integração Conceptual (TIC), compreendemos as operações de temporoespacialização como uma operação de integração de espaços enunciativos.

Adotamos como hipótese de trabalho que tais operações de temporoespacialização envolvem necessariamente um processo de integração conceptual, que pode ser reduzido a uma única operação: a recursão. Ou seja, o processo de integração de espaços enunciativos ocorre em Libras da mesma forma que ocorre em outras línguas orais.

Isso significa que iremos assumir a perspectiva teórico-metodológica da concepção de linguagem enquanto “objeto do mundo natural” (CHOMSKY, 2002), da Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 2006) e da Teoria da Integração Conceptual - TIC (FAUCONNIER, 1994, 1997; TURNER, 2006; FAUCONNIER; TUNER, 2002).

Propomos explicar o fenômeno da temporoespacialização enquanto um processo de atualização do espaço enunciativo, buscando confirmar a hipótese de

trabalho que as línguas de sinais, como línguas naturais, também evidenciam esse processo de atualização através da integração de novos espaços enunciativos.

1.3 Objetivos

Temos por objetivo geral desta pesquisa:

Verificar como se evidenciam as operações de temporoespacialização na configuração de narrativas em Libras para contribuir nos estudos linguísticos que reconhecem essa modalidade de língua.

Para tanto, podemos enumerar os seguintes objetivos específicos deste trabalho:

- a) identificar e descrever as operações necessariamente envolvidas na construção e integração de espaços enunciativos constitutivos de narrativas em Libras;
- b) identificar e descrever o processo de temporoespacialização dessas narrativas;
- c) apresentar argumentos, a partir da LC, que contribuam no reconhecimento da Libras enquanto uma língua natural;

1.4 Justificativa

Este trabalho é fruto das inquietações do pesquisador que, a partir da sua formação em Psicologia e atuação como tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS), está em contato com a comunidade surda. Desde então, a busca por uma compreensão mais profunda sobre a Libras sempre esteve presente no intuito de contribuir em sua atuação profissional.

Acrescente-se, ainda, que há um intenso movimento social na defesa e difusão da Libras na sociedade brasileira. A partir do ano de 2005³, a legislação de

³ Decreto nº 5626 de 22 de Dezembro de 2005.

nosso país determina o ensino de Libras em diversos cursos de nível superior, o que provocou o crescimento da demanda para o seu ensino ao longo dos últimos anos.

Junto com esse crescimento, há também a busca por estudos que contribuam no embasamento teórico do ensino de Libras. Assim, a necessidade de novas pesquisas é real, atrelada à necessidade de trabalhos que contemplem a temática da cognição aliada aos estudos linguísticos, cuja produção ainda é escassa.

Para o reconhecimento das línguas de sinais foram necessárias investigações que pudessem descrevê-las em comparação aos universais linguísticos das Línguas Orais (LO). Percebemos que os esforços se concentram na emergência e que há poucas investigações sobre a Libras a partir do ponto de vista cognitivo.

Nessa perspectiva, esta pesquisa visa contribuir com as discussões sobre a natureza e funcionamento das línguas de sinais através de uma análise particular sobre a Libras, visando com isso contribuir na ampliação do entendimento acerca do fenômeno linguístico como um todo e não apenas atrelado à emergência material.

1.5 Definição do *corpus*

Esta pesquisa será configurada em um estudo de caso no qual será realizada a análise de uma narrativa em Libras feita por um surdo falante nativo dessa língua.

O vídeo selecionado está disponível na internet através do canal *Youtube* e também em um DVD anexo a esta dissertação. Como o *Youtube* constitui-se como um sítio público, uma vez que os vídeos postados se tornam acessíveis para qualquer usuário da internet, este trabalho - mesmo em seu caráter científico - não necessitou de aprovação de direito de uso de imagem, uma vez que a divulgação pelos usuários desse *site* é de livre vontade. Contudo, pelo fato da Libras ser uma língua de modalidade visual, que tem como componente linguístico as expressões faciais (QUADROS; KARNOPP, 2004), não foi possível algum tipo de edição que viesse a preservar a identidade do autor do vídeo.

O vídeo será identificado pelo título da narrativa em Libras: “Metáfora: Escorpião e Tartaruga”. Trata-se de uma narrativa feita pelo surdo **Rimar Segala**. Ele possui um canal no sítio *Youtube* no qual posta vários vídeos em Libras de sua autoria e, juntamente com a sua irmã, possui uma companhia de teatro chamada “Cia. Arte e Silêncio”. Os vídeos são de curta duração sem tradução para a língua portuguesa.

Figura 1 - Tela inicial do Vídeo: “Metáfora: Escorpião e Tartaruga”



Fonte: SEGALA, 2011

O vídeo selecionado para esta pesquisa foi escolhido respeitando os seguintes critérios:

- a) é de autoria de um surdo nativo em Libras (filho de pais surdos);
- b) é uma narrativa original, isto é, não é uma tradução de um texto originário em português;
- c) é um vídeo de curta duração.

Dessa forma, após a definição do vídeo selecionado serão apresentados os procedimentos adotados na pesquisa.

1.6 Procedimentos

Os procedimentos adotados na condução do trabalho foram: a) pesquisa bibliográfica; b) construção do objeto de estudo; c) construção da metodologia; d) definição do *corpus*; e) realização da análise do *corpus*; f) elaboração escrita da análise e posterior organização em capítulos desta dissertação.

Deve-se salientar que o pesquisador é fluente em Libras, além de exercer a função de intérprete educacional em uma instituição superior da cidade de Belo Horizonte (MG).

1.7 Estratégia para o registro escrito das narrativas em Libras

Outro aspecto que devemos considerar neste trabalho se refere ao registro escrito das narrativas em Libras. Como já apontado, essa língua é de modalidade

visual-espacial, e por isso o modo de mantermos uma referência ao discurso proferido será através de imagens com recortes de vídeo que constitui o *corpus*.

Essa estratégia visa preservar as informações linguísticas da língua, evitando-se equívocos que podem surgir através do uso do português escrito. Esse tipo de registro, de base alfabética, não oferece as condições necessárias para o apontamento de uma língua de modalidade visual-espacial.

As pesquisas sobre as LS têm adotado a metodologia de registro da sinalização através do uso de palavras do português escrito na nomeação dos sinais⁴. Porém, para os propósitos desta pesquisa, tal metodologia não se mostrou adequada, pois, a partir do momento em que se busca nomear determinado sinal da Libras com uma palavra do português, sabemos que a compreensão estará condicionada ao significado da palavra em português. Isso pode se assemelhar ao que popularmente conhecemos como uma tradução “ao pé da letra”.

Atualmente, as LS possuem um sistema de representação gráfico que possibilita o registro escrito. É um sistema denominado *SignWriting*⁵, que, no Brasil, é conhecido como Escrita de Sinais. Contudo, esse não é um sistema amplamente difundido em nosso país, apesar de referências em trabalhos acadêmicos e de algumas pesquisas sobre a Libras.

Neste caso, concordamos com McCleary e Viotti (2006), que afirmam:

Entretanto, logo nos damos conta de que os sistemas de transcrição em uso são limitados, e que sistemas mais adequados ainda estão em processo de desenvolvimento e experimentação. Infelizmente, apesar de as línguas sinalizadas já estarem sendo estudadas por linguistas por quase meio século, o problema de sua transcrição continua sendo um desafio sem solução clara. Diferentemente das línguas orais, que há milhares de anos têm sido representadas por um sistema quase-fonológico - o alfabético - que se presta à transcrição de texto oral e que pôde ser, sem grandes inovações, adaptado à representação fonético-fonológica, as línguas sinalizadas carecem de qualquer sistema de escrita largamente aceito, que possa servir como base de uma transcrição própria. (MCCLEARY; VIOTTI, 2006, p. 1).

⁴ O sistema de nomeação de sinais isoladamente é denominado como GLOSAS. Conforme a proposta de Quadros e Karnopp (2004), Glosa é o uso de palavras do português que permitem a identificação semântica do sinal utilizado em Libras. Dessa forma, o uso da palavra do português faz apenas uma referência ao sinal que é utilizado em Libras, não mantendo uma relação biunívoca com o sinal.

⁵ O *Signwriting* é um sistema de escrita para escrever as línguas de sinais. Esse sistema expressa movimentos, formas das mãos, marcas não-manuais e pontos de articulação. (...) Foi criado por Valerie Sutton em 1974, que criou um sistema para escrever danças e despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa. (...) Esse sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético. (MELLMANN; GELLER, 2009, p. 2).

Além disso, como o pesquisador não domina o recurso do *Signwriting* e, conforme apontado anteriormente, há inadequação do uso de palavras do português na nomeação dos sinais em Libras, optou-se por duas estratégias de registro da transcrição dos sinais das narrativas coletadas: (a) recorte de algumas imagens do vídeo da narrativa; e (b) tradução do vídeo para o português em forma de paráfrase.

Quanto à primeira estratégia, os recortes de algumas imagens do vídeo da narrativa em Libras são utilizados como suporte na compreensão da tradução realizada. Assim, o leitor poderá ter uma referência da narrativa realizada no vídeo em LS. Sabemos que essa estratégia limita a visualização da gesticulação por ser um recorte estático de uma imagem realizada com movimentos, contudo se faz necessário esse registro como forma de complementar a análise do *corpus*.

É possível identificarmos na sinalização em Libras, através do recorte das imagens, unidades menores que possibilitam o registro e a visualização dos sinais realizados. Enquanto “sinal”, assumimos a descrição de Johnson e Liddell (2011):

Na ASL [American Sign Language], o discurso é divisível em unidades que correspondem à clássica noção de enunciados, que são passíveis de serem divididos em sinais. Nós definimos sinais enquanto grupos fonéticos significativos normalmente produzidos sem interrupção. Na ASL os sinais também encontram correspondência à clássica noção linguística de palavra. Assim, com poucas exceções, os termos palavra e sinal são intercambiáveis em nossas descrições, uma prática que é consistente com o uso comum no campo⁶. (JOHNSON; LIDDELL, 2011, p. 409, tradução nossa).

Dessa forma, através da identificação dos sinais realizados pelo informante, será possível selecionar alguns ao longo do discurso e apresentá-los como excertos da narrativa.

Conforme os próprios autores consideram, os sinais na ASL⁷ não são unidades rígidas. No capítulo 02 iremos apresentar um maior detalhamento sobre essa concepção.

Ainda de acordo com os autores:

⁶ In ASL, discourse is divisible into units that correspond to the classic notion of utterances, which are then further divisible into signs. We define signs as meaningful phonetic clusters normally produced without interruption. In ASL, signs also typically meet the criteria for the classic linguistic notion of a word. Thus, with few exceptions, the terms word and sign are interchangeable in our descriptions, a practice that is consistent with common usage in the field.

⁷ ASL: Sigla para “Americam Sign Languagem”, que em português significa Língua Americana de Sinais. É a língua utilizada pela comunidade surda dos Estados Unidos.

A partir desta perspectiva, os segmentos consistem em grupos componenciais de recursos articulatórios associados com configurações de mão, locação, orientações e gestos não-manuais. Argumentamos que cada um destes componentes pode ocorrer sequencialmente em um sinal, de forma independente (...). Esta observação resulta em uma estrutura fundamentalmente sequencial, sublexical de sinais. Assim, os sinais normalmente exibem alterações em uma ou mais das seguintes categorias: configuração lado, a localização, orientação e gesto não-manuais. Essas mudanças resultam em sequências destes componentes que, como demonstramos, são responsáveis por contraste na língua⁸. (JOHNSON; LIDDELL, 2011 p. 409-410, tradução nossa).

Nessa perspectiva, os sinais são estruturas formadas por segmentos gestuais menores que podem ser alterados ao longo da fala, evidenciando diferenças entre si. Dessa forma, faz-se necessária uma observação atenta na correta identificação dos sinais e consequentemente no seu registro.

Buscamos um recurso tecnológico que possibilitou o recorte do vídeo de forma segmentada para facilitar a visualização dos sinais. Para isso, utilizou-se o programa *Free Video to JPG Converter*⁹, que segmenta o vídeo em vários *frames*. Sabemos que é a exibição dos *frames* que possibilita a ilusão de movimento da imagem. Em um segundo, aproximadamente 20 *frames* são exibidos no vídeo, e pela velocidade de movimento dessas imagens o cérebro interpreta como sendo um único movimento.

Johnson e Liddell (2011) também utilizam a visualização por *frames* para uma análise dos sinais da ASL.

Ao analisar os *frames* do vídeo selecionado nesta pesquisa, é possível evidenciar uma ação contínua na sinalização do informante. Isso foi possível através do uso do programa *Free Video to JPG Converter*. Esse programa separou o vídeo selecionado em 8.465 *frames*, o que torna inviável a apresentação de todos eles. Desse modo, optamos por destacar as imagens que pudessem apresentar de forma global alguns dos sinais realizados pelo informante. Alguns são apresentados com mais de uma imagem, pois são sinais cujo trajeto do deslocamento/movimentação mapeia informações necessárias para o entendimento do que está sendo dito.

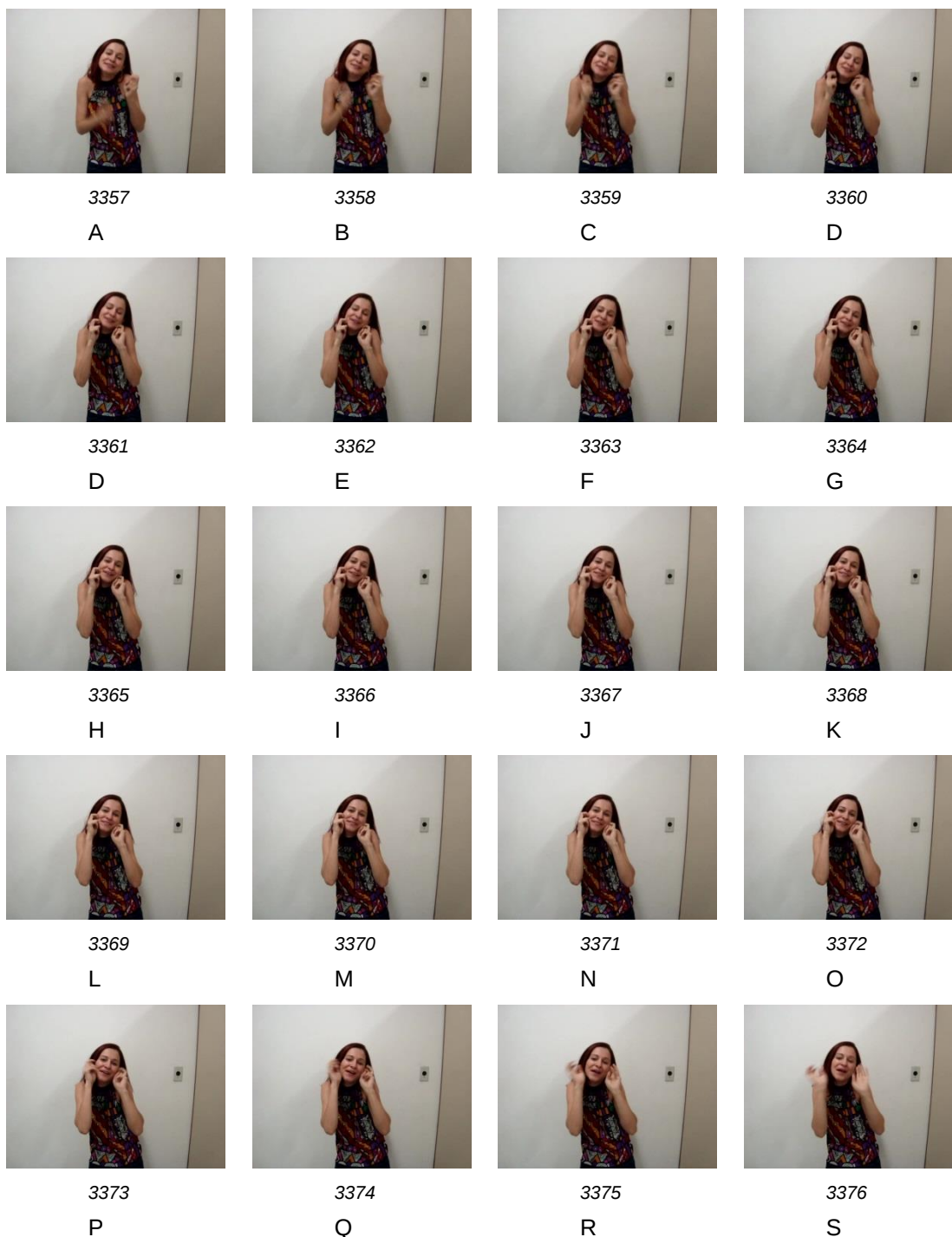
⁸ From this perspective, segments consist of componential groups of articulatory features associated with hand configurations, locations, orientations, and nonmanual gestures. We argue there that each of these components may occur sequentially in a sign, independently (...). This observation results in a fundamentally sequential, sublexical structure for signs. Thus, signs commonly exhibit changes in one or more of the following categories: hand configuration, location, orientation, and nonmanual gesture. These changes result in sequences of those feature complexes that, as we demonstrate, are responsible for contrast in the language.

⁹ Programa disponível gratuitamente na internet.

Algumas informações foram acrescentadas de sinais gráficos de forma a complementar o registro.

Para exemplificar, destacamos os *frames* da sinalização de outro trabalho de pesquisa realizado pelo pesquisador. A sinalização pode ser traduzida para o português através das palavras VERGONHA/ENVERGONHADO.

Figura 2 - Frames da sinalização em Libras VERGONHA/ENVERGONHADO



Fonte: Vídeo da pesquisa

Como podemos observar, essa sinalização ocorreu ao longo de 20 frames (em exatamente 01 segundo). Cada frame acima está descrito com a numeração gerada pelo programa *Free Video to JPG Converter*, as letras logo abaixo da numeração também indicam a sequência de cada um deles.

Existem várias informações que podem ser apontadas, como, por exemplo, a modificação do trajeto das mãos da informante no início até o final da sinalização.

Nos quadros A, B, C e D, a informante está iniciando a sinalização com as mãos levando-as para a altura do rosto. Ao longo dos outros 14 quadros (E até P), ela mantém a mesma configuração de mão¹⁰ com um movimento contínuo para cima na altura do rosto. E finalmente nos últimos quadros Q, R e S, ela está finalizando a sinalização com uma ruptura no movimento anterior, desfazendo a configuração de mão.

Assim, podemos identificar pelo menos três momentos distintos: (a) o início da sinalização, (b) a sinalização propriamente dita e (c) o final da sinalização.

A partir disso, podemos então visualizar o que se mantém constante ao longo da sinalização e assim propor uma imagem que possa demonstrar o *continuum* desse processo, por exemplo, a figura 03 abaixo:

Figura 3 - Frame referente à sinalização VERGONHA/ENVERGONHADO

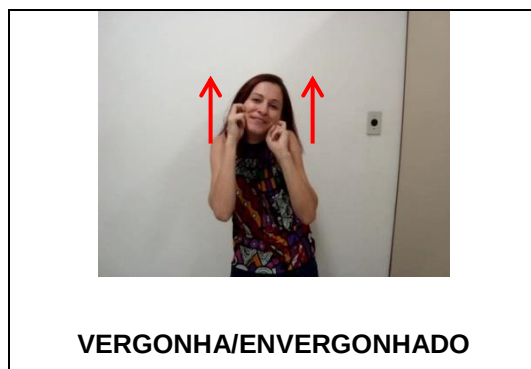


Fonte: Vídeo da pesquisa

No entanto, para um registro completo, a imagem deve ser acrescida de outros elementos gráficos (como setas), podendo ser acompanhada por outras informações em português sobre a sinalização. A forma final de registro pode ser vista na figura 4.

¹⁰ Este conceito será melhor detalhado no capítulo 02 desta dissertação.

Figura 4 - Registro da sinalização VERGONHA/ENVERGONHADO



Fonte: Vídeo da pesquisa

Outros sinais requerem um registro mais complexo, como a sinalização SENTAR/POUSAR (figura 5):

Figura 5 - Registro da sinalização SENTAR/POUSAR



Fonte: Vídeo da pesquisa

É possível observar na figura 5 que a sinalização realizada pela informante foi registrada em duas imagens, pois possui elementos significativos que necessitam de mais de uma imagem para demonstrar toda a movimentação. Nota-se que a mão esquerda da informante se desloca de um ponto A no espaço para um ponto B. Essa movimentação é responsável pelo mapeamento cognitivo da informação de deslocamento de uma entidade específica que, na enunciação, já havia sido

referenciado. Como veremos no capítulo 02, esse dado é relevante para a compreensão da sinalização.

Conforme a figura acima, os números subscritos ao lado das palavras SENTAR/POUSAR demonstram a sequência na qual a sinalização é realizada. As aspas indicam o movimento realizado pelas mãos e os círculos representam o local de deslocamento. Como já abordado, essas estratégias visam representar alguns aspectos que não podem ser capturados por uma imagem estática de toda a movimentação das mãos, dos braços, ou ainda da direcionalidade e deslocamento do corpo.

Além disso, logo abaixo das imagens da figura 5 há uma descrição mais detalhada com informações relevantes sobre a sinalização em Libras para as pessoas que não são proficientes nessa língua, visando também contribuir para um maior entendimento da sinalização.

Conforme mencionado, a segunda estratégia adotada foi a tradução do vídeo em Libras para o português em forma de paráfrase, isto é, a narrativa em Libras foi traduzida para o português de forma a possibilitar ao leitor que não é fluente em Libras o entendimento adequado do sistema de sinais analisados.

Dessa forma, no capítulo das análises do vídeo há o registro escrito formado pelo recorte das imagens acompanhando da tradução para o português. Além disso, é apresentada a referência ao trecho correspondente no vídeo para que seja possível sua visualização no DVD em anexo.

1.8 Estruturação da dissertação

Esta pesquisa se organiza da seguinte forma: após a introdução, no segundo capítulo, é discutida mais profundamente a perspectiva teórica adotada na definição e conceituação da Linguagem e como essa definição norteia o trabalho para compreensão do fenômeno pesquisado; no terceiro capítulo, é apresentada a definição da Libras e a compreensão dessa língua a partir da concepção de linguagem adotada; no quarto capítulo, são apresentadas as concepções teóricas que orientam a análise do *corpus*; no quinto capítulo, o *corpus* é analisado à luz do quadro teórico proposto. E por fim, no último capítulo, são apresentadas as considerações finais do percurso teórico deste trabalho.

2 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM

2.1 Considerações iniciais

No início deste trabalho, afirmamos que discutir sobre a linguagem é ao mesmo tempo discutir o que seja o homem. Essa premissa, ainda que geral, já aponta para a seguinte conceituação: adotamos esse fenômeno compreendendo-o como uma característica específica dos seres humanos.

Explicitar tal definição se faz necessário para compreensão do objeto de pesquisa definido e *a posteriori* para entendimento da análise proposta. Nesse sentido, este capítulo tem por objetivo apresentar a concepção teórica de linguagem que norteia esta pesquisa.

Reafirmamos que partimos da concepção de linguagem como propriedade do ser e não como uma *entidade* abstrata que existe fora do sujeito. Compreendemos que essa visão teórica pode ser localizada no escopo da Linguística Cognitiva (LC), sendo que alguns de seus pressupostos serão adotados nesta pesquisa.

Os estudos da LC constituem um campo formado pela interlocução de vários saberes, o que o torna receptivo para as reflexões sobre as línguas de sinais, afinal, essa é uma temática que ainda carece de investigações mais profundas e que pode contribuir nos estudos sobre a linguagem humana.

Cavalcante e Souza (2010) esclarecem que,

em poucas palavras, os diferentes quadros teóricos que se instituem no âmbito da LC compartilham o pressuposto de que a linguagem humana não se caracteriza a partir de um módulo cognitivo independente de outros módulos cognitivos do ser humano, sendo, sim, uma das facetas da cognição humana geral que emerge (...) da integração concreta (...) em uma perspectiva 'corporificada' (*embodied*). (CAVALCANTE; SOUZA, 2010, p. 68).

Ainda segundo os autores:

essa tese assegura que a mente humana e a própria organização conceptual resultam da forma como o corpo humano interage com o meio em que habita. (...) Para a LC, portanto, a linguagem reflete a estrutura conceptual, que, por sua vez, reflete as experiências corporais. (CAVALCANTE; SOUZA, 2010, p. 68).

Nessa perspectiva, é possível reconhecer que a escolha de situar este trabalho no campo de investigação da LC pode contribuir na reflexão e análise do objeto de pesquisa. Afinal, compreendemos que nesse campo a linguagem é reconhecida como parte integrante do sistema cognitivo e que as operações que subjazem a cognição humana são a base de seu funcionamento.

Nesse sentido, não podemos sustentar a dicotomia *linguagem versus cognição*, mas uma relação do tipo *linguagem/cognição*, pois investigar a linguagem é ao mesmo tempo investigar a cognição humana e vice-versa.

2.2 Linguagem como objeto do mundo natural

A linguagem pode ser estudada sobre vários prismas, e o escolhido neste trabalho se configura a partir dos estudos de Chomsky (1986; 1995; 1997; 2000; 2002; 2004) e de Hauser, Chomsky e Fitch (2002). Além desses, recorreu-se a outras contribuições, principalmente dos trabalhos de Gibbs (2005), Johnson (2007), Fauconnier (1994; 1997), Fauconnier e Turner (2002; 2008).

Durante algum tempo, os estudos da linguagem tiveram como foco de suas reflexões os aspectos característicos apenas das línguas, cuja modalidade era ancorada no som, ou seja, apenas as características relacionadas à oralidade eram reconhecidas como expressão evidente da faculdade da linguagem.

Dessa forma, outras manifestações, como por exemplo os gestos e expressões da face, eram consideradas secundárias. Isso pode, inclusive, esclarecer a resistência que ainda existe na aceitação de estudos que afirmam que as línguas de sinais são línguas naturais (mesmo que a materialidade dessa língua se faça com a articulação gestual e não com a articulação sonora).

Assim, para ampliarmos o entendimento do fenômeno linguístico, de forma que seja possível incluir as discussões sobre as LS, faz-se necessário adotarmos uma concepção de linguagem específica que não exclua as diferentes possibilidades de materialização.

Um primeiro passo é compreender que a linguagem não pode ser considerada apenas como uma entidade abstrata, externa ao homem, que existe independente de sua produção. Além disso, não devemos compreender que os conceitos de língua e linguagem sejam sinônimos, como se linguagem fosse estritamente uma capacidade de comunicação, ou apenas um produto dessa

capacidade (ILARI, 2003, p. 48) necessariamente atrelada à articulação material perceptível enquanto articulação sonora ou gestual.

Já apresentamos que as emergências sonoras e gestuais reconhecidas das línguas naturais são decorrentes de determinados processos cognitivos do ser humano, inclusive em sua interação com o ambiente em que vive.

Para avançarmos, recorremos aos trabalhos de Chomsky (1986; 1997; 2002; 2004). Segundo o pesquisador:

A faculdade da linguagem pode razoavelmente ser considerada como “um órgão linguístico” no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa. Nós temos a esperança de compreender a complexidade do todo em sua plenitude através da investigação das partes que têm características distintivas, e das interações entre elas. Do mesmo modo procede o estudo da faculdade da linguagem. (CHOMSKY, 1997, p. 50).

Compreende-se a linguagem como um conjunto funcional de processos/operações de um organismo vivo em constante interação com o ambiente no qual está inserido. Nesta perspectiva, pode-se comparar a linguagem a qualquer outro órgão ou sistema do corpo humano, por exemplo, o sistema circulatório. Para conhecermos de forma mais profunda esse sistema é necessário analisá-lo em funcionamento e em sua interação com outros sistemas. Dessa forma, mesmo que seja possível “dissecar” os órgãos que compõe e se interagem nesse sistema específico, apenas no organismo vivo em funcionamento é possível termos a compreensão de como o sistema realmente funciona.

Com as contribuições de Chomsky muda-se o foco de análise, no qual o sujeito passa a ser o centro da investigação, ou seja, investigamos a maneira como ele opera os mecanismos da linguagem e como estes mecanismos se organizam em seus processos mentais.

Reafirmamos que não é mais o produto do comportamento linguístico que é o objeto de estudo, mas os estados mentais subjacentes a esse comportamento. De acordo com Chomsky (1986, p. 25), “o estudo da gramática gerativa foi empreendido com o objetivo de conseguir algum esclarecimento sobre a natureza e origens do sistema de conhecimento, de crenças e, mais amplamente, de compreensão (...) da Linguagem Humana”.

Dessa maneira, as premissas apresentadas por Chomsky (1986) orientam a investigação na tentativa de responder: a) o que constitui o conhecimento da língua; b) como é adquirido o conhecimento da língua; c) como é usado o conhecimento da língua.

A proposta de Chomsky (1986) se orienta na investigação da capacidade humana de adquirir o conhecimento linguístico a partir de princípios gerais concernentes à sua espécie, isto é, de padrões gerais que realizados pelo sujeito caminham para uma especificidade de aquisição e uso de determinada língua.

Nesta perspectiva, é possível adotar o conceito de Gramática Universal (GU), também postulado por Chomsky, como “conjunto de princípios e de elementos comuns às línguas humanas possíveis” (CHOMSKY, 1986, p. 23). Em outras palavras, a GU aborda o que há de construtivamente comum nas línguas, os elementos que constituem essas línguas e que permitem seu desenvolvimento e uso pelos falantes. Parte-se do princípio de que há mecanismos internos que são ativados pela interação do sujeito com o ambiente externo, permitindo com isso a aquisição de determinada língua, ou seja, “um mecanismo que converte a experiência [vívida] num sistema de conhecimento atingido” (CHOMSKY, 1986, p. 23).

Esse mecanismo é compreendido como a base para o desenvolvimento do instinto da linguagem, isto é, enquanto *language organ* (CHOMSKY, 2004), ou seja, como um “órgão de linguagem” que é constituído de propriedades naturais do próprio organismo. Isso significa que a linguagem humana deve ser compreendida como parte da constituição humana, não como algo que lhe é dado externamente, mas que está presente em sua constituição biológica.

Essa apreensão particular pode ser denominada como Gramática Particular (GP), ou seja, como a possibilidade individual de manifestação dessas operações cognitivas. Nesse sentido, compreendemos a afirmação de Chomsky de que “duas pessoas podem partilhar exatamente o mesmo conhecimento da língua, mas podem diferir marcadamente na capacidade para pôr em uso tal conhecimento” (CHOMSKY, 1986, p. 28).

Dessa forma, compreendemos o conceito de linguagem como uma faculdade humana que, como tal, se manifesta de modo particular nas línguas naturais a partir de operações/princípios comuns à espécie humana.

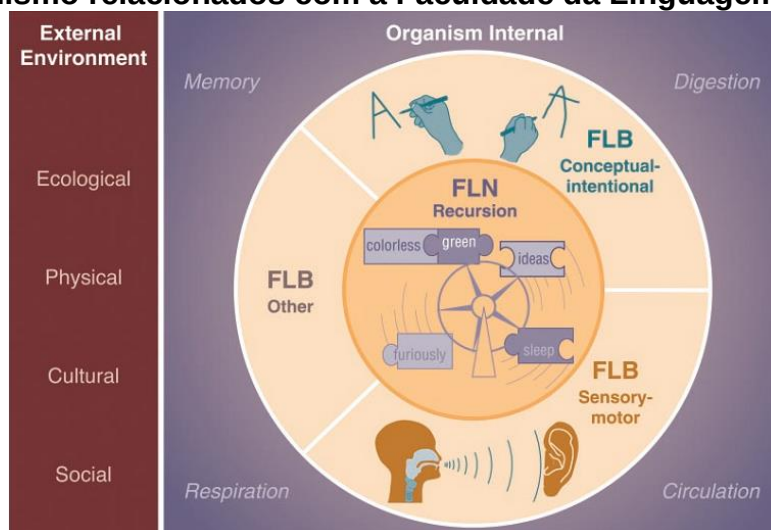
Complementando essa concepção, podemos recorrer ao trabalho de Hauser, Chomsky e Fitch (2002) intitulado *The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve?*, no qual os autores discorrem sobre como a linguagem humana, o modo como se manifesta, é decorrente da evolução da espécie e que, apesar dos outros animais possuírem propriedades cognitivas de comunicação, nenhum outro se aproxima da capacidade humana.

O que torna os seres humanos “especiais” é reconhecido na capacidade inventiva e criativa da linguagem, tendo em vista que essa capacidade é natural da espécie.

Hauser, Chomsky e Fitch (2002) compreendem essa especificidade ao afirmarem que “o termo linguagem é usado de forma diferenciada para se referir a um componente interno da mente/cérebro (às vezes chamado de Língua Interna ou Língua-I)¹¹”.

Essa definição precisa de maiores desdobramentos para o entendimento do processo de produção e compreensão da linguagem. Para isso, faz-se necessária a apresentação do seguinte esquema descrito pelos autores. Para eles, é possível esquematizar a linguagem em dois componentes: sentido amplo (FLB¹²) e sentido restrito (FLN¹³).

Figura 6 - Representação esquemática dos fatores externos e internos do organismo relacionados com a Faculdade da Linguagem



Fonte: HAUSER; CHOMSKY; FITCH, 2002, p. 1570

¹¹ The term ‘language’ is used quite differently to refer to an internal component of the mind/brain (sometimes called ‘internal language’ or ‘I-language’).

¹² FLB: Faculty of language - broad sense.

¹³ FLN: Faculty of language - narrow sense.

O primeiro componente da linguagem no sentido amplo (FLB) inclui o sistema sensorio motor e o sistema conceitual intencional. O sistema sensorio motor - correspondente ao componente articulatorio perceptual (AP) - é responsável por ler as instruções fonéticas de uma determinada língua, e o sistema conceitual intencional (CI) está relacionado aos aspectos semânticos. Ambos os componentes são coordenados por uma operação cognitiva nuclear básica, responsável pela articulação de AP e CI, pela faculdade da linguagem em sentido restrito (FLN), que se reduz à operação de recursão.

Essa propriedade se define pela capacidade de inserir estruturas no interior de estruturas, ou ainda como a capacidade de efetivar um *loop* que pode ser estendido infinitamente no qual o sistema permite que a informação de saída (*output*) seja aproveitada como a informação de entrada (*input*) na criação de seqüências e estruturas mais complexas. (CORBALLIS, 2011, p. 6).

Michael Corballis, em sua obra *The Recursive Mind: The Origins of Human Language, Thought, and Civilization*, também corrobora no entendimento da recursão enquanto uma propriedade nuclear da cognição humana. Ele apresenta duas características sobre a recursividade do pensamento humano. A primeira, evidenciada pela “habilidade [da mente] de lembrar eventos passados e de projetar eventos futuros”¹⁴ (CORBALLIS, 2011, p. ix, tradução nossa). O segundo aspecto do pensamento recursivo é evidenciado pela “habilidade de entendimento do que se passa na mente das outras pessoas”¹⁵. (CORBALLIS, 2011, p. ix, tradução nossa). Nas palavras do autor: “Eu posso saber não apenas o que você está pensando, mas eu posso saber que você sabe o que eu estou pensando”¹⁶ (CORBALLIS, 2011, p. ix, tradução nossa).

A visão de Corballis corrobora com a posição de Hauser, Chomsky, Fitch, (2002) por considerar a recursão enquanto uma operação natural do ser humano e por consequência uma operação da linguagem humana.

Desse modo, podemos afirmar que a recursão tem um papel fundamental na compreensão da linguagem humana, uma vez que trata-se de uma operação constitutiva do pensamento. Pinker e Jackendoff (2005), citados por Corballis (2011), afirmam que “a única razão pela qual a linguagem necessita ser recursiva é

¹⁴ the ability to call past episodes to mind and also to imagine future episodes.

¹⁵ (...) the ability to understand what is going on in the minds of others.

¹⁶ I may know not only what you are thinking, but I may also know that you know what I am thinking.

pelo fato de que seu funcionamento expressa o pensamento recursivo. Se não houvesse pensamento recursivo, os meios das expressões também não poderiam ser recursivos”¹⁷ (PINKER; JACKENNDOFF, 2005, apud CORBALLIS, 2011, p. 6, tradução nossa).

Ou seja, a recursão, enquanto propriedade natural da linguagem no sentido restrito, reflete a capacidade do pensamento humano que é recursivo. Dessa forma, podemos reconhecê-la enquanto operação central da linguagem.

Esse processo da linguagem é reconhecido como interno ao ser humano, com um grau de funcionalidade necessário como outro órgão humano. O ambiente externo, como fatores físicos, culturais, sociais concorrem paralelamente como fatores também necessários para a produção de sentido, uma vez que o organismo está em constante interação em seu meio.

Em resumo, como já apresentado a partir do esquema da figura 6, compreende-se a linguagem como um conjunto funcional de operações que pode ser comparado a um órgão biológico (tomando, por exemplo, o coração, que também possui um conjunto funcional de processos) em constante interação com outros sistemas do corpo humano e com o ambiente no qual o sujeito está inserido.

Assim, essa capacidade humana de linguagem enquanto propriedade interna do organismo pode ser compreendida como inata ao ser humano, uma vez que, como outros sistemas, é geneticamente constituída.

Segundo Chomsky (2002):

A linguagem humana baseia-se em uma propriedade elementar que também parece ser biologicamente isolada: a propriedade da infinitude discreta, exibida em sua forma mais pura pelos números naturais 1,2,3,... As crianças não aprendem essa propriedade; a menos que a mente já possuíisse esses princípios básicos, nenhuma evidência poderia fornecê-los. De maneira semelhante, nenhuma criança precisa aprender que há sentenças de três e quatro palavras, e não sentenças de três palavras e meia, e que elas continuam assim por diante (CHOMSKY, 2002, p. 30).

Assim, a linguagem humana, a partir das perspectivas de Chomsky (1986; 1997; 2002; 2004) e de Hauser, Chomsky, Fitch, (2002), pode ser reconhecida como parte da constituição ontogenética dos seres humanos, tendo como operação

¹⁷ The only reason language needs to be recursive is because its function is to express recursive thoughts. If there were not any recursive thoughts, the means of expression would not need recursion either.

nuclear a recursão, uma operação cognitiva básica através da qual o organismo se auto-organiza em seu nicho.

O conceito de “nicho”, originalmente utilizado pelos ecologistas, configura a interação que determinado organismo estabelece com o ambiente no qual está inserido. Mais do que o conceito de *habitat* que define o *locus* no qual o organismo vivo se estabelece, o conceito de nicho se refere ao modo como o ser se integra e interage ao seu ambiente. De acordo com Gibson (1986) citado por Santos (2010):

Os ecologistas têm o conceito de nicho. Sabe-se que uma espécie animal utiliza ou ocupa certo nicho no meio ambiente. Isso não é exatamente o mesmo que o habitat da espécie; um nicho refere-se mais ao modo como o animal vive do que onde ele vive. Eu diria que um nicho é um conjunto de possibilidades. (GIBSON, 1986, p. 128, apud SANTOS, 2010, p. 66).

Dessa forma, o organismo vivo, a partir de sua constituição biológica própria da espécie humana, em constante interação com o seu nicho, manifesta, enquanto emergência da faculdade de linguagem, a capacidade de articular os sons - que conhecemos como línguas orais (LO) - bem como a capacidade de articular gestos - que conhecemos como línguas de sinais (LS).

A partir dessa concepção de linguagem, compreendemos que o modo pelo qual ela se manifesta é secundária, isto é, a faculdade da linguagem é característica da espécie humana, independente de como possa emergir.

As línguas de sinais, por exemplo, podem demonstrar outros tipos de emergência como manifestações dessa capacidade inata do homem:

Inicialmente, não está provado que a função da linguagem, tal como ela se manifesta quando falamos, seja inteiramente natural, isto é, que nosso aparelho vocal tenha sido feito para falar, assim como nossas pernas para andar. Os linguistas estão longe de concordar com esse ponto. Assim para Whitney, que considera a língua uma instituição social da mesma espécie que todas as outras, é por acaso e por simples razões de comodidade que nos servimos do aparelho como instrumento da língua; os homens poderiam ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas (SAUSSURE, 1995, p. 17).

Complementando, segundo Chomsky (1995):

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, e os problemas obscuros relacionados à interface C-I (conceptual-intencional) é ainda mais. O termo “articulatório” é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem

apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em línguas de sinais evidencia que essa concepção é muito restrita. Eu continuarei a usar o termo, mas sem quaisquer implicações sobre a especificidade do sistema de output, mantendo o caso das línguas faladas. (CHOMSKY, 1995, apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 29).

Dessa forma, podemos reconhecer em Saussure e em Chomsky a possibilidade de questionarmos a valorização do uso da articulação sonora apenas como exclusiva manifestação da linguagem humana. Ao optarmos por aceitar apenas a articulação sonora como comprovação da manifestação da linguagem, incorre-se em direcionarmos o foco da discussão apenas na materialidade. Dessa forma, valorizaríamos a produção sonora e nos esqueceríamos de que essa manifestação é secundária do ponto de vista cognitivo. Se continuarmos definindo a linguagem como sinônimo de sonoridade, a língua - independente de qual seja - continua sendo reconhecida externa ao homem.

Podemos, então, afirmar que não compreendemos a linguagem apenas em sua manifestação sonora ou em sua manifestação gestual (através das LS), mas nas operações e processos percepto-cognitivos que estão na base dessas emergências.

Como dito anteriormente, essa noção de linguagem, como objeto do mundo natural, possibilita compreender que a sua manifestação não se restringe somente à oralidade, mas a todo o corpo.

Essa reflexão pode ser aprofundada pelos estudos das LS, que nos permitem compreender essa noção de linguagem através da investigação de uma língua cuja emergência é gestual.

2.3 Mente Corporificada (*Embodied Mind*)

*Como nosso corpo influencia o modo como pensamos e falamos?*¹⁸ (GIBBS, 2005, p. 01).

Prosseguindo em nossa discussão sobre a concepção de linguagem adotada, nesta seção será discutido o conceito de *Embodied Mind* (JONHSON, 2007), ou seja, de *mente corporificada*, para complementar a definição do nosso objeto de estudo.

¹⁸ How do our bodies influence the way we think and speak?

De início, recorreremos ao trabalho de Gibbs (2005), que também discorre sobre *Embodiment*, isto é, a *corporeidade* dentro dos estudos das ciências cognitivas. Em seu trabalho, o autor reconhece a dimensão corporal como componente estrutural do funcionamento cognitivo dos seres humanos.

Para além de uma postura *mentalista* em que toda a conceituação sobre produção de sentido se restringe aos mecanismos mentais, Gibbs (2005), juntamente com outros teóricos como Jonhson (2007) e Turner (2006), postula que as “experiências corporificadas”¹⁹ são base para a estruturação de operações e processos cognitivos. Ou seja, o modo como pensamos sobre nossas experiências pode ser moldado a partir de nossas experiências corporais (GIBBS, 2005).

É possível reconhecer que não devemos mais considerar a mente humana separada de sua dimensão corporal, uma vez que a mente humana é moldada pelas experiências corporais. De acordo com Gibbs (2005):

Meu objetivo é descrever a maneira pela qual muitos aspectos da cognição são fundamentados na corporeidade, especialmente em termos da experiência fenomenológica de nossos corpos em ação. A Corporificação (*embodiment*) pode não fornecer a única base para todo o pensamento e linguagem, mas é uma parte essencial dos processos perceptivos e cognitivos pelos quais produzimos sentido através de nossas experiências no mundo²⁰ (GIBBS, 2005, p. 03, tradução nossa).

Ainda em seu trabalho, Gibbs (2005) cita Platão que, em sua obra ‘Phaedo’, ilustra bem o pensamento ocidental que negligencia o corpo como condição necessária para a cognição humana. A mente é reconhecida hierarquicamente superior ao corpo que, com “suas paixões, desejos, medos, atrapalha a mente em sua aspiração de alcançar à verdade”. (p. 3). Dessa forma, é evidenciado que no pensamento ocidental ainda impera a compreensão da separação entre mente e corpo. Essa separação de conceitos acaba gerando prejuízos na compreensão de alguns fenômenos, como a própria linguagem.

Gibbs (2005) apresenta estudos que indicam que as experiências corporais de crianças estão na base da compreensão de processos cognitivos superiores:

¹⁹ “embodied experiences” (GIBBS, 2005, p. 01).

²⁰ My aim is to describe the way in which many aspects of cognition are grounded in embodiment, especially in terms of the phenomenological experience of our bodies in action. Embodiment may not provide the single foundation for all thought and language, but it is an essential part of the perceptual and cognitive processes by which we make sense of our experiences in the world.

Vários experimentos demonstram a importância da exploração corporal do mundo pela criança na aprendizagem sobre os objetos e seus comportamentos (...). Este trabalho empírico sugere que muitos conceitos básicos podem surgir a partir de ações corporais rudimentares e das experiências de crianças pequenas. Causalidade e ação, por exemplo, podem estar enraizados fenomenologicamente em sensações infantis de interação de seus próprios corpos com objetos e outras pessoas²¹. (GIBBS, 2005, p. 08).

Ou seja, a manipulação e a interação corporal do indivíduo com o ambiente é natural enquanto reflexo de sua capacidade cognitiva. O corpo pode ser reconhecido em sua integridade na base dessas operações mentais, cuja linguagem está intimamente correlacionada.

É possível reconhecermos que para referirmos aos processos cognitivos é necessário considerar a relação corporal envolvida nesses processos.

Gibbs (2005) ainda afirma que:

No entanto, trabalhos recentes sugerem que muitos dos aspectos visual e motor compartilham uma representação comum e possivelmente um substrato neuropsicológico. Vários estudos demonstraram que a capacidade de transformar imagens mentais está ligada a processos motores (...). Pesquisadores agora afirmam que "a antecipação visuomotora é o motor que impulsiona a rotação mental" (Wexler et. al., 1998). Sob este ponto de vista, os mecanismos semelhantes conduzem tanto a transformação da imagem visual e a produção de movimentos corporais²². (GIBBS, 2005, p. 07).

O que queremos afirmar é que a dicotomia mente *versus* cérebro não mais contribui para o entendimento de alguns fenômenos cognitivos, já que essa perspectiva fragmenta a compreensão do reconhecimento da linguagem como constituição natural do ser humano. Dessa forma, propomos reconhecer que a mente humana não é considerada apenas como uma "entidade abstrata" que se funda de maneira mística e que possui um corpo. Na verdade, mente e corpo estão estreitamente relacionados, uma vez que são as nossas experiências corporais que oferecem o substrato das operações cognitivas.

²¹ Several experiments now demonstrate the importance of the child's bodily exploration of the physical world in learning about objects and their behaviors (...). This empirical work suggests that many basic concepts may arise from rudimentary bodily actions and young children's felt experiences of them. Causation and agency, for example, may be rooted in infant's phenomenological sense of their own bodies' interaction with objects and other people.

²² However, recent work suggests that many aspects of visual and motor imagery share a common representational and possibly neuropsychological, substrate. Various studies demonstrate that ability to transform mental images is linked to motor processes (...). Researchers now claim that "visuomotor anticipation is the engine that drives mental rotation" (Wexler et al., 1998). Under this view, similar mechanisms drive both visual image transformation and the production of embodied movements.

Os processos cognitivos não dependem somente da atividade cerebral, mas estão vinculados às diversas partes do corpo humano. Os conceitos e raciocínios humanos são estruturados através das experiências cotidianas corpóreas, das interações do indivíduo com o meio ambiente, inclusive no que se refere à sociedade e à cultura. Há, portanto, uma íntima relação entre a mente e o corpo, entre o cérebro e os demais sistemas do organismo. A dicotomia mente corpo é inexistente. A natureza detalhada e dinâmica de nossos corpos, nosso cérebro e nosso funcionamento cotidiano no mundo, estruturam os conceitos e a razão humana. (LAKOFF; NÚÑEZ, 2000, apud MARQUES, 2007, p. 16).

O que se pretende elucidar é que somos, portanto, biologicamente programados para, através de nossa interação corporal com o mundo, realizar operações de significação dos fenômenos que nos cercam; entre eles, de falar uma língua (seja esta língua manifesta na modalidade oral ou gestual):

aprendemos porque somos programados biologicamente para aprender; faz parte da nossa natureza humana a capacidade de aprender de forma racional, e não por associação de estímulos a respostas. E mais, esse aprendizado não se dá no vazio, mas está inserido no contexto social que nos cerca. Ou seja, não aprendemos sozinhos, reinventando a língua, mas aprendemos sob o controle do grupo social em que nos inserimos. (OLIVEIRA, 2005, p. 18).

Dessa forma, compreendemos as línguas (orais ou sinalizadas) sempre como emergências, ou seja, como manifestações de operações cognitivas cuja base é justamente a relação de um corpo (organismo) com seu meio (nicho).

Nesta perspectiva, podemos citar o trabalho de Johnson (2007) que complementa essa compreensão ao afirmar que:

significados não residem em nosso cérebro, nem em nossa mente descorporificada. Significado requer um cérebro funcionando em um corpo vivo que envolve seu ambiente – ambientes que são sociais e culturais, bem como físicos e biológicos. (JOHNSON, 2007, p. 152, tradução nossa)²³.

O trabalho desse autor, mais especificamente na obra *The Meaning of the Body: a esthetics of human understanding*, apresenta uma questão básica na investigação do corpo na produção de sentido. O autor questiona “como pode o significado emergir de nossa experiência corporal, da nossa atividade sensório-motora e ainda assim ser a base para o pensamento abstrato?” (JOHNSON, 2007,

²³ Meaning does not reside in our brain, nor does it reside in a disembodied mind. Meaning requires a functioning brain, in a living body that engages its environments – environments that are social and cultural, as well as physical and biological.

p. 136). Isto é, o autor considera que a produção de sentido, característica da faculdade de linguagem enquanto uma atividade na qual o ser humano cria e recria sentido, se constitui primitivamente em nossa base corpórea. O sistema perceptual, em sua base mais biológica, produz significado mesmo antes de termos dele a consciência de determinados fenômenos.

Padrões dinâmicos e recorrentes de interações entre organismo e ambiente. Como tal, eles se revelarão nos contornos de nossa experiência sensório-motora (...). Por exemplo, devido à nossa configuração corpórea, nós projetamos esquerda/direita; na frente/atrás; perto/longe, através do horizonte de nossas interações perceptuais.” (JOHNSON, 2007, p. 136-137)²⁴.

Em suma, é a maneira como a qual experienciamos nosso corpo em relação ao ambiente que nos permite produzir sentido.

Assim, podemos afirmar que também compreendemos a linguagem como objeto do mundo natural que emerge de uma mente *corporificada*. Ou seja, de uma mente que emerge de um cérebro (organismo) que está inserido em um determinado nicho.

A premissa que apresentamos é que os estudos da LC têm proporcionado argumentos que reconhecem que todo o corpo está envolvido nas operações cognitivas relacionadas na produção de sentido, isto é, na constituição da linguagem humana.

Dessa forma, é possível avançar na reflexão de que as atividades cognitivas se definem a partir da estreita ação corporal do ser humano no ambiente em que está inserido. As manifestações gestuais das LS podem ser consideradas como emergências dessa capacidade natural dos seres humanos e, portanto, não mais negligenciadas.

As Línguas de Sinais (LS) se manifestam corporalmente, como as Línguas Orais (LO). Ambas as manifestações são produções de uma mente corporificada, a diferença está no uso da materialização. Nas línguas orais há um “privilégio” da articulação dos sons, enquanto que nas LS há um “privilégio” no uso dos gestos (uma vez que, pelo fato de não ouvirem, as pessoas surdas não recebem um

²⁴ “Image schema is a dynamic, recurring pattern of organism-environment interactions. As such, it will reveal itself in the contours of our basic sensorimotor experience (...). For example, because of our particular bodily makeup, we project right and left, front and back, near and far, throughout the horizon of our perceptual interactions.

feedback do som e, com isso, não “aprendem” a articular o som de maneira a conseguir adquirir uma língua oral de forma fluente).

Nessa perspectiva, as línguas de sinais, e em especial a Libras, também demonstram que todo o corpo está presente nas operações linguísticas, assim como nas línguas orais.

2.4 Materialidade linguística: *Affordances*

Podemos reconhecer na materialidade linguística (som ou gestos articulados) determinados padrões que revelam como a mente humana opera na relação do indivíduo com seu ambiente. Ou seja, o modo como o indivíduo produz sentido é o resultado de operações cognitivas geneticamente programadas, histórica e culturalmente desenvolvidas que se manifestam de várias maneiras na interação dele com o ambiente.

Essa compreensão do processo de “produção de sentido”, logo, da linguagem, remete à ação de indivíduos em interação em um determinado nicho, o que nos leva a considerar a linguagem como realidade do mundo natural, como uma propriedade do ser humano. Dessa forma, ao realizar o ato de falar, um determinado sujeito está realizando uma atividade que é interativa e ao mesmo tempo adaptativa.

Para melhor compreendermos isso, apresentaremos nesta seção o conceito de *affordances* (GIBBS, 1986) e como este conceito contribui para o entendimento da concepção de linguagem como natural da espécie humana.

Compreendemos *affordances* (GIBBS, 1986) como as operações que os seres humanos realizam que modificam o ambiente e que os modificam recursivamente. Por exemplo, diante de um piso molhado, mudamos o nosso andar para melhor nos equilibrar a essa condição do ambiente; se o terreno é íngreme, também mudamos o andar para nos adaptarmos a essa condição. Ou seja, é na interação com o ambiente que nos auto-organizamos na criação de padrões comportamentais.

Segundo Letiche e Lissack (2009), *affordances* são:

relações recíprocas e dinâmicas entre seres animados e seus ambientes. *Affordances* ocorrem quando o eu e o outro, aquele que percebe e o que é percebido, objetos e pessoas reúnem-se em ações combinadas.

Affordances são relações – na affordance há conexão, interação e união.²⁵ (LETICHE; LISSACK, 2009, p. 62, tradução nossa).

Complementando,

Para Gibson, affordances são relações. Elas existem: elas não têm de ser visíveis, conhecidas ou desejáveis. Affordances causam as possíveis relações entre atores e objetos, elas são propriedades do mundo. Por exemplo, affordances são objetos ou coisas, oferecem às pessoas para serem feitas com elas. Affordances são concedidas pelo ambiente. Elas são o que ele oferece, fornece e supre. Affordances convidam a atividade, reação e apontam para possibilidades. Uma affordance é uma relação entre uma coisa no mundo e as intenções, percepções e capacidades de uma pessoa ou pessoas.²⁶ (LETICHE; LISSACK, 2009, p. 63, tradução nossa).

Ou seja, *affordances* podem ser compreendidas como a capacidade de interação do ser vivo com o ambiente, não sendo exclusiva dos seres humanos e sim dos seres vivos em geral. Contudo, é possível afirmar que a qualidade dessa interação é diferenciada nos seres humanos.

Operamos sinestesticamente, isto é, não há separação entre as diversas percepções de nosso corpo, sejam elas percepções auditivas, visuais, táteis, entre outras. É na relação do organismo com o ambiente através das percepções que a mente, organizando os estímulos, possibilita a emergência de sentido.

Essa interação ocorre nos seres vivos de maneira geral. Um organismo unicelular possui uma interação específica com o meio no qual está inserido; um mamífero possui outras formas de interação. O que podemos destacar é o tipo de interação que ocorre entre um e outro. No caso do organismo unicelular, a interação é quantitativamente menor do que em um organismo mais complexo como o mamífero.

Dessa forma, podemos compreender que os seres humanos, em interação com o seu nicho específico e através dos diversos canais de percepção, podem

²⁵ Affordances are the dynamic reciprocal relationships between animate persons and their environments. Affordances occur when self and other, perceiver and perceived, objects and persons meet in actionable combinations. Affordances are relationships - in affordance there is connection, interaction and bonding.

²⁶ To Gibson, affordances are relationships. They exist: they do not have to be visible, known or desirable. Affordances entail the possible relationships amongst actors and objects; they are properties of the world. For instance, affordances are what objects or things offer people to be done with them. Affordances are bestowed by the environment. They are what it offers, provides and supplies. Affordances invite activity, reaction and point to possibilities. An affordance is a relationship between something in the world and the intentions, perceptions and capabilities of a person or persons.

desenvolver uma capacidade de articulação dos sons que reconhecemos como as línguas orais. A articulação sonora dessas línguas apenas demonstra a materialização de uma capacidade inata dos seres humanos e se desenvolve como tal devido às especificidades biológicas do organismo (articulação do trato vocal) na constante interação com o seu nicho. Qualquer criança ouvinte, sendo exposta a determinada língua, irá desenvolvê-la naturalmente, independente de qual seja a língua.

Isto posto, podemos considerar que mesmo diante da ausência de determinada percepção sensorial (por exemplo, a audição) a pessoa surda, em sua relação com o mundo (nicho), sem a percepção sensorial do som, mas com os outros sensores, também estabelece uma interação específica com o ambiente à sua volta, podendo desenvolver outras formas de comunicação que não através da articulação de sons.

Pessoas surdas podem adquirir e desenvolver uma fluência na Libras naturalmente, pois sua interação com o mundo não é comprometida pela ausência da audição, uma vez que enquanto organismos auto adaptativos, as pessoas surdas conseguem, através de determinadas *affordances*, produzir sentido para o mundo na produção e percepção dos gestos em Libras.

Gibson (1986) citado por Sinha (2009, p. 294) destaca também que são

(...) as propriedades do nicho ecológico que proporcionam ou apoiam determinados tipos de ações realizadas pelo sistema motor e morfológico do animal. Tais ações são ao mesmo tempo típicas da espécie (não necessariamente de uma única espécie) e adaptativas²⁷ (GIBSON, 1986, apud SINHA, 2009, p. 294).

Ou seja, *affordances* são as interações ativas do ser com/no seu nicho *sociobiocultural*, isto é, interações ativas das experiências perceptuais do ser humano com o/no ambiente.

Uma vez que o nicho no qual um sujeito surdo esteja inserido seja o de pessoas fluentes em Libras, é natural que este sujeito adquira essa língua. Há casos em que crianças ouvintes filhas de pais surdos que são fluentes em línguas de sinais adquirem a Libras como língua materna (mesmo não sendo surdas).

²⁷ [...] properties of the ecological niche affording or supporting specific kinds of action made possible by the motor system and morphology of the animal. Such actions are both species-typical (though not necessarily species unique) and adaptive.

Podemos avançar em nossa discussão complementando que o foco não está apenas na perda da audição das pessoas surdas, mas na experiência visual de mundo e em sua experiência perceptual, ou seja, naquilo que o sujeito possui e não no que lhe falta. Com isso, compreendemos a Libras como uma língua resultante da interação específica do organismo com seu nicho da mesma forma que qualquer outra língua oral.

Desse modo, o indivíduo, através da faculdade de linguagem como propriedade ontogênica, em sua interação visual com o mundo, pode autoadaptar-se de tal forma que é possível a emergência de uma língua cuja materialidade não seja através da articulação sonora, mas pela articulação gestual.

3 LÍNGUAS DE SINAIS

Todas as nossas descrições linguísticas consagram um lugar frequentemente importante ao 'emprego das formas'. O que se entende por isso é um conjunto de regras fixando as condições sintáticas nas quais as formas podem ou devem normalmente aparecer, uma vez que elas pertencem a um paradigma que arrola as escolhas possíveis (...). Coisa bem diferente é o emprego da língua. (BENVENISTE, 2006 [1974], p. 81-82).

Essa citação de Benveniste, apesar da época na qual foi escrita, aponta para uma realidade que ainda orienta os estudos linguísticos da Libras: o foco na descrição da materialidade gestual.

A literatura disponível sobre estudos linguísticos de LS caracteriza essas línguas por sua diferença de modalidade em relação às LO, logo, a diferença é discutida a partir do canal de comunicação usado (QUADROS; KARNOPP, 2004). As línguas orais usam o canal oral-auditivo, ou seja, a produção dos fonemas a partir da articulação do som e sua recepção pelo ouvido, enquanto que as línguas sinalizadas utilizam-se do canal visuo-motor, isto é, mãos e corpo produzindo no espaço gestos e movimentos que são captados pelos olhos.

A maioria dos trabalhos publicados até o momento demonstram um cuidado peculiar na descrição da Libras a partir de parâmetros já consagrados em estudos de outras línguas de sinais, principalmente a Língua Americana de Sinais (ASL²⁸). Encontramos descrições que tendem a apontar determinadas características que corroborem no reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais. Contudo, esses estudos se concentram, em sua maioria, na manifestação material dessa língua, que marca uma das principais diferenças entre outras línguas: os gestos.

Para o reconhecimento das LS foram necessárias investigações de determinados padrões que pudessem descrevê-las em comparação aos universais linguísticos das línguas orais, uma vez que os esforços se concentravam apenas na emergência e pouco se tinha investigado os aspectos, por exemplo, do ponto de vista cognitivo.

Dentre os principais trabalhos podemos citar aquele que inaugurou os estudos linguísticos das LS, abrindo caminho para o reconhecimento dessas línguas. Na década de 60, o linguista americano William Stokoe publicou o livro *Sign Language*

²⁸ Sigla para *American Sign Language*, que em português significa Língua Americana de Sinais.

Structure (1960), no qual ele apresenta alguns argumentos na descrição da estrutura da ASL enquanto uma língua natural como qualquer outra.

Um de seus argumentos se pautou no questionamento das unidades mínimas dos sinais da ASL. Este termo – sinais – é utilizado para se referir à unidade lexical dessa língua, podendo ter como equivalente o termo “palavra”, referente à unidade lexical das línguas orais²⁹ (JOHNSON; LIDDELL, 2011). Contudo, os estudos sobre as línguas orais já comprovam que uma palavra pode ser decomposta em unidades menores e que essa descrição pode relevar processos básicos dessas línguas.

Stokoe (1960) conseguiu demonstrar, após uma observação detalhada da ASL, que também seria possível decompor os sinais dessa língua em unidades menores que ele nomeou como **parâmetros**. Durante a fala de usuários da ASL, Stokoe (1960) demonstrou que os sinais são formados a partir dessas estruturas menores. A partir desta constatação, seus estudos contribuíram no reconhecimento da ASL.

Apesar do discurso de afirmação do *status* linguístico das LS que se iniciou com as pesquisas de Stokoe (1960), a prática revela que ainda existe a necessidade de novos estudos sobre essas línguas. Afinal, os trabalhos de pesquisa nesse campo são recentes e as possibilidades de investigação ainda são amplas.

Assim, acreditamos que novas perspectivas devem ser adotadas no estudo das LS a fim de contribuir para a compreensão da linguagem humana como um todo.

Ao longo deste capítulo, apresentaremos as referências teóricas dos trabalhos de Ferreira Brito (1995), Bernadino (2000) e Quadros e Karnopp (2004) sobre a língua de sinais brasileira e suas discussões que podem contribuir neste trabalho.

3.1 As Línguas de Sinais

Antes de prosseguirmos, é necessário retomarmos o foco deste trabalho no qual se espera verificar o processo de temporoespacialização de narrativas em Libras. Para isso, abordaremos nesta seção as principais conceituações que

²⁹ Para esta pesquisa será convencionado o termo “sinais” ao se fazer referência à unidade das LS que corresponde à “palavra” das LO.

definem e descrevem as línguas de sinais e também a Libras para melhor descrevermos este fenômeno.

A maior parte dos estudos sobre as LS se pauta nas diferenças de modalidade em relação às LO. Isso é comprovado na própria nomenclatura que distingue línguas orais de línguas de sinais, fundamentada na produção e articulação sonora e gestual, respectivamente. Não há dúvida de que a manifestação material das línguas orais ocorre pela articulação do som, enquanto que nas línguas de sinais essa manifestação ocorre pela articulação de gestos realizados pelas mãos e braços, da movimentação corporal e das expressões faciais dos falantes dessas línguas.

A literatura afirma que as LS são línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), devido à produção e percepção dos sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004; KARNOPP, 2009).

Essa diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais pode ser discutida a partir do canal de comunicação usado. As línguas orais manifestam-se através do canal oral-auditivo, ou seja, a produção de sons a partir das cordas vocais e sua recepção pelo ouvido; enquanto as línguas sinalizadas manifestam-se através do canal visuo-espacial, isto é, a produção dos gestos através da movimentação dos braços e mãos (FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004; BERNADINO, 2000).

Karnopp (2009) afirma que:

A diferença fundamental entre línguas de sinais e línguas orais, segundo Stokoe e o grupo de pesquisadores que se dedicou à investigação das línguas de sinais durante os anos de 1960 e 1970, diz **respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais**. Stokoe (1960) realizou uma primeira descrição estrutural da ASL, demonstrando que os sinais poderiam ser vistos como partes de um todo. (p. 32, grifo nosso).

Os enunciados em Libras caracterizados por seus recursos gestuais apresentam uma modalidade de análise que se diferencia do português oral. As línguas de sinais, através de marcadores espaciais, expressões faciais e da intensidade dos movimentos, permitem o estabelecimento de relações entre os signos linguísticos desse sistema (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Entretanto, apesar dessa diferença de modalidades gestual e oral, é sabido que outros aspectos são necessários para a definição e reconhecimento de uma língua e, por conseguinte, a possibilidade do olhar da linguística sobre as LS.

Diante disso, concordamos com a seguinte afirmação de Quadros e Karnopp (2004):

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, consequentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação, por exemplo, produtividade ilimitada (no sentido de que permitem a produção de um número ilimitado de novos temas); criatividade (no sentido de serem independentes de estímulos); multiplicidade de funções (função comunicativa, social e cognitiva no sentido de expressarem o pensamento); arbitrariedade da ligação entre significante e significado, e entre signo e referente; caráter necessário dessa ligação; e articulação desses elementos em dois planos – o do conteúdo e o da expressão. As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na síntese e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Portanto, um estudo que se concentra nos aspectos cognitivos da linguagem pode contribuir na compreensão de que a linguagem humana se manifesta para além da vocalização de sons articulados e que todo o corpo é sede e produtor da linguagem. Podemos considerar essa afirmação uma vez que os estudos das LS nos ajudam a compreender e a ampliar nosso entendimento de que a manifestação da linguagem não se limita apenas à produção sonora, mas pode se valer de outro mecanismo articulatório-perceptual como, por exemplo, os gestos e expressões faciais.

Como dito, os estudos sobre o reconhecimento linguístico das LS iniciaram-se com os trabalhos de Stokoe na década de 60. A revolução em seu trabalho foi demonstrar que os sinais na ASL se configuravam a partir de estruturas menores sem significação que se articulavam na composição de uma estrutura maior com significação. Stokoe (1960) propôs em seu trabalho uma descrição dos sinais da ASL que resultou na descrição de três principais aspectos ou parâmetros:

- a) configuração de Mão³⁰ (CM);
- b) locação da Mão (L);
- c) movimento da Mão (M);

Algumas análises posteriores dessas “unidades formacionais dos sinais” (QUADROS; KARNOPP, 2004) realizadas por outros autores³¹ sugeriram a adição de dois novos parâmetros:

- d) orientação (Or);
- e) aspectos não manuais (NM).

No total, esses cinco parâmetros compõem o que a literatura apresenta como sendo alguns aspectos da fonologia das línguas de sinais. A princípio, a adoção do termo “fonologia” pode parecer estranha nas pesquisas sobre as LS, cuja modalidade não está ancorada no som, mas podemos compreender o motivo do uso desse termo a partir da citação de Quadros e Karnopp (2004):

Em relação à fonologia, uma segunda geração de estudiosos (Supalla e Newport, 1978; Klima e Bellugi, 1979; Padden, 1983; Liddell, 1984) investigou questões referentes à estrutura fonológica dos sinais, seus traços distintivos e seus aspectos sequenciais e simultâneos. Ao invés de utilizar a terminologia inicialmente proposta por Stokoe, esse grupo decidiu usar os termos tradicionalmente utilizados em linguística para as línguas orais, a fim de que paralelos entre essas línguas e as línguas de sinais se tornassem mais evidentes. Trabalhos realizados por Liddell e Johnson (1984, 1986, 1989) nortearam o estudo da fonologia da ASL durante este período, pois os autores mostraram evidências de que a ASL apresenta tanto estrutura sequencial quanto simultânea em sua organização fonológica. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 50).

No Brasil, os trabalhos de Ferreira Brito (1995) apontaram a existência dos mesmos cinco parâmetros para a Libras. Esses parâmetros, portanto, se referem a uma teorização do ponto de vista descritivo da manifestação material das LS. Sabemos que essa perspectiva revela alguns aspectos das línguas que podem contribuir para os estudos que investigam a forma como os sinais se organizam nos enunciados.

³⁰ Em inglês, “configuração da mão” é reconhecido como *handshape*; “locação da mão” como *location*; e “movimento da mão” como *movement*. (PATRIE; JONHSON, 2011).

³¹ Para maiores informações, consultar Supalla e Newport (1978), Klima e Bellugi (1979), Padden (1983), Liddell (1984).

Nas próximas seções, faremos a explanação dos cinco parâmetros da Libras que são apresentados na literatura como argumentos que embasam o reconhecimento linguístico das LS.

3.2 Parâmetros da Libras

De acordo com os estudos apresentados por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004), a língua brasileira de sinais também pode ser descrita a partir dos cinco parâmetros que são utilizados na caracterização da ASL. Esses parâmetros possibilitam a definição dos sinais de forma mais sistematizada.

Lembramos que esses traços são divididos apenas do ponto de vista teórico, sendo que a sua manifestação ocorre de forma simultânea ao longo da sinalização³². A descrição desses parâmetros possibilita o entendimento do funcionamento dos aspectos formais da Libras e contribui na identificação de índices lexicais dessa língua.

3.2.1 Configuração de mão (CM)

O primeiro parâmetro a ser descrito é chamado de configuração de mão. Esse parâmetro se refere ao desenho da forma das mãos no momento em que ocorre a sinalização. Qualquer observador atento pode verificar que os “desenhos” feitos com as mãos dos falantes de Libras se modificam ao longo da sinalização.

Os estudos de Ferreira Brito e Langevin (1995), citados por Quadros e Karnopp (2004), evidenciam que em Libras existem 46 configurações de mão diferentes. Outras fontes³³ revelam um número maior de configuração de mão, mas neste trabalho consideramos as informações dos estudos das autoras supracitadas.

³² Por sinalização, compreendemos a ação discursiva dos falantes de Libras.

³³ O INES (Instituto Nacional de Educação dos Surdos) no Rio de Janeiro possui a informação de que existem 64 configurações de mão na Libras.

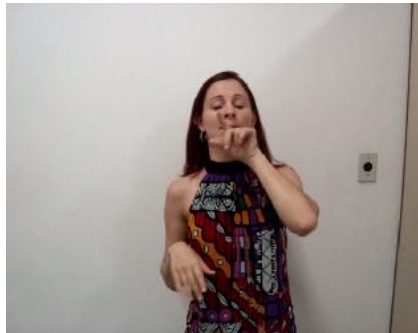
Figura 7 - As 46 CM da Língua de Sinais Brasileira

1	2	3	4	5	6	
[B]	[A]	[G]	[C]	[5]	[V]	
[B̃]	[Ā]	[G̃ _i]	[Ĉ]	[5 ₄]	[Ṽ]	
[B _b]	[A _b]	[G _b]		[5̃]		
[B̂]	[Ā̂]	[Ĝ _d]		[5̂]		
7	8	9	10	11	12	
[O]	[F]	[X]	[H]	[3]	[M]	
[Ô]	[F̃]		[Ĥ]	[3̃]	[M̃]	
[bO]	[F̂]		[Ĥ̂]	[3̂]	[M̂]	
13	14	15	16	17	18	19
[α]	[K]	[I]	[R]	[W]	[L]	[E]
[α̃]	[K̃]				[L̃]	

Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 53

Um exemplo pode ser visto na figura 08:

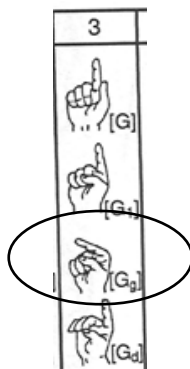
Figura 8 - Sinalização referente ao conceito AVE/PÁSSARO



Fonte: Vídeo da pesquisa

Na figura acima, podemos perceber que a mão esquerda da *informante 1* está na forma da configuração G_g da coluna 3 da figura 07.

Figura 9 - Destaque para a configuração de mão do sinal exemplificado



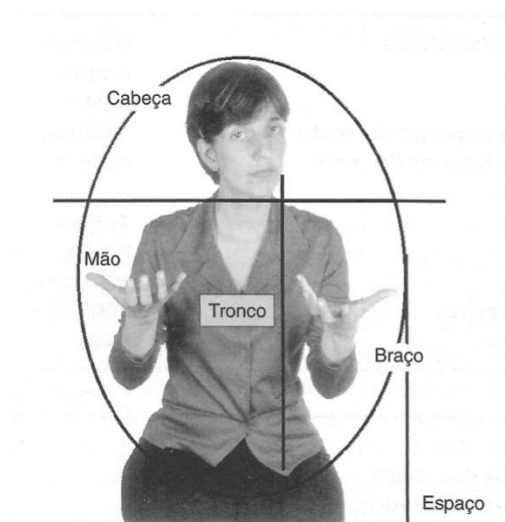
Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 53

3.2.2 Ponto de articulação (PA)

Esse parâmetro se refere à localização do sinal em relação ao corpo do sinalizador. Friedman (1977), citado por Quadros e Karnopp (2004, p. 4), afirma que o Ponto de Articulação “é aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado”.

Referente à língua de sinais brasileira, a figura abaixo (figura 10) exhibe o espaço de sinalização que a literatura especifica como sendo o espaço em que a sinalização ocorre.

Figura 10 - Espaço de realização dos sinais

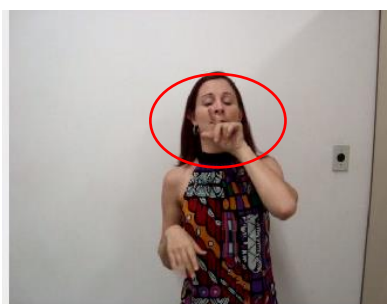


Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57

Dentro deste espaço de sinalização pode ocorrer um número finito de locações, sendo algumas mais específicas do que outras; por exemplo, os sinais realizados próximos ao rosto possuem uma precisão maior, pois diferenças mínimas podem indicar diferenças de significado.

Para o sinal da figura 11 podemos indicar que o ponto de articulação pode ser definido como sendo localizado em “no rosto em frente à boca”.

Figura 11 - Ponto de articulação referente à sinalização do conceito PÁSSARO



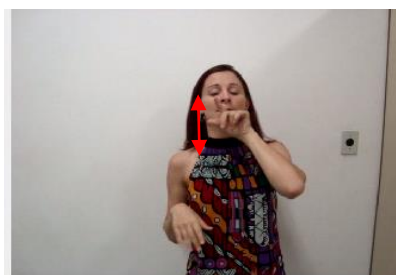
Fonte: Vídeo da pesquisa

3.2.3 Movimento (M)

Esse parâmetro “é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionados no espaço” (KLIMA; BELLUGI, 1979, apud QUADROS; KARNOPP, 2004).

Portanto, esse parâmetro caracteriza os movimentos realizados pelo sinalizador durante seu discurso. Alguns sinais possuem movimentos específicos que se forem modificados podem referenciar significações bem distintas.

Figura 12 - Movimento interno de abertura e fechamento dos dedos referente à sinalização do conceito PÁSSARO



Fonte: Vídeo da pesquisa

Na figura acima, o movimento é definido pelos dedos indicador e polegar.

Na próxima figura é possível observar outro tipo de movimento das mãos na descrição da forma de um *fio da rede elétrica*. O movimento é realizado com a mão esquerda.

Figura 13 - Movimento das mãos. Sinalização FORMA DO FIO DA REDE ELÉTRICA



Fonte: Vídeo da pesquisa

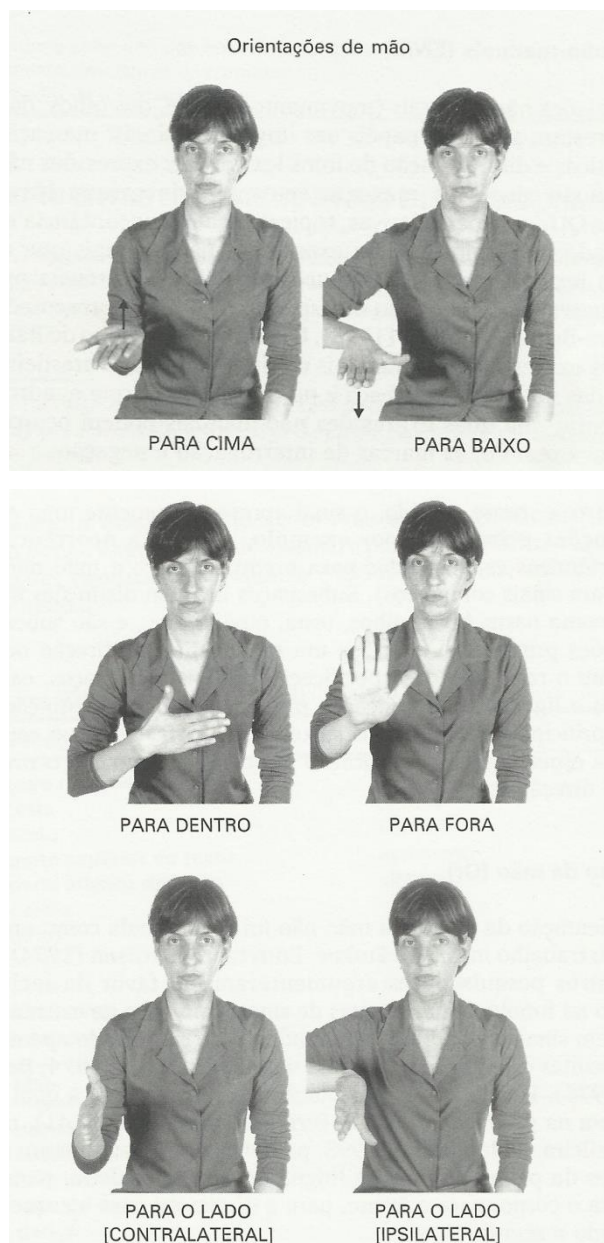
3.2.4 Orientação (Or)

Esse parâmetro, como dito anteriormente, foi inserido nos estudos sobre as LS posteriormente aos trabalhos de Stokoe. Ele se refere basicamente à orientação ou direção da palma da mão durante a sinalização.

A importância desse parâmetro é defendida pela evidência “de pares mínimos de sinais que apresentam mudanças de significado apenas na produção de distintas orientações da palma da mão” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59).

Ferreira Brito (1995) enumera seis tipos de orientação da palma da mão:

Figura 14 - Tipos de orientação da palma da mão



Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 40

3.2.5 Aspectos não manuais

O último parâmetro se refere à movimentação corporal e também às expressões faciais realizadas durante a sinalização.

Quadros e Karnopp (2004) apontam que essas marcas desempenham dois papéis fundamentais nas LS, o primeiro sendo nas marcações de construções sintáticas e o segundo referente à diferenciação de itens lexicais.

As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU, orações relativas, topicalização, concordância e foco (...). As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto (...). (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 60).

É justamente nas características desse último parâmetro que podemos nos atentar para análise dos aspectos sobre os índices que indicam as operações de atualização do espaço de referência.

Bernardino (2000) afirma que o uso de expressões não manuais, como a direção do olhar (isoladamente ou acompanhada de algum outro sinal da Libras) e as expressões faciais (sem nenhum outro recurso ou acompanhadas do movimento do corpo), caracterizam recursos de referência da Libras.

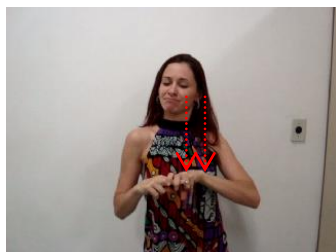
Para exemplificar, podemos destacar alguns sinais realizados:

Figura 15 - Exemplificação de sinais que apresentam o uso de marcações não manuais



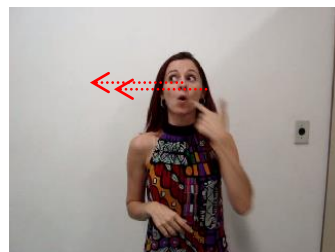
QUADRO 16 - (13"234")

VOANDO



QUADRO 24 - (18"861")

SENTADO



QUADRO 26 - (19"670")

OUTRO

Descrição: movimentação das mãos, braços e do corpo simulando o "bater de asas". Expressão facial com a movimentação dos lábios.

Descrição: além da realização do sinal com as mãos, o olhar está direcionado para baixo, em direção às mãos.

Descrição: além da realização do sinal com a mão esquerda, o olhar está direcionado para o lado direito.

Fonte: Vídeo da pesquisa

Destacamos que não são esses parâmetros isolados ou simplesmente combinados que são responsáveis pela produção de sentido durante o processo enunciativo. Contudo, essas descrições indicam uma posição específica a respeito da discussão sobre a modalidade das línguas de sinais. Os estudos que envolvem

essas descrições de parâmetros direcionam os argumentos em uma valorização da modalidade visuo-espacial.

Faz-se necessário discutirmos esse tipo de argumentação para não criarmos novas dicotomias afirmando que as LS são línguas apenas pela forma como elas se manifestam, afinal, discutir a modalidade de determinada língua não é sinônimo de discussão de linguagem.

O que também pretendemos suscitar a partir dessa compreensão é a premissa de que as fronteiras entre o que é considerado como manifestação verbal e não verbal pode sair da dicotomia da relação entre o que é sonoro e o que não é.

Por fim, mesmo que nas línguas de sinais não haja a “necessidade” do uso do som, é possível reconhecer nos gestos e expressões corporais as manifestações linguísticas. Nessa perspectiva, o olhar avança para o homem como um todo, em sua constituição natural enquanto ser languageiro, cujas diversas manifestações possíveis de organização sonora ou gestual refletem sua constituição ontogenética.

É do ponto de vista da constituição nuclear da linguagem, da estrutura conceitual, que as línguas se assemelham. A diferença está na externalização:

Há razões independentes para a conclusão de que a externalização é um processo secundário. Uma delas é que externalização aparenta ser independente, conforme foi aprendido de estudos das línguas de sinais nos últimos anos.³⁴ (BERWICK; CHOMSKY, 2011, p. 32).

Portanto, o que está sendo proposto como discussão neste trabalho é justamente o que está por trás da emergência que orienta a organização específica dessa língua.

3.3 O que as Línguas de Sinais podem revelar sobre as operações cognitivas

Como dito no primeiro capítulo, compreendemos a linguagem como objeto do mundo natural que emerge de uma mente *corporembasada* (GIBBS, 2005), ou seja, de uma mente que emerge de um cérebro (organismo) que está inserido em um determinado nicho.

³⁴ There are independent reasons for the conclusion that externalizations is a secondary process. One is that externalization appears to be modality-independent, as has been learned from studies of sign language in recent years.

Reafirmamos que a dicotomia mente x cérebro não mais contribui para o entendimento de alguns fenômenos cognitivos, já que essa perspectiva fragmenta a compreensão do reconhecimento da linguagem como um todo. Dessa forma, propomos reconhecer as línguas (orais ou sinalizadas) sempre como emergências, ou seja, como manifestações de operações cognitivas cuja base é justamente a relação de um corpo (organismo) com seu meio (nicho).

Isso significa que a mente humana não é considerada apenas como uma “entidade abstrata” que se funda de maneira mística e que possui um corpo. Na verdade, a relação entre mente e corpo está estreitamente relacionada, uma vez que são as nossas experiências corporais que oferecem o substrato das operações cognitivas.

Os processos cognitivos não dependem somente da atividade cerebral, mas estão vinculados às diversas partes do corpo humano. Os conceitos e raciocínios humanos são estruturados através das experiências cotidianas corpóreas, das interações do indivíduo com o meio ambiente, inclusive no que se refere à sociedade e à cultura. Há, portanto, uma íntima relação entre a mente e o corpo, entre o cérebro e os demais sistemas do organismo. A dicotomia mente corpo é inexistente. A natureza detalhada e dinâmica de nossos corpos, nosso cérebro e nosso funcionamento cotidiano no mundo, estruturam os conceitos e a razão humana. (LAKOFF; NÚÑEZ, 2000, apud MARQUES, 2007, p. 16).

O que se pretende elucidar é que somos, portanto, biologicamente programados para, através de nossa interação corporal com o mundo, realizar operações de significação e orientação relativamente aos fenômenos que nos cercam; entre eles, falar uma língua (seja esta língua manifesta na modalidade oral ou gestual).

De acordo com Oliveira (2005):

Aprendemos porque somos programados biologicamente para aprender; faz parte da nossa natureza humana a capacidade de aprender de forma racional, e não por associação de estímulos a respostas. E mais, esse aprendizado não se dá no vazio, mas está inserido no contexto social que nos cerca. Ou seja, não aprendemos sozinhos, reinventando a língua, mas aprendemos sob o controle do grupo social em que nos inserimos. (OLIVEIRA, 2005, p. 18).

Com as línguas de sinais podemos reconhecer a manifestação corporal incluída no processo discursivo pela interação do indivíduo com o ambiente. Mesmo em relação às línguas orais, o corpo também não está “fora” enquanto falantes

ouvintes conversam. Os estudos das LS nos permitem ampliar o conhecimento sobre a linguagem humana para além da “oralidade”, uma vez que as línguas de sinais revelam o modo como o qual o sujeito opera em seu nicho.

Assim, é possível avançar na argumentação que o foco de compreensão sobre os fenômenos linguísticos está direcionado para todo o organismo, além do reconhecimento da importância do modo de atuação do organismo no seu nicho. Desse modo, compreendemos como manifestação verbal não apenas o som emitido por um sujeito, mas também as manifestações gestuais.

Portanto, podemos entender que a enunciação pressupõe a existência e manifestação de operações mentais que, de acordo com Santos (2010, p. 17), é nada mais do que a linguagem operando “com computações (integrações) através das quais (entre outras coisas) o sujeito locutor/alocutário configura e reconfigura situações (cenas enunciativas), num processo de equilibração e re-equilibração”.

Nessa perspectiva, ainda em acordo com Santos (2010), os enunciados produzidos pelo sujeito da pesquisa são revistos não apenas como puro enunciado, mas “como o resultado de um cálculo computacional, que indicia, necessariamente, na materialidade dos enunciados/textos, princípios e/ou mecanismos linguísticos cognitivos envolvidos no processo de sua produção/recepção” (SANTOS, 2010, p. 19).

Compreendemos o conceito de “computação” a partir da perspectiva de Morin (1996) ao se referir à auto-organização constitutiva do *self*:

(...) a bactéria computa por conta própria, por si mesma e para si mesma, é o *für sich* de que fala Hegel. Isto é, o *computo*. O *cogito* cartesiano aparece muito mais tarde; para o *cogito*, requer-se um cérebro muito desenvolvido, uma linguagem e uma cultura. Do *computo* podemos dizer que é necessário para a existência do ser e do sujeito. A bactéria poderia dizer “*computo ergo sum*”, *computo*, logo existo. E por quê? Porque se deixa de computar morre, já não pode produzir os elementos que a constituem. Assim, sem cessar, a bactéria que observamos no microscópio nos está repetindo: *computo ergo sum*. Questão de saber escutar. Mas que significa, então, “*computo para mim mesma*”? Significa: coloco-me no centro do meu mundo, do mundo que conheço, para tratá-lo, para considerá-lo, para realizar todas as ações de salvaguarda, de proteção, de defesa, etc. Aqui é onde aparece o sujeito com o *computo* e com o egocentrismo, onde a noção de sujeito está indissolúvelmente unida a esse ato, no qual não só se é a própria finalidade de si mesmo, mas em que também se é *autoconstitutivo* da própria identidade. (MORIN, 1996, p. 49).

Não é apenas a materialidade da linguagem que será analisada, seja ela oral, gestual, mas as operações do sujeito que subjazem essas emergências. O que

devemos compreender, como dito no capítulo anterior, é que a definição de linguagem deve ser apresentada enquanto um conceito que explica o funcionamento linguístico de forma integral.

Assim, de acordo com a concepção deste trabalho, adotamos a linguagem como objeto do mundo natural, considerada constituinte e constituída pelo sujeito. Desse modo, os fenômenos linguísticos só podem ser reconhecidos mediante a inclusão do sujeito em seu ato de discurso.

O problema surge quando a noção de linguagem restringe a compreensão, privilegiando determinados pontos em detrimento de outros. Por exemplo, quando adotamos uma noção de linguagem focada apenas na materialidade, restringimos a manifestação linguística apenas aos sons, desconsiderando outras características também necessárias e importantes para o ato comunicativo.

O “privilegio” do uso da voz pode ser considerado em detrimento da evolução humana (PINKER, 2004), mas outras manifestações evidenciam que o núcleo não está “dentro” ou “fora” do ser humano, mas nas operações de uma mente corporificada.

Assim, a partir da noção de linguagem adotada neste trabalho, podemos compreender que além de todo corpo ser condição de realização da manifestação linguística, a natureza das operações cognitivas refletem o *modus operandi* do organismo que se autoconstitui no seu nicho biossociocultural, nas atividades de linguagem. Não apenas na modalidade gestual (línguas de sinais), mas também nas modalidades orais (línguas orais).

Dessa forma, mesmo diante do “privilegio” de determinada modalidade em detrimento à outra, podemos e devemos compreender que o funcionamento da linguagem ocorre de maneira total. Isso nos possibilita afirmar que não pensamos/sentimos/agimos somente com a cabeça, mas pensamos/sentimos/agimos com a cabeça, com o corpo, no espaço, sob a força da gravidade interagindo com o ambiente no qual estamos inseridos.

Por fim, podemos apontar algumas considerações importantes:

- a) que o discurso não se define apenas pela emergência e sim pela natureza das operações cognitivas;
- b) que é na interação com o seu nicho que o sujeito opera a linguagem manifestando-a em suas modalidades oral-auditivo ou visuo-espacial.

4 O PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM

A língua não espelha o que vemos, mas sim como vemos e como conceptualizamos o que vemos. A percepção diz respeito à interação entre aquele que percebe e o mundo percebido e depende de habilidades, experiências e estados cognitivos daquele que vê e percebe o que é visto (cf. Wenz 1996: 285). As expressões linguísticas representativas da categoria de espaço nos dão pistas ou insights de como o mundo é percebido. (KEWITZ, 2011, p. 90).

Ao longo do primeiro capítulo, apresentamos algumas características da linguagem e como esse fenômeno pode revelar especificidades do funcionamento cognitivo.

Abordamos que apenas os seres humanos conseguem evidenciar uma capacidade de simbolização que nos diferencia de outros animais e que comprova a evolução cognitiva que moldou nossa espécie. Essa capacidade permite aos seres humanos, por exemplo, desenvolver uma organização social complexa, entre outros artefatos sociais e culturais. Por mais que outras espécies também demonstrem uma rica capacidade de organização social e comunicação, nenhuma delas é capaz de demonstrar a mesma capacidade cognitiva dos seres humanos.

Merlin Donald (1991), citado por Fauconnier e Turner (2008), afirma que:

Nossos genes podem ser, em sua maioria, idênticos àqueles pertencentes aos chimpanzés ou gorilas, mas nossa arquitetura cognitiva, não. E tendo chegado a um ponto crítico em nossa evolução cognitiva, somos criaturas simbólicas, criaturas de redes, diferentes de qualquer outra antes de nós.³⁵ (DONALD, 1991, apud FAUCONNIER; TURNER, 2008, p. 5, tradução nossa).

Ou seja, a especificidade de nossa capacidade de linguagem está intimamente ligada à evolução de nossa espécie. Para somar a essa reflexão sobre a compreensão da linguagem e para analisarmos a narrativa em Libras, recorreremos aos trabalhos de Benveniste (2006) sobre a Teoria da Enunciação. Além disso, outro pilar adotado é a Teoria da Integração Conceptual - TIC - a partir dos trabalhos de Fauconnier (1994; 1997), Turner (2006) e Fauconnier e Turner (2002).

A seguir, faremos uma explanação desses pressupostos teóricos e como cada um deles pode contribuir na análise do *corpus* coletado.

³⁵ Our genes may be largely identical to those of a chimp or gorilla, but our cognitive architecture is not. And having reached a critical point in our cognitive evolution, we are symbol-using, networked creatures, unlike any that went before us.

4.1 Teoria da Enunciação

A partir dos trabalhos de Benveniste (2006), podemos considerar as diferenças entre analisar o “emprego das formas” e o “emprego da língua”. Quanto ao “emprego das formas”, de acordo com Benveniste (2006), está relacionado às relações sintáticas, gramaticais da língua. Já o “emprego da língua” pode ser compreendido como a *enunciação*, ou, em suas palavras, “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Benveniste (2006) afirma que “(...) enunciação é o **ato mesmo de produzir** um enunciado, e não **o texto** do enunciado (...)” (p. 82, grifo nosso). Assim, compreendemos que ao definir a enunciação como “ato”, o autor define seu caráter processual. Essa afirmação vai ao encontro dos pressupostos da Linguística Cognitiva, que reconhece a linguagem como atividade, como processo.

Benveniste postula um número de categorias comuns a todas as línguas, apesar da rica variação que existe entre elas, para explicar o funcionamento do ato enunciativo. Segundo o autor:

todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante (...) mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção do discurso (BENVENISTE, 2006, p. 68).

Esse *modelo constante*, segundo o autor, é caracterizado como o Aparelho Formal da Enunciação, isto é, as “condições iniciais que vão reger todo o mecanismo da referência no processo de enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 84). Essas condições determinam que o sujeito, falante de determinada língua, aproprie-se dela, colocando-a em funcionamento em um processo dialógico. Esse processo constitui-se em “introduzir aquele que fala em sua fala” (BENVENISTE, 2006, p. 84).

Isso significa que nesse processo, o sujeito – utilizando determinadas categorias linguísticas – se refere dialogicamente a um outro, transformando a língua em discurso, no qual o sujeito se constitui como enunciator, dirigindo-se a um enunciatário, em um tempo e espaço discursivos.

Assim, a ação de enunciar-se pressupõe que se estabeleçam estas condições: um *EU* que se dirige para um *TU* para *co-referir-se* em um *tempo* e *espaço* constituídos no discurso.

Esse espaço é marcado por expressões funcionais evidentes em todas as línguas, que de acordo com Benveniste (2006, p. 84) são chamadas de “instâncias de discurso”.

Esse é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. “As instâncias de discurso são criadas pela utilização de categorias funcionais, que antes de serem categorias de língua, são categorias de linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 27).

Cavalcante (2002) contribui nesta compreensão ao afirmar que

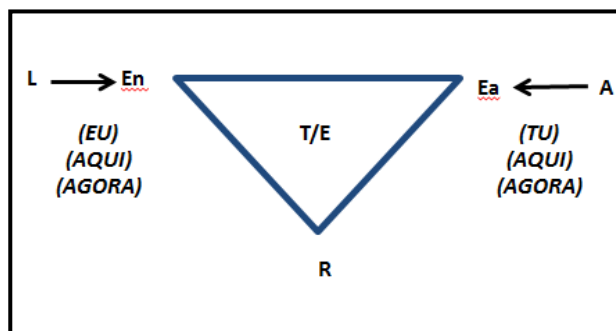
compreendido como uma maneira particular de colocar a linguagem em funcionamento, em Benveniste, o discurso é analisado a partir da articulação dos elementos constitutivos das instâncias de enunciação (locutor e alocutário, construindo-se especularmente como enunciador/enunciatário, na e para a construção da referência, em um determinado espaço e tempo discursivos). (CAVALCANTE, 2002, p.64)

Esse conjunto de operações envolvidas na enunciação pode ser denominado, de acordo com Nascimento e Oliveira (2004), como um processo de discursivização:

criação, numa, e única, instância enunciativa, de um espaço de referência X, que integre, recursivamente, numa rede, todos os espaços de referência instituídos no processo discursivo (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2004, p. 290).

A figura abaixo contribui na ilustração esquemática deste processo:

Figura 16 - Esquema básico do processo de enunciação



Fonte: NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2004

Vale ressaltar que nesta figura é marcado de forma esquemática pelas letras T/E as condições de Tempo e Espaço, corroborando com Benveniste (2006) que afirma que é “da enunciação que procede a instauração da categoria do presente e, da categoria do presente, nasce a categoria tempo”. (p. 85). Ou seja, não há outro modo de gerenciamento da enunciação fora do tempo presente, fora do *aqui-agora*. A enunciação é sempre presente, pois não é possível enunciar-se fora do presente, afinal “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o ‘agora’ e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 2006, p. 85). O tempo da enunciação, ou *tempo linguístico*, é a base para a referenciação do tempo cronológico que denominamos como passado/presente/futuro.

Nessa perspectiva, o processo de discursivização implica a criação de um espaço de referenciação único, instaurado pelas condições já apontadas por Benveniste que é, ao mesmo tempo, integrador de outros espaços recursivamente instaurados por instâncias discursivas ao longo do processo enunciativo.

Isto posto, podemos então considerar que as categorias básicas da estruturação conceitual das línguas do mundo são categorias que envolvem a relação entre “pessoa”, “tempo” e “espaço”, ou seja, o processo de significação está alicerçado na criação de espaços de referenciação marcados por essa tríade.

Portanto, ao analisar o *corpus* desta pesquisa, essa discussão do trabalho de Benveniste será uma das perspectivas adotadas, pois, ao afirmar que estamos investigando o processo de temporoespacialização das narrativas em Libras, estamos à procura das evidências que sustentam a sua natureza linguística, o que possibilita descrever como esse processo universal pode ser também reconhecido nessa língua.

4.2 Teoria da Integração Conceptual

As contribuições de Benveniste (2006) e, neste momento, da Teoria da Integração Conceptual (TIC) vão ao encontro da proposta deste trabalho de se migrar de uma análise sob uma perspectiva da materialidade para uma perspectiva processual. Segundo Fauconnier e Turner (2002), a produção de sentido ocorre na dinâmica envolvida no processo de criação, articulação e integração dos espaços mentais.

Espaços mentais podem ser reconhecidos também como domínios conceituais que são construídos a partir das experiências nas quais o sujeito é exposto, são como tipos específicos de domínios cognitivos que construímos e reconstruímos a partir de nossa interação com o nicho.

É aceitável reconhecer que a produção e compreensão de sentido nos mais diversos níveis é resultado da capacidade humana de operar recursivamente com estes domínios conceituais providos da *experienciação mente-corpo-nicho*. É a partir das experiências corporais do sujeito em constante interação com seu nicho que a mente opera na construção de domínios conceituais e também na integração destes.

Consideramos que o ser humano, enquanto um organismo, partindo dessa capacidade cognitiva de construção de domínios semânticos em constante interação com seu nicho, está em processo contínuo de produção de sentido. Suponhamos que uma mulher no conjunto de seu vestuário escolhe fazer o uso de um sapato de salto alto. Enquanto um organismo em constante interação com o ambiente, no momento em que o calçado altera sua postura corporal, a mulher se auto-organiza de forma a adaptar-se a essa nova condição de interação com seu nicho. Supondo ainda que essa pessoa se depare com um piso escorregadio, por exemplo, um piso molhado, mais uma vez ela se auto-organiza no sentido de manter-se equilibrada.

Esse exemplo ilustra que a capacidade de produção de sentido não está restrita apenas à linguagem, mas ao organismo como um todo. O processo de criação e integração de espaços mentais é natural na espécie humana e pode também ser identificado como a capacidade de produção de sentido que emerge também pela capacidade de linguagem.

Segundo os autores, "espaços mentais são construtos distintos das estruturas linguísticas, mas que são construídos em qualquer discurso de acordo com as diretrizes providas pelas expressões linguísticas" (FAUCONNIER, 1994, p. 16, tradução nossa)³⁶; são "estruturas parciais que proliferam quando pensamos e falamos, oferecendo uma partição refinada do nosso discurso e das estruturas de conhecimento" (FAUCONNIER, 1994, p. 11, tradução nossa)³⁷.

³⁶ Mental spaces are constructs distinct from linguistic structures but built up in any discourse according to guidelines provided by the linguistics expressions.

³⁷ Mental spaces are partial structures that proliferate when we think and talk, allowing a fine-grained partitioning of our discourse and knowledge structures.

Na teoria dos espaços mentais, inicialmente proposta por Fauconnier (1994, 1996, 1997), **o processamento discursivo é, também, compreendido como a instanciação de operações mentais que se indiciam na materialidade do texto (oral e/ou escrito)**. Esse é um importante aspecto a ser, aqui, considerado visto que coloca em foco, nos estudos linguísticos, não apenas a importância da palavra, mas também o contexto de sua produção e, de outras informações processadas cognitivamente na implementação do processamento discursivo. Fauconnier e Sweetser (1996: 2), ao discutirem as possíveis relações estabelecidas entre “estrutura cognitiva e estrutura linguística”, afirmam que, se a cognição humana é, de fato, configurada contextualmente, é crucial examinar quais tipos de conexões nossas mentes tendem a fazer, e quais tipos de efeitos são produzidos por diferentes contextos em/com que operam. (CAVALCANTE, 2002, p.68, grifo nosso)

Esse processo de integração de espaços mentais é definido pelos autores como integração conceptual (*blending*³⁸). *Blending*, portanto, pode ser compreendido como o processo básico de integração conceptual no qual estruturas de significado são construídas e reconstruídas. Esse processo pode ser reconhecido também através do processamento discursivo de acordo com informações linguísticas fornecidas:

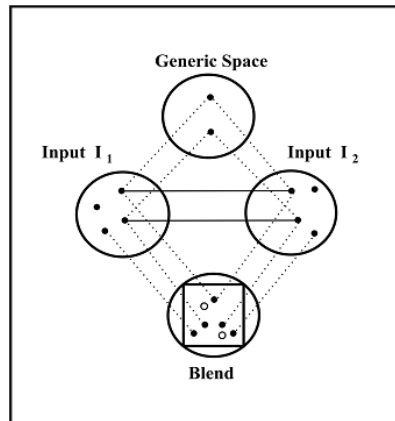
Integração conceptual é uma operação com os princípios e limitações. Ela cria redes dinâmicas. (...) A essência da operação é de que dois ou mais espaços mentais podem ser parcialmente combinados e a sua estrutura pode ser parcialmente projetada para um novo e *mesclado* (*blended*) espaço que desenvolve uma estrutura emergente. Estes espaços mentais e suas relações constituem uma rede de integração conceptual. Os seres humanos são especialmente hábeis em criar e usar essas redes rotineiramente em seus pensamentos e ações.³⁹ (FAUCCONNIER; TURNER, 2008, p.1-2, tradução nossa).

Essas articulações podem ser melhor visualizadas no diagrama a seguir:

³⁸ Conceptual integration, which we also call conceptual blending, is another basic mental operation, highly imaginative but crucial to even the simplest kinds of thought. (FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 18).

³⁹ Conceptual integration is an operation with principles and constraints. It creates dynamic networks. (...)The gist of the operation is that two or more mental spaces can be partially matched and their structure can be partially projected to a new, blended space that develops emergent structure. These mental spaces and their relations constitute a conceptual integration network. Human beings are especially adept at creating and using such networks routinely in thought and action.

Figura 17 - Diagrama básico de uma Rede Conceitual Integrada



Fonte: FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 46

Nesse diagrama é possível visualizar uma rede de Integração Conceptual. Os *inputs*, enquanto estruturas parciais formadas por elementos cujas características serão integradas no espaço integrado (*blend*). Esse espaço é resultante da integração, da mescla das informações dos dois espaços *inputs*, sendo que a informação projetada é completamente nova, não existindo anteriormente em nenhum dos dois espaços *input*. Toda essa operação ainda incorpora um quarto espaço, denominado espaço genérico, um espaço de interseção entre os espaços *inputs*, onde se podem encontrar estruturas comuns.

É relevante completar que, de acordo com Fauconnier e Turner (2002),

Enquanto essa forma estática de ilustrar aspectos da integração conceptual é conveniente para nós, esse diagrama é realmente apenas um “registro instantâneo” (snapshot) de um processo complicado e imaginativo que pode envolver a desativação de conexões anteriores, reformulando espaços anteriores, e outras ações. Pensamos que uma das linhas nesse diagrama (linhas que representam mapeamentos e projeções conceituais) como correspondendo a coativações e ligações neurais. Aqui, então, são os aspectos essenciais da integração, apresentados em uma sequência que não pretende refletir estágios reais do processo⁴⁰. (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 46, tradução nossa).

⁴⁰ While this static way of illustrating aspects of conceptual integration is convenient for us, such a diagram is really just a snapshot of an imaginative and complicated process that can involve deactivating previous connections, reframing previous spaces, and other actions. We think of the lines in this diagram (lines that represent conceptual projections and mappings) as corresponding to neural coactivations and bindings. Here, then, are the essential aspects of blending, presented in a sequence not meant to reflect actual stages of the process.

É possível avançarmos na compreensão de que essa capacidade nos seres humanos reflete uma capacidade de Integração Conceptual de Duplo Escopo⁴¹ (FAUCONNIER; TURNER, 2008).

Podemos definir integração de duplo escopo a partir dos trabalhos de Fauconnier e Turner (2002) como a capacidade de integração de espaços mentais pela projeção de vários espaços na criação de rede de integração.

De acordo com Fauconnier, citado por Coscarelli (2005):

Os seres humanos, em particular, parecem capazes do que chamamos de “integrações de duplo escopo”, em que espaços mentais conflitantes são introduzidos. A partir dessa integração de espaços podem surgir novas estruturas muito criativas. Argumentamos indiretamente que essa capacidade de fazer mesclas duplas pode, de fato, ser o que caracteriza as capacidades cognitivas de nossa espécie. É ela que nos permite fazer coisas tais como arte, ferramentas, ciência e linguagem, habilidades que outras espécies não parecem possuir. Essas habilidades são relativamente recentes, mesmo na evolução biológica de espécies semelhantes à do homem. (FAUCONNIER apud COSCARELLI, 2005, p. 2).

Para os autores, é nessa operação de integrações de duplo escopo que reside a singularidade da espécie humana, sendo que essa operação é responsável pela criatividade que perpassa todas as áreas do conhecimento humano (das artes, das ciências, da linguagem) e o que nos distingue das demais espécies animais. Para Turner (2006):

a integração de duplo escopo é, de fato, especial - no sentido de que pertence apenas à nossa espécie; ela parece pertencer somente a nós. Mas ela não é especial dentro da nossa espécie nem em momentos, atividades ou pessoas em particular. A integração de duplo escopo é uniformemente disponível e constantemente implantada em nossa espécie, o tempo todo, de manhã, de tarde e de noite. Ela funciona igualmente nos mais impressionantes e nos menos comentados aspectos do comportamento e do pensamento humanos. (TURNER, 2006, p. 2, tradução nossa)⁴².

Portanto, o conceito de integração de espaços mentais constitui um elemento importante para a descrição de operações cognitivas ligadas ao pensamento. As expressões linguísticas são mediadoras de um processo dinâmico no qual espaços mentais são criados, estruturados e interconectados.

⁴¹ Double-scope conceptual integration.

⁴² Or rather, double-scope blending is indeed special - in the sense that it belongs to only our species; it seems to be ours alone. But it is not special within our species; it is not special to particular times, activities, or people. Double-scope blending is uniformly available and constantly deployed across our entire species, all the time, morning, noon, and night. It is equally at work in the most impressive and in the least remarked aspects of human behavior and thought.

Isto posto, podemos avançar na reflexão de como essas concepções teóricas contribuem na compreensão das línguas de sinais.

4.3 Uma interface entre a Teoria da Enunciação e Teoria da Integração Conceptual

A escolha de se referenciar a análise deste trabalho nas teorias da Enunciação e da Integração Conceptual se deve à compreensão de que as duas teorias apresentam a linguagem em seu caráter processual. Nenhuma delas reconhece a linguagem estritamente relacionada à produção material, seja ela oral ou gestual. Ambas trabalham, para além da materialidade, “no sentido de desenhar as engrenagens constitutivas do processamento discursivo” (CAVALCANTE, 2002, p.90)

Esta interface é proposta com base no trabalho de Cavalcante (2002), que, em sua dissertação de mestrado, também realiza a articulação entre essas duas teorias⁴³.

Concordamos com Cavalcante (2002) que afirma que o quadro teórico de Benveniste (2006) interessa à esta pesquisa uma vez que “neste trabalho, assume-se a tese *benvenistiana* de que não há como analisar o processamento discursivo, sem partir da criação e da articulação simultânea, dinâmica, de Instâncias de Enunciação”. (Cavalcante, 2002, p.91)

Ou seja, reconhecemos o processo discursivo como necessariamente constituído à partir da relação estabelecida entre um locutor, alocutário e referência em um tempo e espaço discursivos. Dessa forma, estas condições são básicas para a produção de sentido em qualquer língua e portanto, são evidências que devem ser reconhecidas também na línguas de sinais.

Do quadro teórico da TIC, consideramos que a produção de sentido ocorre pela integração de Espaços Mentais, ou seja, o ser humano “coloca a língua em atividade, produz discurso, através da criação e da articulação simultânea, dinâmica e em forma de rede, de Espaços Mentais” (Cavalcante, 2002, p.91).

⁴³ A autora também trabalha com a Teoria Modular (CASTILHO, 1998) em sua dissertação. Contudo, para este trabalho a Teoria Modular não foi utilizada.

Assim, articulando essas duas proposições de que o processo discursivo envolve a criação de articulação de Instâncias de Enunciação, e de que a produção de sentido envolve a articulação em rede de espaços mentais, assumimos o pressuposto conforme Martins (2000) citado por Cavalcante (2002) de que

(...) todas essas operações de construção de Espaços Mentais no âmbito do discurso nos levam a compor um quadro que possibilita compreender que a construção de tais Espaços ocorre em função da instauração de Instâncias de Enunciativas no discurso, por operações de Gramaticalização/Semantização comandadas pelo processamento dêitico. Nesta perspectiva, pode-se dizer que a construção de Espaços Mentais no discurso é, na verdade, embasado pela relação discursiva que se processa entre o locutor, que se constrói como enunciador no processamento discursivo, e dá voz a outros enunciadore através de recursos advindos da língua, e o ouvinte, instituído no mesmo processo, como enunciatário. Nesse sentido, postula-se neste trabalho que instâncias enunciativas são, por natureza, Espaços Mentais. (Martins, 2000,p.112 *apud* Cavalcante, 2002,p.92)

Dessa forma, compreendemos que à medida que o sujeito empírico desencadeia o processo de Discursivização (Oliveira e Nascimento, 2004) instaurando-se como locutor e por conseguinte instituindo-se discursivamente como Enunciador para um Enunciatário na construção de uma referencia, temos o que Magalhães (1998 citado por CAVALCANTE, 2002) denomina como “situação *default*”.

Compreendemos este conceito como:

ato que indicia a entrada da “voz” do enunciador no processamento discursivo. Essa “situação *default*” possibilita a criação da Instância Zero de Enunciação, que deve ser compreendida como a instância fundadora do Processo de Discursivização a partir da qual todas as demais Instâncias de Enunciação são Criadas. (CAVALCANTE,2002, p.92)

A partir da afirmação de que a linguagem possui recursos que permitem criar diferentes tipos de Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1997 *apud* CAVALCANTE, 2002, p.92), reconhecemos que através do processo de instauração de Instâncias Enunciativas podemos também identificar espaços mentais necessários para a produção de sentido no discurso. Ou seja, o reconhecimento das Instâncias Enunciativas permite identificar a situação “*default*” enquanto um espaço Base, ou seja, um espaço origem do discurso. A partir deste espaço Base, é possível a instauração de novos espaços:

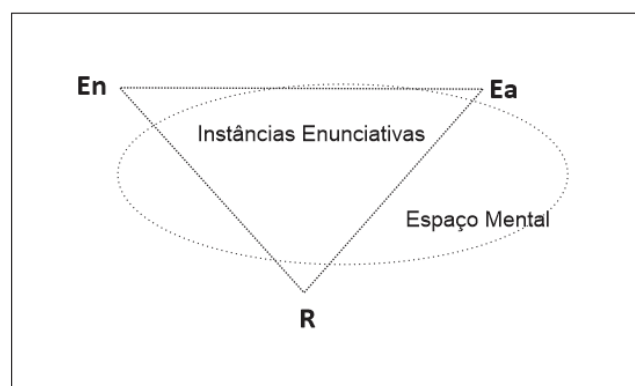
ao desencadear o processo de Discursivização, o ser humano cria, necessariamente, diferentes Espaços Mentais que lhe permitem associar diferentes informações, instantânea e cognitivamente, mapeadas de forma associativa, o que gera novos Espaços Mentais dos quais emergirão novas estruturas informacionais decorrentes da projeção e da mesclagem seletiva de informações (CALVACANTE, 2002, p.94)

Dessa forma, podemos compreender o processo discursivo como um processo de *mesclagem* de espaços mentais à partir da instauração de um único espaço enunciativo – *default* – identificado a partir das Instâncias Enunciativas, no qual os outros espaços se integram.

Para facilitar a identificação e compreensão deste processo na análise do corpus desta pesquisa, assumimos a mesma perspectiva de Cavalcante (2002) de que “a mente não opera de forma fragmentada e linear” e portanto, as análises serão representadas “de maneira pictórica, na forma hiperespacial de figuras”. (Cavalcante, 2002,p.97):

- a. Os espaços mentais serão representados por círculos construídos com traços descontínuos e;
- b. As Instâncias Enunciativas serão representadas por triângulos.

Figura 18 - Representação esquemática das Instâncias Enunciativas e Espaço Mental



Fonte: Elaborada pelo autor

4.4 Espaços mentais e Língua de Sinais

No capítulo anterior, apresentamos como a emergência linguística da Libras é caracterizada por movimentos gestuais, ou seja, a sua produção material ocorre na articulação coordenada de gestos, movimentos corporais e expressões faciais. Esse tipo de caracterização ainda gera algum preconceito sobre o reconhecimento do *status* linguístico dessa língua, às vezes confundida com mímicas e pantomimas.

Contudo, como já tem sido descrito ao longo desta dissertação, as LS possuem propriedades que possibilitam o reconhecimento do *status* linguístico como qualquer língua natural. No capítulo 02 foi discutido que, na concepção de linguagem adotada a partir dos trabalhos de Chomsky, Hauser e Fitch (2002), a linguagem em sentido restrito (recursão) está a serviço das interfaces (propriedade articulatória perceptual e propriedade conceitual intencional). Podemos comprovar essa premissa com base, também, nos estudos das línguas de sinais (LS), uma vez que o processo cognitivo de computação da linguagem que ocorre entre AP e CI independe da materialidade pela qual a língua emerge, ou seja, por meio da articulação sonora ou articulação gestual. Desse modo, o processamento cognitivo linguístico ocorre naturalmente.

Assim, podemos afirmar com base nos argumentos apresentados que, do ponto de vista da constituição interna (nuclear) da estrutura conceitual, as línguas se assemelham ou podem ser consideradas apenas uma, diferindo-se apenas na externalização. Berwick e Chomsky (2011, p. 32) afirmam que “há razões independentes para conclusão de que a externalização é um processo secundário. Uma dessas é a de que a externalização aparece como sendo uma modalidade independente, como temos aprendido a partir dos estudos recentes sobre as línguas de sinais”⁴⁴. Por isso, considerar os gestos das LS de forma superficial é negar o reconhecimento dessa capacidade inata dos seres humanos, que pode se manifestar das mais diversas formas.

A linguagem está relacionada a uma capacidade cognitiva em que os signos linguísticos, sejam eles sonoros ou gestuais, são articulados a partir dessa capacidade. Assim, emitir som ou sinalizar com as mãos são ações coordenadas

⁴⁴ There are independent reasons for the conclusion that externalizations is a secondary process. one is that externalization appears to be modality-independent, as has been learned from studies of sign language in recent years.

pelo mesmo núcleo. Mesmo que persistam os argumentos de que as LS são apenas gestos simples, nesta seção demonstraremos como a complexidade da Libras pode ser reconhecida à luz da Teoria da Integração Conceptual, bem como qualquer outra língua.

A modalidade da Libras é visual-espacial, ou seja, a articulação dos sinais ocorre na manifestação dos gestos no espaço real em volta do sinalizador⁴⁵. Dessa forma, o espaço físico é utilizado pelo sujeito na apresentação e organização dos elementos linguísticos gestuais utilizados durante seu discurso⁴⁶. O uso do espaço físico se coordena a partir das operações cognitivas realizadas pelo sujeito, pois, a partir da materialização gestual da Libras, é possível também reconhecer as construções espaciais e temporais de eventos cognitivamente instaurados.

Nessa perspectiva, em um primeiro momento, apresentamos argumentos do ponto de vista descritivo das LS, evidenciando a modalidade pela qual essa língua se manifesta. Contudo, como colocado no início deste capítulo, não vamos nos ater apenas à materialidade da Libras, mas também aos aspectos cognitivos.

A partir das teorias apresentadas neste trabalho, é possível reconhecer que a referência nas línguas de sinais, apesar da materialidade gestual, ocorre pelo mapeamento conceptual no qual determinada locação é referenciada. Ou seja, os apontamentos e deslocamentos dos gestos pelos falantes de LS podem revelar a conceptualização de eventos discursivos.

Em Fauconnier (2007) encontramos referência ao trabalho de Scott Liddell (2003), linguista americano que pesquisa a Língua Americana de Sinais (ASL). Scott Liddell tem contribuído para as discussões sobre as línguas de sinais ao pesquisar sobre os processos de integração conceptual da ASL.

Fauconnier (2007) afirma que os trabalhos de Liddell (2003, p. 364) “demonstram que as línguas de sinais efetivam-se pelos espaços em suas gramáticas tomando vantagem da modalidade espacial⁴⁷”.

Confirmando o que foi apresentando anteriormente sobre Espaços Mentais, Liddell (2003) afirma que:

⁴⁵ Compreende-se o sinalizador enquanto o sujeito real, empírico, que toma a palavra pela modalidade da Libras, ou seja, aquele que enuncia utilizando alguma língua de sinais.

⁴⁶ “Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 51).

⁴⁷ Demonstrates, sign language additionally make use of grounded mental spaces in their grammars by taking advantage of the spatial modality.

Na teoria dos espaços mentais, o significado é construído, fazendo conexões entre entidades dentro de espaços mentais. Fauconnier (1985, 1997) demonstra que tais mapeamentos são aspectos cruciais, contínuos e constantes usados em qualquer língua. Assim, seria de esperar que o mapeamento de espaços mentais também desempenhe um papel crucial na construção de significado em ASL⁴⁸. (LIDDELL, 2003, p. 05, tradução nossa).

Podemos observar que um falante de LO tem a opção de “oralizar” e “gesticular”, enquanto um falante de LS usará prioritariamente o “gesto”. O gesto não é simplesmente um apontar o dedo para um ponto fixo no espaço, mas é mapeado cognitivamente a partir da integração de espaços mentais. Mesmo assim, é possível insistir que essa operação não é exclusiva dos falantes de LS, mas dos demais falantes de LO. Em resumo, essa operação revela a constante interação do indivíduo com o seu nicho, pela qual a produção de sentido efetiva-se na integração conceptual.

Nos estudos referentes a ASL é possível compreender a operação de integração a partir de alguns sinais ostensivos. Em ASL, durante qualquer processo enunciativo, o uso do gesto da figura abaixo (Figura 19) pode ser interpretado como a função pronominal *YOU*. Isso só é possível uma vez que o falante de ASL em determinada cena enunciativa, ao se referir a uma entidade específica, realiza o gesto de “apontar”. O gesto em si não possui significação *à priori*, mas a produção de sentido ocorre apenas a partir do processo de integração conceptual na cena enunciativa em que o falante de LS se insere enquanto enunciador. Dessa forma, é possível a compreensão desta sinalização em específico como a função pronominal *YOU*, ou seja, no recorte desta cena, a locutora faz referência direta a seu interlocutor.

⁴⁸ In mental space theory, meaning is constructed by making connections between entities within mental spaces. Fauconnier (1985, 1997) demonstrates that such mappings are crucial, ongoing, and constant aspect of the use of any language. Thus, we would expect that mental space mapping also play a crucial role in constructing meaning in ASL.

Figura 19 - Sinalização em ASL

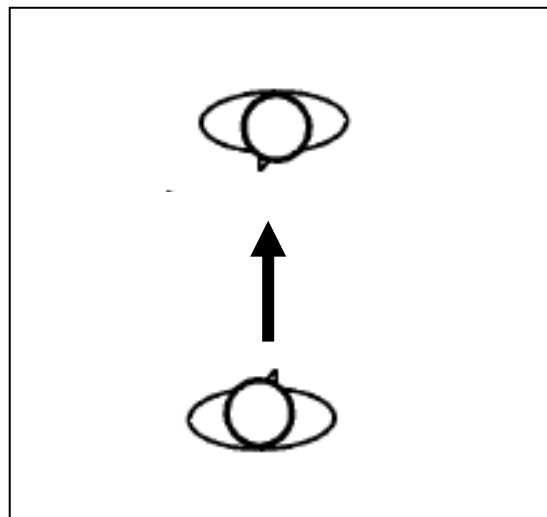
a. PRO



Fonte: LIDDELL, 2003, p. 409

A figura 19 pode ser compreendida pelo seguinte esquema:

Figura 20 - Conceptualização da sinalização pronominal: YOU



Fonte: Elaborada pelo autor

A figura 20 ilustra a conceptualização da sinalização pronominal a partir da cena enunciaiva da interação dos sujeitos falantes de Libras.

É possível afirmar que o processo de conceptualização dos espaços mentais não está relacionado à presença ou ausência do objeto físico. Para tanto, o falante de LS demarca locações que são mapeadas na identificação de “pessoas” ou “objetos”.

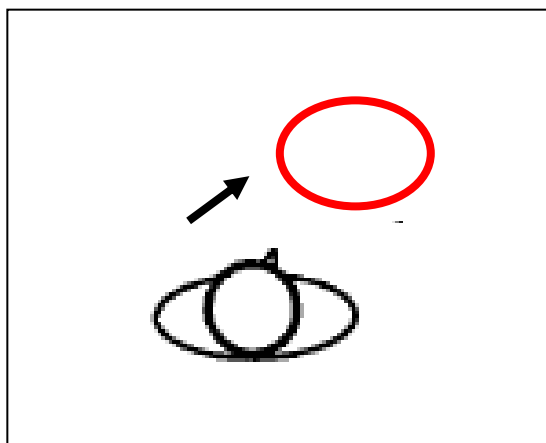
A figura 21 ilustra este processo de conceptualização sem evidência de uma referência física. Nesta figura, que representa o recorte da gravação de uma narrativa em Libras, a informante sinaliza para um determinado local à sua esquerda.

Figura 21 - Sinalização PRO₁

Fonte: Vídeo da pesquisa

Podemos reparar que uma diferença básica se instaura em relação à figura 19. Neste momento destacado pela figura acima, não há qualquer referência física presente no ambiente junto à informante para onde ela se refere. Entretanto, a produção de sentido ocorre através do mapeamento cognitivo dessa sinalização inserida em uma determinada cena enunciativa. Assim, podemos reconhecer nessa sinalização a instauração de um determinado evento discursivo.

O esquema abaixo contribui para o esclarecimento:

Figura 22- Representação da sinalização

Fonte: Elaborada pelo autor

Podemos perceber que essa sinalização pode ser tomada como um índice linguístico para a construção de espaços mentais dos falantes de LS.

Em outro momento na mesma história, ao narrar outro evento, a informante realiza uma nova demarcação no espaço utilizando a mesma sinalização:

Figura 23 - Sinal PRO₂: demarcando o local em vermelho



Fonte: Vídeo da pesquisa

Na figura 23, temos a imagem da sinalização da informante que realiza a mesma sinalização, porém direcionado a um espaço distinto ao da primeira vez. Isso evidencia o que discutimos anteriormente, que não é o uso do sinal que produz a significação, tampouco a presença ou ausência física de alguma entidade durante o discurso. O que queremos destacar a partir do trabalho de Liddell é que a sinalização em Libras também revela a instauração de espaços mentais em um processo enunciativo.

Outra forma que pode ser observada nas LS é o uso específico do corpo do sinalizador como emergência que possibilita que as entidades descritas sejam conceptualizadas de forma a representar características visuais do evento. Taub *et al.* (2008) utilizam o seguinte exemplo: para descrever o evento de que o gato bateu de frente contra a parede (figura 24), o sinalizador realiza um movimento corporal no qual “demonstra” o movimento do animal (figura 25). A compreensão desse evento só é possível pela operação de integração conceptual através da sinalização específica inserida no processo enunciativo.

Figura 24 - Ação alvo: “Gato sendo esmagado contra a parede”



Fonte: TAUB *et al.*, 2008, p. 286

Figura 25 - Narrador sinalizando a ação alvo



Fonte: TAUB *et al.*, 2008, p. 286

Nas palavras de Taub *et al.* (2008, p. 284):

De acordo com Liddell, tanto sinalizantes quanto gesticuladores falantes criam uma mescla (Fauconnier e Turner, 1996) entre um espaço mental imaginado e o espaço real (ou seja, o modelo conceitual do espaço no qual se encontram). Nessa mescla, as entidades imaginadas são concebidas como situadas no espaço ao redor da pessoa. Gestos icônicos e dêiticos

podem ser direcionados àquelas entidades ou podem rastrear seus progressos através do espaço. No caso das línguas de sinais, esses gestos são limitados ao uso com elementos lexicais e gramaticais, sendo coerentemente usados e compreendidos pela comunidade sinalizante.

A autora completa afirmando que:

Um diálogo ou uma ação é re-construído a partir da memória e narrada, assumindo-se recursos do discurso em primeira pessoa. O discurso em primeira pessoa na ASL incorpora um ou mais dos seguintes elementos: 1) uso parcial ou completo do corpo para transmitir a ação; 2) olhar neutro (ou seja, o olhar não é dirigido a nenhum dos membros da audiência, mas a um espaço alternativo onde a ação está ocorrendo); e 3) expressão facial correspondente à ação relatada. (TAUB *et al.*, 2008, p. 286).

Moreira (2007, p. 50) também contribui ao afirmar que:

Os sinalizadores, portanto, ao contar uma história ou narrar um diálogo, em geral, exploram seus movimentos corporais e o espaço de sinalização ao seu redor, para construir as cenas e interpretar as personagens. Segundo Liddell (2003: 159), os sinalizadores podem assumir o papel de qualquer participante da situação narrada e sinalizar como se fossem eles.

Ao sinalizar, os sujeitos falantes de Libras estão, como os sujeitos falantes de português, integrando espaços mentais, pois apesar da realização material dessa língua ser gestual, a integração dos espaços mentais que compõem as narrativas ocorre independente da modalidade da língua.

Assim, podemos compreender que as LS, como línguas naturais, possuem os mesmos princípios no que referem às operações de integração conceptual enquanto base na compreensão do processo de atualização da cena enunciativa.

No próximo capítulo será apresentada a análise do *corpus* a partir das discussões realizadas.

5 ATUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ENUNCIATIVOS DE UMA NARRATIVA EM LIBRAS

5.1 Considerações iniciais

Antes de dar início as análises do *corpus* desta pesquisa, faz-se necessário retomarmos alguns dos pressupostos já assumidos. Dessa forma, consideramos pertinente manter o leitor situado relativamente ao percurso teórico que orientou este trabalho.

É proposta, desde o início, a análise da narrativa de um falante de Libras a partir da articulação de pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Enunciação (BENVENISTE, 1989, 2006) e da Teoria da Integração Conceptual, de acordo com os trabalhos de Fauconnier (1994, 1997), Turner (1996) e Fauconnier e Turner (2002). Ao adotar o quadro teórico-metodológico estabelecido, pretende-se **explicitar como se evidenciam as operações de *temporoespacialização* na configuração de uma narrativa em Libras.**

Nessa perspectiva, o foco de análise do *corpus* coletado neste trabalho consistirá em mostrar como a instância de enunciação, isto é, o espaço enunciativo, se atualiza na materialidade gestual, demonstrando como essa atualização ocorre pela integração conceptual.

Assim, pretendemos verificar a hipótese de trabalho segundo a qual o processo de atualização do espaço de enunciação ocorre em Libras da mesma forma que ocorre em outras línguas orais: através do processo recursivo de *temporoespacialização* deste espaço.

Compreendemos que o fenômeno linguístico é melhor compreendido quando são esclarecidas as operações que o subjazem, de forma que podemos assumir uma perspectiva explicativa e não apenas descritiva. Assim, mesmo que haja um investimento na caracterização dos fenômenos gestuais da Libras, os esforços estão direcionados para encontrarmos evidências da produção de sentido que ocorre pela integração de espaços enunciativos através da operação de recursão.

Para tanto, é proposto:

- a) identificar as operações de configuração do espaço base/integrador da narrativa em Libras;

- b) identificar e descrever os espaços enunciativos constitutivos da narrativa em Libras;
- c) identificar e descrever o processo de *temporoespacialização* na integração de espaços enunciativos da narrativa em Libras.

A partir disso, pretendemos apresentar argumentos que possam fortalecer o reconhecimento da Libras enquanto uma língua natural e contribuir para o avanço dos estudos de uma sintaxe da Libras.

5.2 Caracterização da narrativa em Libras

A narrativa a ser analisada é de um vídeo postado na internet⁴⁹ no ano de 2009, sem nenhuma descrição específica na página do site. Trata-se de um dos 61 (sessenta e um) vídeos, dos mais variados temas, publicados neste canal que estão disponíveis para visualização. No vídeo, o autor conta uma fábula para explicar o significado da palavra “instinto”, além de se referir a outras situações no decorrer de sua fala.

Conforme já discutido na introdução deste trabalho, para contribuir na análise do *corpus* selecionado, foi realizada a seguinte paráfrase⁵⁰, de forma a possibilitar a compreensão do vídeo por aqueles que não são fluentes em Libras e também permitir referências do vídeo ao longo deste capítulo:

(01) Hoje eu vou explicar uma metáfora chamada: “O escorpião e a tartaruga”. Bom,
 (02) mas antes vou contar outra coisa. Há muito tempo atrás, meu pai lia um papel
 (03) quando se deparou com uma palavra do português que não conhecia. A palavra
 (04) era INSTINTO. Sem saber o que era ele perguntou para sua filha, que sabendo
 (05) o significado desta palavra explicou para ele. Mas, mesmo assim o pai
 (06) continuou sem entender o significado da palavra. Então ele perguntou para outra
 (07) pessoa que também lhe explicou, perguntou para um intérprete e para outra
 (08) pessoa, e outra, e outra, mas de nada adiantava. Ainda não entendia claramente
 (09) o que esta palavra significava. Retomando, minha irmã, bem... Ela trabalhava em
 (10) um escritório e como estava fazendo muito calor ela foi trabalhar com uma saia
 (11) curta e enquanto digitava com as pernas cruzadas, uma situação chata
 (12) aconteceu. Um homem ficou olhando insistentemente para as pernas dela. De
 (13) forma que incomodou minha irmã que queria que essa situação chata parasse.
 (14) Então ela perguntou para o homem: “Por que você está olhando sem parar para

⁴⁹ Vídeo disponível no site *youtube* e disponibilizado em DVD no anexo 1.

⁵⁰ O vídeo em Libras está disponível em um DVD em anexo neste trabalho.

(15) *minhas pernas?*” O homem respondeu: “Olha só, eu vou te contar uma história e
 (16) *se você entender você vai permitir que eu continue olhando, tá bom?*” Ela então
 (17) *disse: “Está bem, se eu entender a história, deixo você continuar olhando à*
 (18) *vontade, mas se eu não entender você para de olhar de imediato!”.*
 (19) *“Combinado”, disse o homem. E ele então começou a contar a metáfora “O*
 (20) *escorpião e a tartaruga”:* “Aconteceu em uma grande floresta, onde havia um rio
 (21) *que cortava bem no meio. E de repente começou um grande incêndio por toda a*
 (22) *floresta. Os cavalos foram correndo e atravessaram o rio, também foram os*
 (23) *elefantes, os leões, todos pulando e atravessando o rio. E veio uma tartaruga*
 (24) *lentamente, com dificuldade, até chegar na margem do rio, apareceu um*
 (25) *escorpião desesperado, porque como você sabe o escorpião não sobrevive no*
 (26) *fogo porque morre rápido e nem na água, e quando ele viu que a tartaruga,*
 (27) *mesmo devagar estava chegando próximo à margem, saiu correndo e falou:*
 (28) *“espera, espera”. E a tartaruga respondeu: “O que foi?” E o escorpião então*
 (29) *disse: “Por favor, me ajuda, deixa eu subir nas suas costas para atravessar o rio*
 (30) *e poder chegar na outra margem”. Mas a tartaruga respondeu: “O que? Eu não.*
 (31) *Se você subir nas minhas costas você vai me ferir e vou acabar morrendo”.*
 (32) *Mas o escorpião respondeu de imediato: “Eu juro, eu juro, de joelhos que se*
 (33) *você me ajudar a atravessar o rio eu não vou te ferir. Por favor.” Então a*
 (34) *tartaruga respondeu: “Esta bem, se você está prometendo, pode subir nas*
 (35) *minhas costas”. E o escorpião subiu na tartaruga que logo em seguida entrou no*
 (36) *rio e seguiu nadando. O escorpião em cima ficava olhando a movimentação da*
 (37) *água enquanto a tartaruga nadava. Ela foi nadando, nadando e quando já estava*
 (38) *bem próximo da outra margem o escorpião a ferrou. A tartaruga caiu na*
 (39) *margem, e disse: “Você é um traidor...” O escorpião respondeu olhando para ela:*
 (40) *“Me desculpe, mas esse é meu instinto.” E após ouvir isso, a tartaruga morreu.*
 (41) *Bom, essa é a metáfora. O homem então perguntou para a moça: “Entendeu*
 (42) *então?” e a moça respondeu: “Então tá, pode continuar olhando”. Pois então, o*
 (43) *que significa essa palavra, instinto? Bom, uma pessoa, ou um animal também*
 (44) *tem uma sensação natural que não está ligada a nenhum desejo, é natural é*
 (45) *como se Jesus tivesse dado isso. Por exemplo, entre os animais, uma cobra tem*
 (46) *um impulso de atacar, como o escorpião. É natural. Ninguém o orientou a fazer*
 (47) *isso. O escorpião faz isso sozinho. Um leão, por exemplo, não aprende sozinho*
 (48) *como caçar e atacar uma presa. Ou um cachorro que naturalmente sabe como*
 (49) *latir. Igual às pessoas, é natural que o homem fique observando uma mulher*
 (50) *bonita. Ninguém o obriga a fazer isso, é natural. “Ah, entendi” – disse a moça.*
 (51) *“Então, é isso que significa a palavra instinto” – concluiu o homem. Então a moça*
 (52) *foi rapidamente ao encontro do pai e disse: “Lembra quando tentei te explicar*
 (53) *sobre a palavra instinto?” O pai respondeu: “Sim, eu lembro que não entendi de*
 (54) *forma clara”. “Então eu vou te contar uma metáfora para você entender” – ela*
 (55) *disse. E o pai conseguiu entender claramente. Esta é a real importância da*
 (56) *metáfora. Este episódio aconteceu no ano de 1992. Um abraço.*

Nas próximas sessões, será apresentada a análise dessa narrativa.

5.3 A configuração do espaço base na narrativa em Libras

Ao iniciar sua narrativa, o falante de Libras é aquele que “mobiliza a língua por sua conta” (BENVENISTE, 2006, p. 82) e, ao se apropriar do “aparelho formal da língua”, “enuncia a posição de locutor” e “implementa o outro diante de si” (BENVENISTE, 2006, p. 84). Ou seja, instaura o que podemos denominar como instâncias enunciativas: EU-TU.

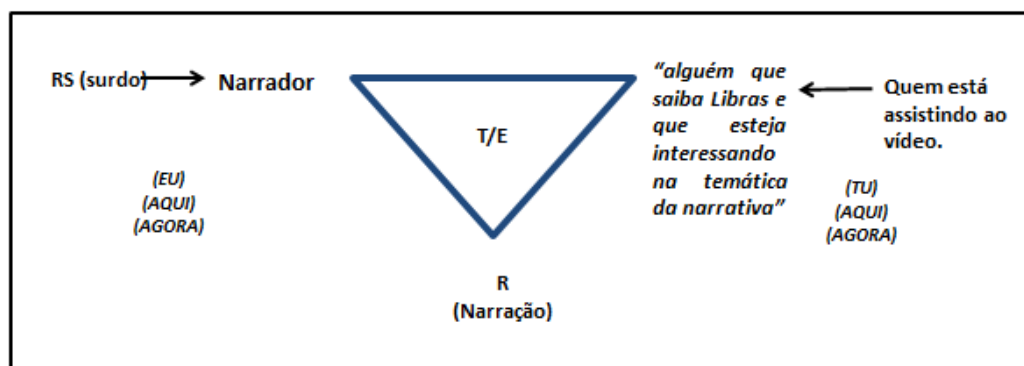
Isso significa que, nesse processo, o locutor – utilizando determinadas categorias linguísticas – se refere dialogicamente a um outro, transformando a língua em discurso e se constituindo como enunciador, dirigindo-se a um enunciatário, em um tempo e espaço discursivos.

Assim, no momento em que Rimar Segala toma a palavra e se propõe a narrar a história, já se configura um espaço base, isto é, instaura-se o que podemos nomear como uma situação *default*. O locutor estabelece discursivamente as condições básicas que gerenciam toda a sua narrativa, todo o processo enunciativo no qual ele se atualiza como enunciador/narrador na situação *default*.

É somente por esse processo, de acordo com Benveniste (2006), que é possível caracterizar as “condições iniciais (que) vão reger todo o mecanismo da referência no processo de enunciação” (p. 84).

Podemos representar a situação *default* dessa narrativa pelo esquema abaixo:

Figura 26 - Representação da situação default da narrativa de Rimar Segala



Fonte: Elaborada pelo autor

Através dessa representação, é possível especificar a configuração resultante das operações responsáveis pela instauração da instância enunciativa básica na implementação do processamento discursivo. O triângulo representa a delimitação do espaço de encenação que se estabelece exclusivamente através do discurso.

Percebemos que o sujeito surdo, ao mobilizar a sua língua (Libras), se projeta enquanto Enunciador (EN), que nesta cena enunciativa específica se atualiza enquanto um NARRADOR, implementando o Enunciatário (EA) que se constitui discursivamente como “alguém que saiba Libras e esteja interessado na temática da narrativa”. Essa projeção pode ser preenchida por uma pessoa que esteja assistindo ao vídeo. O locutor ainda instaura a Referência (R), que nessa cena se instaura como a narrativa/história/metáfora que ele se propõe a contar.

Esclarecemos que a instância de enunciação, isto é, o espaço base *virtual*, se constitui enquanto “real” sustentado pela materialidade da narrativa, que nesse caso se atualiza enquanto uma materialidade gestual.

Vale salientar que as categorias de espaço e tempo (representadas na figura por T/E) não se definem pelo espaço físico ocupado por Rimar, nem pelo tempo cronológico mas definem-se pela ação do locutor de enunciar-se enquanto EU, dirigindo-se para um TU. Tal operação é configurada pelo falante nessa encenação específica.

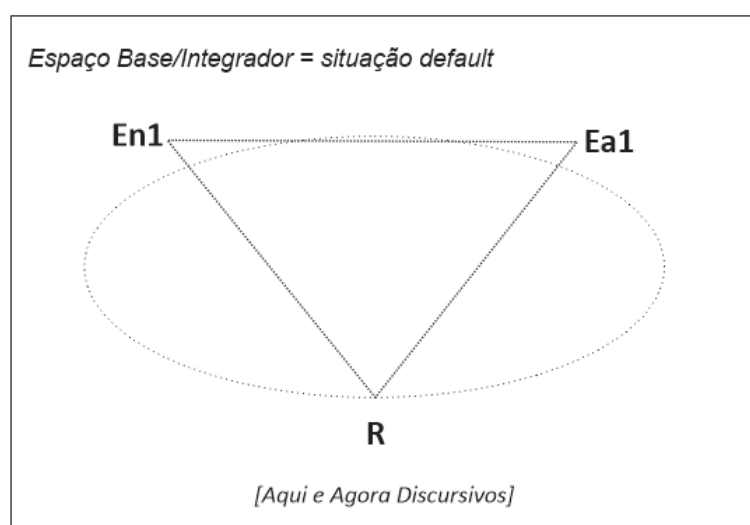
Esse esclarecimento se faz necessário, pois devido à modalidade gestual da Libras se manifestar pela articulação das mãos, braços, e corpo em relação ao espaço físico em volta dos falantes dessa língua, pode haver uma compreensão equivocada de que ao se referir a “espaço”, estamos descrevendo simplesmente a ação motora. Contudo, o que propomos analisar é justamente *como* ocorre a produção de sentido no discurso, independente da modalidade linguística. Afinal, ao nos referirmos a “espaço”, compreendemos esse conceito enquanto uma referência à capacidade/propriedade de conceptualização de domínios semânticos e não como uma referência à entidade física.

Assim, independente da forma como essa narrativa poderia ser proferida, seja em Língua Portuguesa ou em Língua de Sinais, é relevante destacar a operação de instauração de espaços enunciativos no interior do referido espaço base. Ou seja, o falante articula discursivamente a temática de sua narrativa, o domínio referencial de seu discurso.

De acordo com o que foi apresentado, segundo Benveniste (2006), para a realização da ação enunciativa, deve existir condições primárias afinal, essa ação pressupõe o estabelecimento de determinadas categorias que são atualizadas na materialidade linguística.

A partir disso, podemos apresentar outro esquema mais simplificado, que permite a visualização da instauração do espaço base/integrador e dos demais espaços instaurados ao longo da narrativa:

Figura 27 - Representação do Espaço Base/Integrador



Fonte: Elaborada pelo autor

Com a figura 27 pretendemos mostrar que o espaço base/integrador (situação *default*) é configurado como um espaço de enunciação, ainda representado pelo triângulo. Ou seja, partindo da esquematização da figura 26, reduzimos toda representação do processo de auto-organização discursiva na figura de um triângulo mais simples para facilitar a compreensão da análise. Preservamos as marcações de **EN** enquanto Enunciador, **EA**, enquanto Enunciatário, **R**, enquanto Referência. As marcações **En1** e **Ea1** se referem à especificação da situação *default*, ou seja, da Instância Zero de Enunciação, na qual todos os demais espaços serão integrados.

Assim, esse espaço base/integrador é compreendido a partir do estabelecimento da narrativa, que também podemos evidenciar no momento em que RS enuncia que "irá explicar uma metáfora".

Ainda nesta conceituação, podemos compreender o processo de delimitação de espaços enunciativos como um processo de formação de eventos (TALMY, 2003,

p. 215) que são integrados a um espaço base. Toda a sucessão de novos eventos, ou seja, o processo de *eventivação* ao longo da narrativa, está articulada ao espaço base/integrador.

Para ilustrarmos a instauração do espaço base, podemos destacar o primeiro enunciado da narrativa.

Na narrativa original em Libras⁵¹:

Figura 28 - Enunciado 1 em Libras



Em Português, temos a seguinte correspondência:

Linha 01: *Hoje eu vou explicar uma metáfora chamada: “O escorpião e a tartaruga”*

Ao iniciar a sua fala, o locutor se projeta enquanto narrador que irá contar uma determinada história. Isso é evidenciado a partir do momento que inicia sua

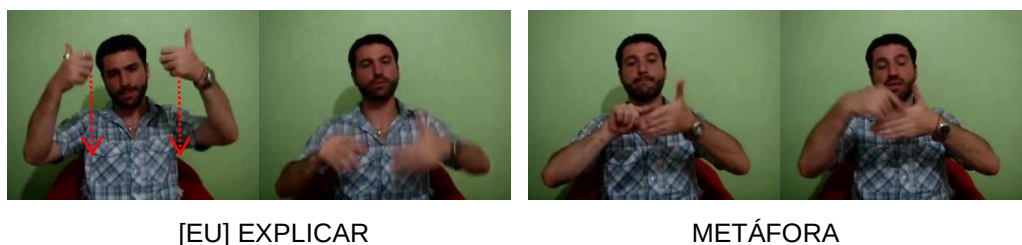
⁵¹ Tempo do vídeo no DVD: 00:10” – 00:14”

fala, pois o processo – de tomada de palavra – reconfigura o espaço enunciativo: EU-TU no AQUI/AGORA do espaço base/integrador.

Podemos também evidenciar a instauração deste espaço destacando que a atenção partilhada entre locutor e alocutário na construção dessa cena enunciativa se sustenta na configuração do domínio conceitual da ação de “se explicar/contar uma determinada história”.

Este domínio conceitual também é identificado, entre outras possibilidades, a partir da instanciação da sinalização em Libras, [EU] EXPLICAR METÁFORA:

Figura 29 - Sinalização [EU] EXPLICAR METÁFORA



Fonte: Vídeo da pesquisa

Especificamente a predicação **[EU] EXPLICAR** - enquanto uma categoria funcional na construção de uma instância enunciativa - revela a instauração de um espaço enunciativo específico, cujo complemento, **METÁFORA**, também se integra na atualização deste espaço.

Afinal, o locutor - ao se projetar enquanto um narrador - se propõe a explicar/contar para seus expectadores uma determinada história que se enquadra em um gênero específico denominado “metáfora”. Assim, os novos espaços instaurados ao longo da narrativa são configurados a partir desse domínio conceitual.

Também é relevante destacar que nesse enunciado identificamos outra marcação que evidencia a operação de instauração do espaço base, que é a seguinte sinalização em Libras:

Figura 30 - Sinalização HOJE/AGORA



Fonte: Vídeo da pesquisa

Essa sinalização pode ser traduzida para o Português como um advérbio de tempo, cuja ideia principal é identificada em correspondência aos conceitos de HOJE e AGORA. Isto é, o sujeito, ao fazer uso desse índice discursivo, reconfigura sua narrativa *temporoespacializando-se* em referência ao tempo da situação *default*.

Podemos identificar que essa marcação do tempo presente coincide com o tempo da enunciação. Contudo, o tempo presente, conforme afirma Benveniste (2006), está correlacionado com a construção de sua enunciação. Afinal, podemos assistir a este vídeo hoje, amanhã, ou daqui a cinco anos e ainda assim compreendemos como sendo o tempo “presente”, isto é, o tempo da enunciação. Somente a partir desse tempo que é possível a construção de outros tempos discursivos evidenciados também pela narrativa em Libras.

No entanto, não podemos limitar a análise apenas a um único enunciado, pois essa narrativa é composta por outras narrativas que são articuladas ao longo do discurso. Na estruturação de seu discurso, o locutor instaura espaços/eventos em tempos e espaços distintos a partir do espaço base.

Corroborando com essa afirmação, podemos apresentar outros enunciados que demonstram que a instauração de espaços/eventos é parte de um processo contínuo e não simplesmente a soma de partes isoladas.

Isso significa que, ao longo do discurso, o locutor opera com elementos discretos, que nesse caso são compreendidos pelos espaços enunciativos integrados pela operação de recursão. Mas, para podermos reconhecer essa operação é necessário identificarmos estes espaços. Assim, será possível definir o processo de *temporoespacialização*, isto é, o processo de criação e integração de espaços enunciativos.

5.4 Identificação do processo de eventivação na narrativa

A operação de *temporoespacialização* também pode ser compreendida como um processo de *eventivação*, ou seja, de integração de novos espaços/eventos ao longo da narrativa.

Este processo de criação de eventos, pode ser compreendido a partir da definição de Talmy (2004):

Pela operação de um processamento cognitivo mais geral que pode ser definido por partição conceptual e atribuição de entidade, a mente humana na percepção ou conceptualização pode estender um limite ao redor de uma porção específica que de outra forma seria um *continuum*, seja de espaço, tempo ou outro domínio qualitativo e atribuir a este conteúdo dentro do limite a propriedade de uma entidade singular. Entre várias alternativas, uma categoria dessa entidade é percebida ou conceptualizada como um evento⁵². (TALMY, 2004, p. 215, tradução nossa).

O processo de conceptualização de eventos, ou eventivação⁵³, revela a capacidade da mente humana de operar a criação de paisagens mentais na produção de sentido.

Nesse processo, o enunciador auto-organiza-se em diferentes espaços/eventos de referenciação a partir de um único espaço base (como abordado na seção anterior).

Passamos agora a identificar alguns desses espaços/eventos, demonstrando como são articulados ao longo da narrativa. Reforçamos que serão destacados apenas alguns espaços/eventos entre vários que podem ser identificados.

A partir de determinados índices, propomos identificar os espaços/eventos discursivos que demonstram a caracterização de “entidades mentais” para evidenciar o processo de integração conceptual. Assim, pretendemos confirmar que ao longo dessa narrativa em vídeo ocorre um processo de integração de espaços enunciativos que pode ser descrito a partir de eventos específicos.

⁵² By the operation of very general cognitive processes that can be termed conceptual partitioning and the ascription of entityhood, the human mind in perception or conception can extend a boundary around a portion of what would otherwise be a continuum, whether of space, time, or other qualitative domain, and ascribe to the excerpted contents within the boundary the property of being a single unit entity. Among various alternative, one category of such an entity is perceived or conceptualized as an event.

⁵³ A escolha pelo uso da palavra “eventivação” reflete o arcabouço teórico deste trabalho que discute a linguagem em uma perspectiva processual.

Para tanto, podemos identificar na narrativa em Libras algumas predicções distintas que indiciam a criação/delimitação de espaços enunciativos.

Uma pessoa fluente em Libras poderá compreender que a narrativa proferida por RS se caracteriza pela enunciação de eventos “menores” que se articulam na composição de seu discurso. RS inicia seu discurso contando um determinado episódio vivenciado por seu pai que não compreendeu o significado da palavra INSTINTO em uma leitura que estava fazendo. Diante dessa dúvida, ele (o pai) questiona sua filha e outras pessoas na tentativa de compreender o que essa palavra significa. Desse momento em diante, Rimar Segala narra um episódio específico vivenciado por sua irmã no ambiente de trabalho. Em seu trabalho, a irmã se sente constrangida pelo olhar invasivo de um colega de trabalho (um gerente). Eles estabelecem um diálogo no qual o colega se propõe a narrar uma “metáfora” que, sendo compreendida pela moça (irmã), poderia autorizá-lo a continuar vendo “as pernas da colega”. A metáfora é uma fábula que tem dois personagens de destaque, uma tartaruga e um escorpião, que vivenciam um conflito específico. Após contar e explicar a metáfora, o colega retoma o diálogo com a moça. Em seguida, RS narra que ela vai ao encontro do pai e lhe explica essa mesma fábula, que o ajuda na compreensão da palavra INSTINTO.

Identificamos nessa história várias “vozes” que podemos destacar como um jogo de alternâncias de enunciadores e enunciatários que assumem “seus” discursos em diferentes tempos e espaços. Essa alternância revela a instauração de diferentes espaços/eventos discursivos que são predicados ao longo da narrativa e integrados recursivamente ao espaço base.

Iniciamos esta análise com uma predicção específica e seu desdobramento na narrativa.

Predicação (A):

Figura 31 - Predicação (A) em Libras



^aPERGUNTOU PARA_b

Descrição: Direcionalidade da sinalização para a esquerda. Direção do movimento e do olhar.

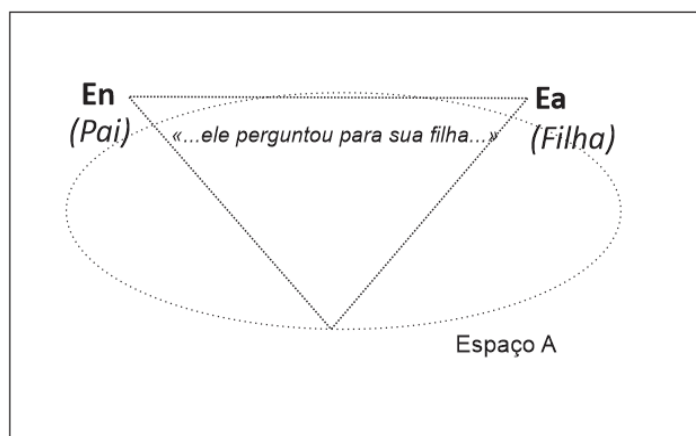
Fonte: Vídeo da pesquisa

Nessa predicação específica, considerando o núcleo do enunciado “**ele perguntou para sua filha**”, o verbo “perguntar” instancia um novo espaço enunciativo marcado pela ação de X perguntar para Y. Portanto, no processo de atualização do espaço base, a predicação se caracteriza pela conceptualização de um espaço enunciativo orientado pela seguinte configuração das instâncias enunciativas: o Enunciador (EN) que é reconfigurado enquanto uma entidade mental denominada “PAI”, o Enunciatário (EA) que é reconfigurado enquanto uma entidade mental “FILHA” e a referência (R) que é reconfigurada enquanto uma entidade mental da ação do verbo destacado: “uma pergunta”.

Neste momento, podemos identificar a instauração de um novo espaço enunciativo que se atualiza no espaço base/integrador. Compreendemos que o espaço base se configura pela tomada da palavra – em Libras – pelo estabelecimento das condições básicas (situação *default*), sendo que este espaço integra recursivamente o novo espaço enunciativo instaurado acima.

Nessa predicação (A), o espaço enunciativo é atualizado com um novo evento discursivo, no qual as condições básicas enunciativas do “aparelho formal da enunciação” podem ser descritas a partir do esquema abaixo:

Figura 32 - Espaço enunciativo (A)



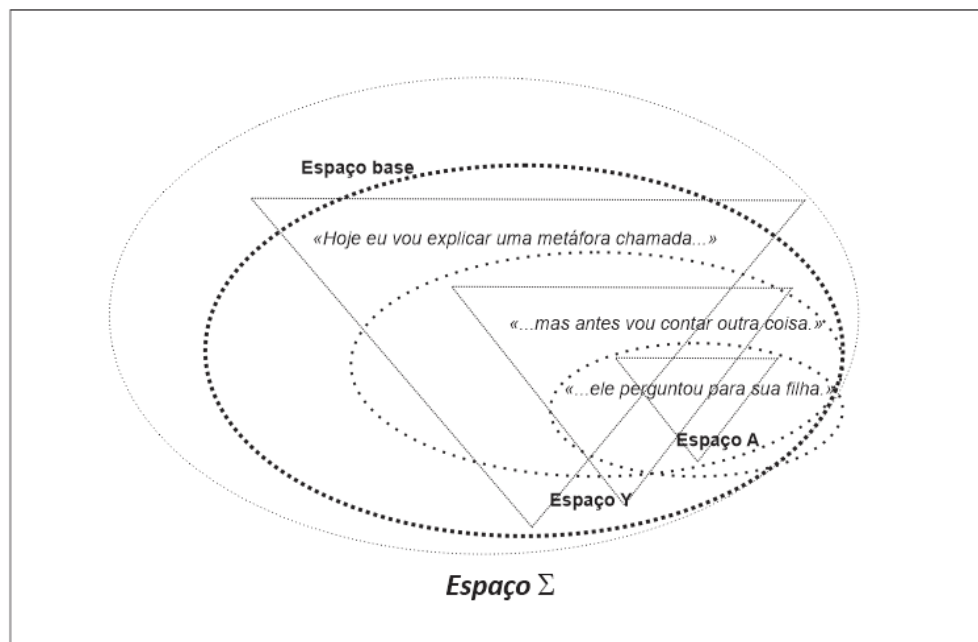
Fonte: Elaborada pelo autor

Ou seja, a predicação **PERGUNTOU PARA** revela a instauração de um espaço/evento enunciativo que se instaura por uma narrativa específica (uma pergunta) e ao mesmo tempo, como veremos, está “contido” em uma outra narrativa.

Ainda podemos considerar que esse processo de conceptualização do espaço enunciativo se configura pela marcação de tempo enquanto um evento no *passado*. Contudo, um observador atento poderá perceber que essa marcação de tempo não está evidenciada na sinalização em Libras em destaque como uma marcação morfológica (Figura 31).

As únicas marcações evidenciadas nessa sinalização são percebidas pela direção do movimento da esquerda para a direita e da direção do olhar também da esquerda para a direita. Não há indícios na materialidade gestual em Libras de uma marcação de tempo como ocorre no Português. Contudo, como discutido, o espaço enunciativo instaura-se em um tempo discursivo (não tempo) que referencia a outras possibilidades de referenciação de tempo passado e/ou futuro. Nesse enunciado, compreendemos que a marcação de tempo é instaurada pelo tempo passado, mas para confirmarmos precisamos compreender que esse espaço enunciativo é atualizado sob outro espaço anterior, ou seja, que o espaço/evento enunciativo (A) está integrado a outro espaço (Y), conforme a figura abaixo:

Figura 33 - Integração de Espaços



Fonte: Elaborada pelo autor

Percebemos que o **Espaço A** é integrado sobre o **Espaço Y**, que por sua vez está integrado ao **Espaço Base** gerando um novo Espaço denominado como Σ (sigma). Neste trabalho, este símbolo denotará a totalidade construída a cada

momento discursivo da rede de espaços enunciativos. Este espaço representa a Mescla (*blend*) dos dois espaços mentais destacados.

Mas para continuarmos a evidenciar que este processo de integração conceptual também é evidenciado na compreensão da materialidade gestual da Libras apresentamos outro espaço/evento denominado como (B) no qual está conceptualizado um evento no passado:

Figura 34 - Predicação (B) em Libras



Fonte: Vídeo da pesquisa

Predicação (B) em Português:

Linha 2: “(...) meu pai lia um papel (...)”

Nesse espaço enunciativo também podemos destacar como núcleo a predicação “ler”, que instancia esse espaço através da conceptualização da ação de X LER Y. Contudo, a marcação temporal de passado também não é evidenciada na materialidade gestual desse enunciado:

Figura 35 - Sinalização LER



Fonte: Vídeo da pesquisa

Para evidenciarmos a marcação de tempo que conceptualiza tanto este enunciado como o enunciado anterior, é necessário retomar a seguinte sinalização⁵⁴:

Figura 36 - Sinalização HÁ-MUITO-TEMPO-ATRÁS



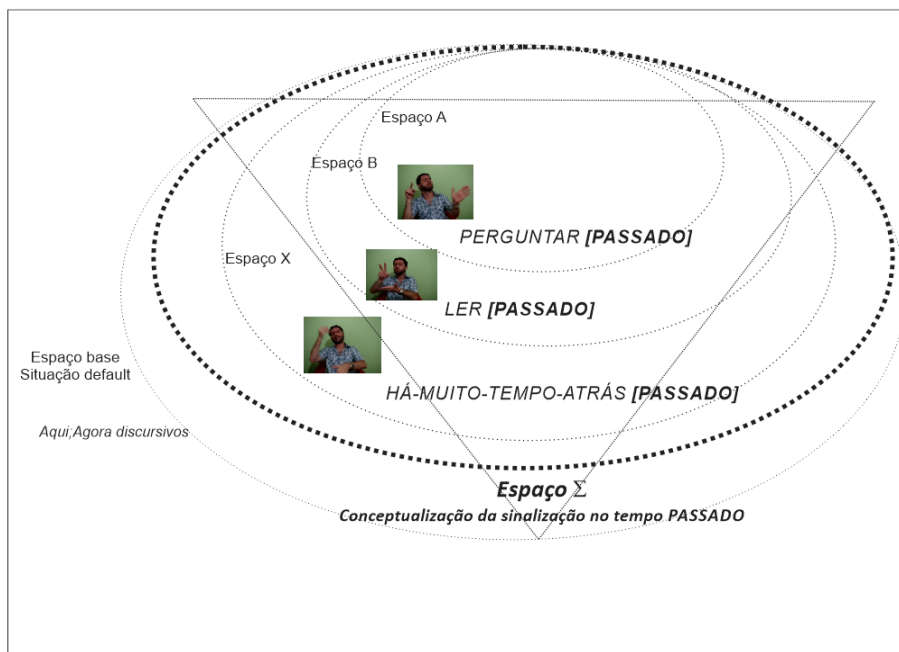
Fonte: Vídeo da pesquisa

Essa sinalização é materializada antes dos enunciados (B) e (A) e, assim, mapeia cognitivamente a marcação de tempo passado que reconfigura os espaços enunciativos que a procedem.

Dessa forma, no espaço base marcado pelo “aqui/agora” discursivo é atualizado com outra referencia à partir da reconfiguração da Instância Enunciativa com a atualização de novas entidades pelo uso de marcadores lexicais (pai, filha, perguntou, lia) além da instauração de uma nova referência de tempo no passado. Neste excerto a sinalização HÁ-MUITO-TEMPO-ATRÁS instaura um novo espaço enunciativo (Espaço X) que no espaço base integra recursivamente os outros dois espaços (A e B) que se mesclam no espaço Σ conceptualizados enquanto eventos no passado:

⁵⁴ Tempo do vídeo no DVD: 00:18”.

Figura 37 - Conceptualização da sinalização no tempo PASSADO



Fonte: Elaborada pelo autor

Partindo desses excertos analisados podemos considerar que o espaço base é atualizado pela integração de outros espaços/eventos enunciativos que se integram recursivamente uns aos outros. Além disso, é possível evidenciar que para a produção de sentido é necessário a mescla dos espaços instaurados discursivamente por Rimar Segala.

Até este momento, foram destacados dois eventos distintos que são integrados neste espaço base a partir de determinadas categorias funcionais que destacamos como predicções específicas.

Para tanto, foi identificada a partir destas predicções a atualização da instância enunciativa, na perspectiva de Benveniste. Compreendemos que recursivamente as instâncias de enunciação se atualizam com diferentes projeções, mantendo sempre a mesma configuração: Enunciador, Enunciatário e Referência.

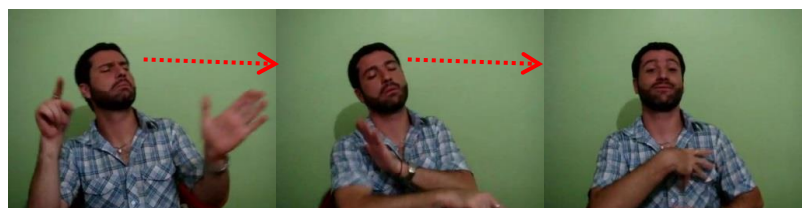
Assim, partindo da ação do locutor de enunciar-se, é instaurado discursivamente um espaço de enunciação a partir da qual todos os demais espaços serão criados e integrados. As predicções são instauradas nessa cadeia de integração a partir da atualização recursiva da instância enunciativa.

Ainda referente ao espaço enunciativo instaurado pela predicção (A), também é possível identificar outra evidência de como a produção de sentido da

narrativa ocorre através de um processo de integração conceptual. Neste trecho, identificamos uma sinalização específica que somente pode ser compreendida como parte de um processo enunciativo.

Para identificar esta sinalização, vejamos abaixo o enunciado completo da predicação (A):

Figura 38 - Enunciado (A) em Libras



${}_a$ PERGUNTOU PARA $_b$

FILHA

Descrição: Direcionalidade da sinalização para a esquerda. Direção do movimento e do olhar.



PRO $_1$

SINAL NOME
PRÓPRIO

${}_a$ PERGUNTOU PARA $_b$

Descrição: Direcionalidade da sinalização para a esquerda. Direção do movimento e do olhar

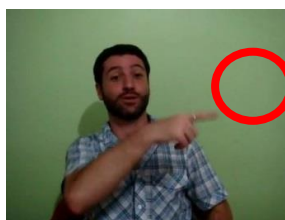


O QUÊ É?

Fonte: Vídeo da pesquisa

Percebemos, no 4º quadro, a seguinte sinalização do locutor Rimar (Figura 39):

Figura 39 - Sinalização ostensiva PRO1



Fonte: Vídeo da pesquisa

Nesse recorte do vídeo, o locutor está direcionando seu gesto para a sua esquerda, referenciando uma entidade específica. É possível compreender como um gesto de apontar/direcionar o dedo indicador para um determinado ponto no espaço. Contudo, assumindo uma perspectiva enunciativa, essa sinalização pode ser compreendida através da integração conceptual que possibilita a reconfiguração na interpretação dessa sinalização.

A sinalização PRO_1 é antecedida por outras sinalizações que pode ser identificadas em português pelos conceitos FILHA:

Figura 40 - Sinalização ostensiva mais referências



FILHA

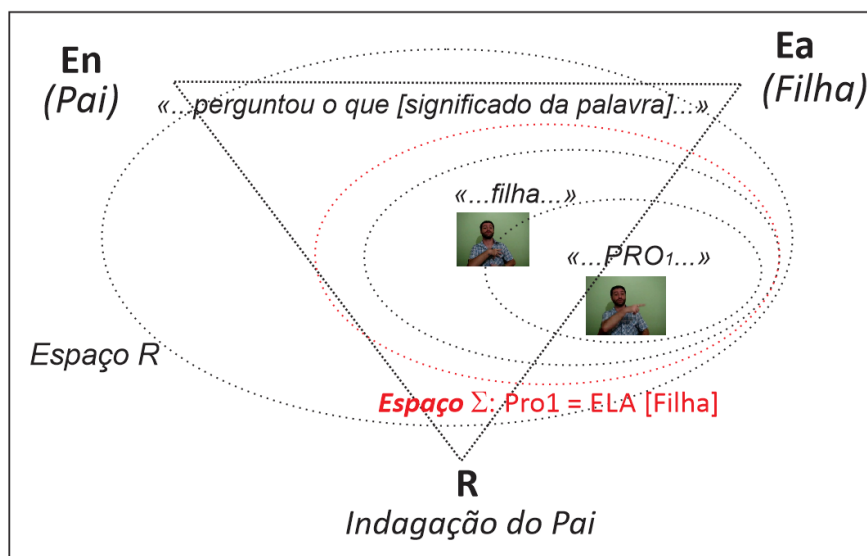
PRO_1

Fonte: Vídeo da pesquisa

A partir do processo enunciativo, a referência da sinalização PRO_1 é compreendida como a especificação da pessoa a que se refere e em português poderia ser traduzida como: “FILHA, **ELA...**” (Figura 40).

A produção de sentido somente é possível pela integração dos espaços mentais instaurados pela sinalização em Libras na cena enunciativa. Assim, nessa cena específica, a sinalização PRO_1 pode ser interpretada pela representação esquemática abaixo:

Figura 41 - Esquema da Mescla da sinalização PRO₁



Fonte: Elaborada pelo autor

Compreendemos que a sinalização destacada é conceptualizada como uma entidade, como um evento discursivo, interpretado cognitivamente dentro deste processo enunciativo pela mescla do Espaço Σ .

Percebemos, portanto, que a condição básica do processo enunciativo se mantém (enquanto espaço base/integrador), contudo, atualizada pela instauração de um novo espaço enunciativo:

O significado não é um depósito em um container conceptual. O significado é vivo e ativo, dinâmico e distribuído, construído para propósitos locais do conhecer e do agir. Significados não são objetos mentais delimitados em lugares conceptuais, mas operações complexas de projetar, amarrar, ligar, mesclar e integrar sobre múltiplos espaços. O significado é parabólico e literário. (TURNER, 2006, apud CAVALCANTE, 2010, p. 57).

Dando continuidade, podemos destacar outra predicação (C):

Figura 42 - Predicação (C) em Libras



$_b$ EXPLICOU PARA $_a$ [O PAI]

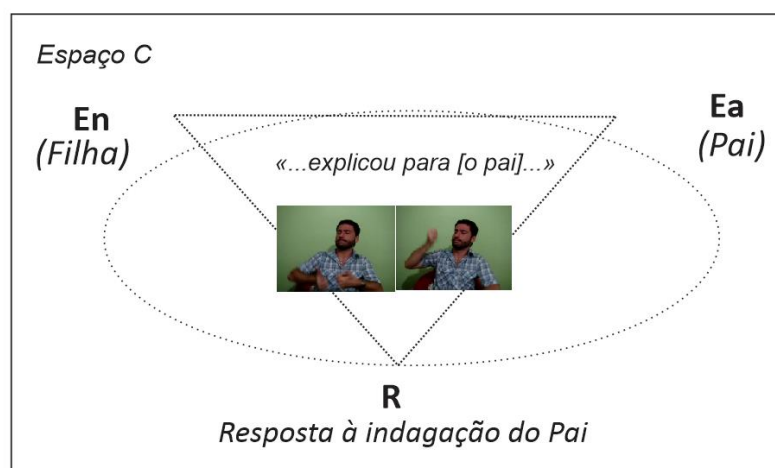
Descrição: Direcionamento do corpo e do olhar

Fonte: Vídeo da pesquisa

Nessa predicação específica, temos como núcleo do enunciado “sua filha (...) explicou para ele [PAI]” o verbo “explicar”, que instancia um novo espaço enunciativo marcado pela ação de X EXPLICAR PARA Y.

Nesse novo espaço podemos evidenciar a reconfiguração das instâncias discursivas: o Enunciador (EN) reconfigurado enquanto uma entidade mental denominada “FILHA”, o Enunciatário (EA) reconfigurado enquanto uma entidade mental “PAI” e a referência (R) reconfigurada enquanto uma entidade mental da ação de “resposta a indagação do Pai”. Portanto, a partir da mesma estrutura enunciativa, uma nova conceptualização é realizada:

Figura 43 - Espaço enunciativo (C)

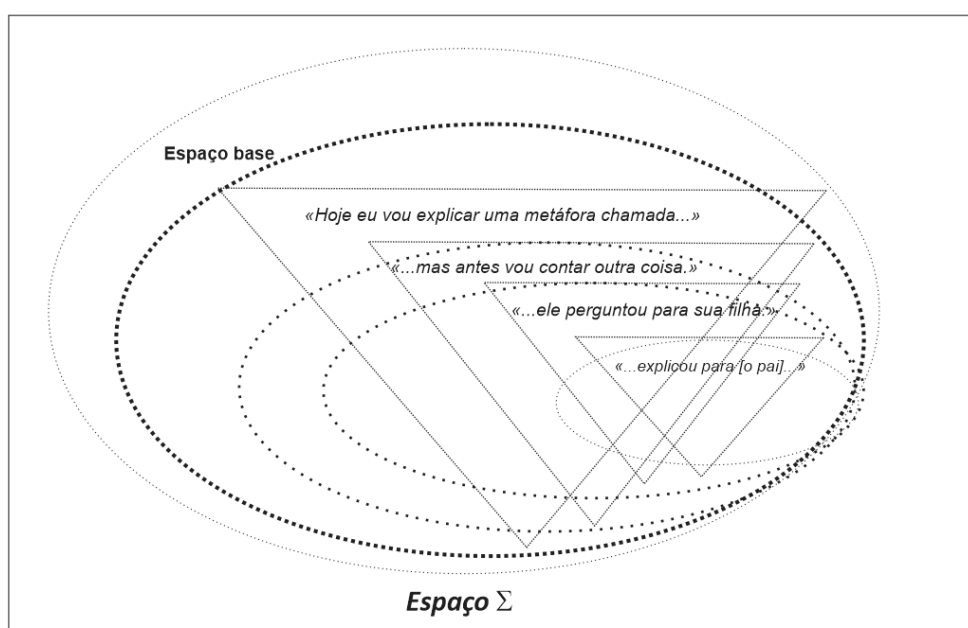


Fonte: Elaborada pelo autor

Dessa forma, compreendemos que a narrativa se configura pela integração de espaços enunciativos distintos que se “encaixam” no espaço base. Esse “encaixe” ocorre recursivamente, uma vez que as condições iniciais da estrutura discursiva do espaço base se mantêm e são atualizadas pela ação do falante.

Tomando como base a estrutura “triangular” apresentada na seção 5.3 deste capítulo, podemos identificar na figura abaixo como a construção de sentido da narrativa ocorre recursivamente com a integração de novos espaços:

Figura 44 - Integração de espaços enunciativos na narrativa de Rimar Segala



Fonte: Elaborada pelo autor

Nessa representação é possível visualizar que os diversos triângulos referentes às predicções apresentadas anteriormente que são “encaixados” no espaço base/integrador. Além disso, reconhecemos que a estrutura desses espaços se mantém a mesma, demonstrando a recursividade da operação de atualização de espaços enunciativos.

Ou seja, compreendemos que cada triângulo representa um espaço/evento enunciativo próprio que se atualiza recursivamente no espaço base. Percebemos que as estruturas se expandem/encaixam recursivamente umas com as outras. Nesse esquema, podemos ainda identificar como cada parte compõe umas as outras, no qual é possível reconhecer a estrutura de uma unidade mais interna como

a mesma de uma unidade mais externa. Também podemos identificar como determinada estrutura pode ainda se expandir e formar novas estruturas infinitamente.

Corballis (2011) nos ajuda a compreender que:

A estrutura de uma frase ou corrente de pensamento pode revelar incorporação recursiva - a interpretação de uma sentença pode exigir a compreensão de frases embutidas em frases, independente de como a incorporação foi realmente realizada, e um entendimento interno de uma corrente de pensamento pode exigir a segmentação de episódios dentro de episódios⁵⁵. (CORBALLIS, 2011, p. 9, tradução nossa).

Em outro momento na narrativa, no qual o locutor enuncia a metáfora “Escorpião e Tartaruga”, também é possível identificar esse processo de integração de espaços enunciativos.

Destacamos o momento em que o espaço enunciativo está atualizado enquanto espaço/evento referente ao “incêndio em uma grande floresta”:

Figura 45 - Espaço/Evento: "incêndio em uma grande floresta"



Fonte: Vídeo da pesquisa

⁵⁵ Often, though, the structure of a sentence or stream of thought may reveal recursive embedding - interpretation of a sentence may require the understanding of phrases embedded in phrases, regardless of how the embedding was actually accomplished, and an internal understanding of a stream of thought may require the segmentation of episodes within episodes.

Esse espaço/evento é atualizado sob o espaço base/integrador e também é atualizado com novos eventos como, por exemplo, o diálogo entre a tartaruga e o escorpião. É narrado que o escorpião não podia atravessar o rio e ao ver a tartaruga se aproximando pergunta se ela poderia levá-lo em suas costas. Esse evento é conceptualizado pelo seguinte enunciado:

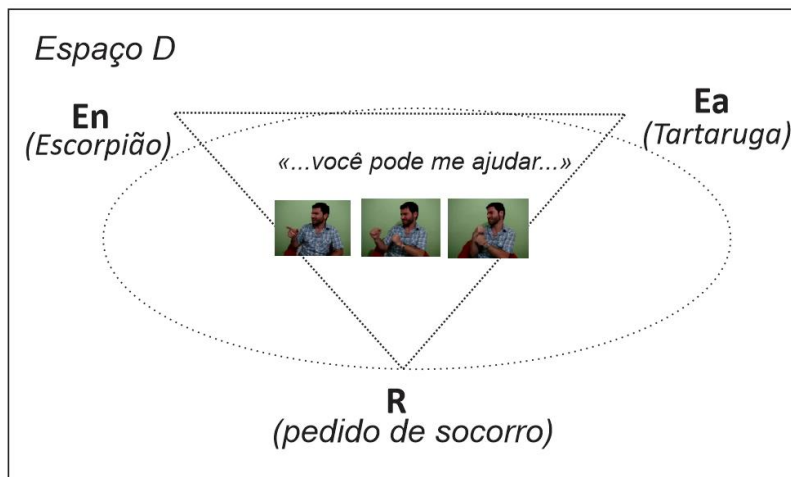
Figura 46 - Enunciado (D) em Libras



Fonte: Vídeo da pesquisa

O espaço enunciativo se atualiza de forma que: o locutor se reconfigura enquanto o personagem “escorpião”, o alocutário se reconfigura enquanto o personagem “tartaruga” e a Referência se reconfigura enquanto o “pedido de ajuda do personagem escorpião”:

Figura 47 - Representação do espaço enunciativo (D)



Fonte: Elaborada pelo autor

O tempo instaurado nesse espaço enunciativo é também indicado pelo tempo discursivo da narrativa, afinal, o espaço referente à “metáfora” está integrado ao espaço em que o “chefe” dialoga com a “moça (irmã)”, que por sua vez está integrado ao espaço enunciativo em que ela dialoga com o pai, que está integrado ao espaço em que ele lê uma palavra desconhecida no papel, que está integrado ao espaço base/integrador da “narrativa de uma metáfora”.

Além disso, a materialização gestual da Libras evidencia a reconfiguração das instâncias enunciativas através da marcação da direção do olhar do enunciador para a sua direita (Figura 46) e para sua esquerda (Figura 49).

Na materialidade gestual, a significação desse espaço enunciativo ocorre com a integração conceitual de outros espaços mentais, a saber:

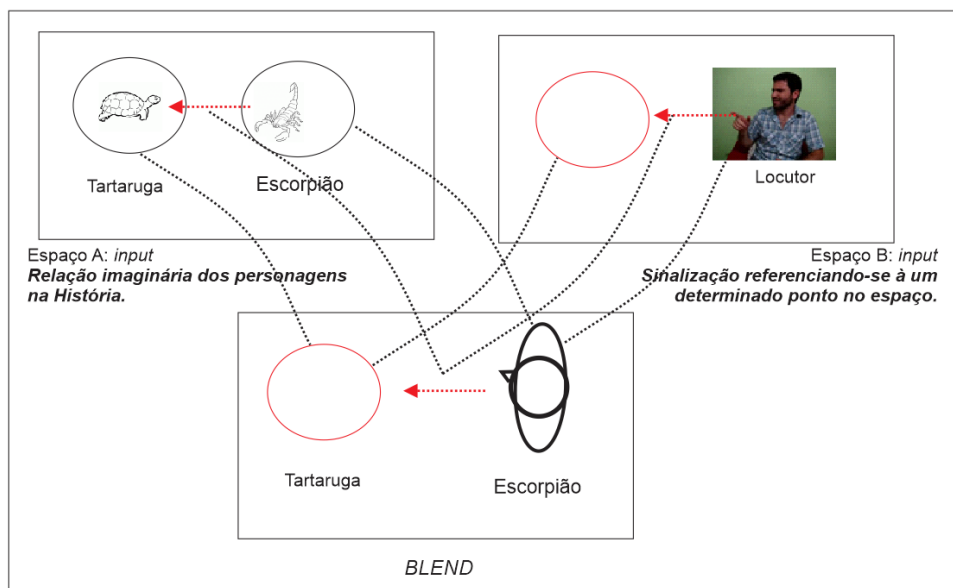
Espaço A (*input*): a interação imaginária entre dois animais enquanto personagens da história.

Espaço B (*input*): a referenciação de um determinado ponto no espaço pelo locutor

Blend: a mescla conceitual que ocorre entre os dois espaços inputs na produção de sentido de que o espaço enunciativo instaurado pela ação do locutor se configura enquanto o diálogo entre os personagens tartaruga e escorpião. Especificamente nesta cena, na fala de um para o outro. Assim, a posição do locutor é compreendida enquanto o personagem “escorpião” e o ponto no espaço no qual ele se refere é compreendido enquanto o espaço “ocupado” pelo personagem “tartaruga”.

Portanto, a partir deste *blend*, é possível compreender a sinalização do locutor na materialidade gestual de “apontamento” enquanto este momento de interação dos personagens.

Dessa forma, a simples referência da sinalização do locutor, seja em apontar e/ou direcionar o olhar para a sua DIREITA, é interpretado como a ação direta do personagem ESCORPIÃO.

Figura 48 - Mescla referente ao Enunciado (D)

Fonte: Elaborada pelo autor

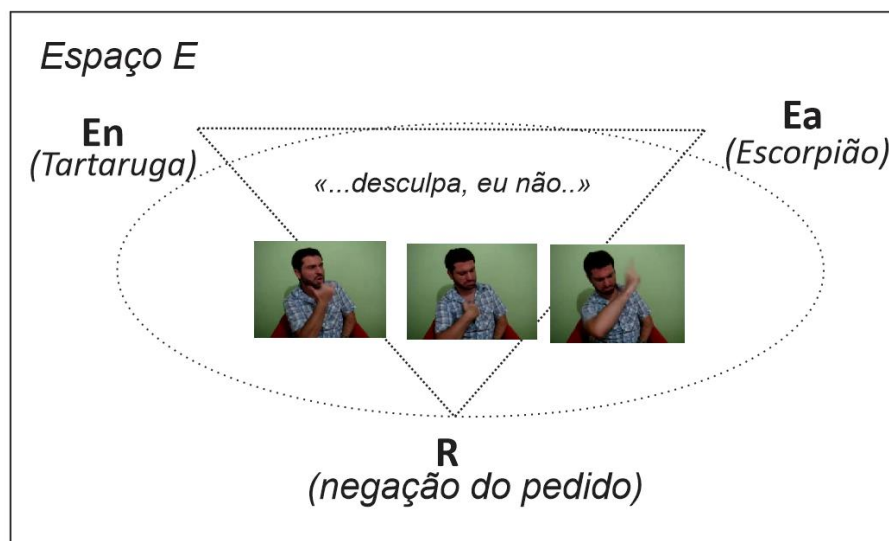
O processo recursivo de atualização do espaço enunciativo ainda pode ser descrito a partir de mais um espaço/evento conceptualizado pelo seguinte enunciado:

Figura 49 - Enunciado (E) em Libras

Fonte: Vídeo da pesquisa

Nesse enunciado, o espaço enunciativo se reconfigura de forma que a atualização das instâncias EN e EA se inverte: o Enunciador se projeta enquanto o personagem "tartaruga" e o Enunciatário enquanto o personagem "escorpião". A Referenciação também se atualiza para "a negação do pedido feito".

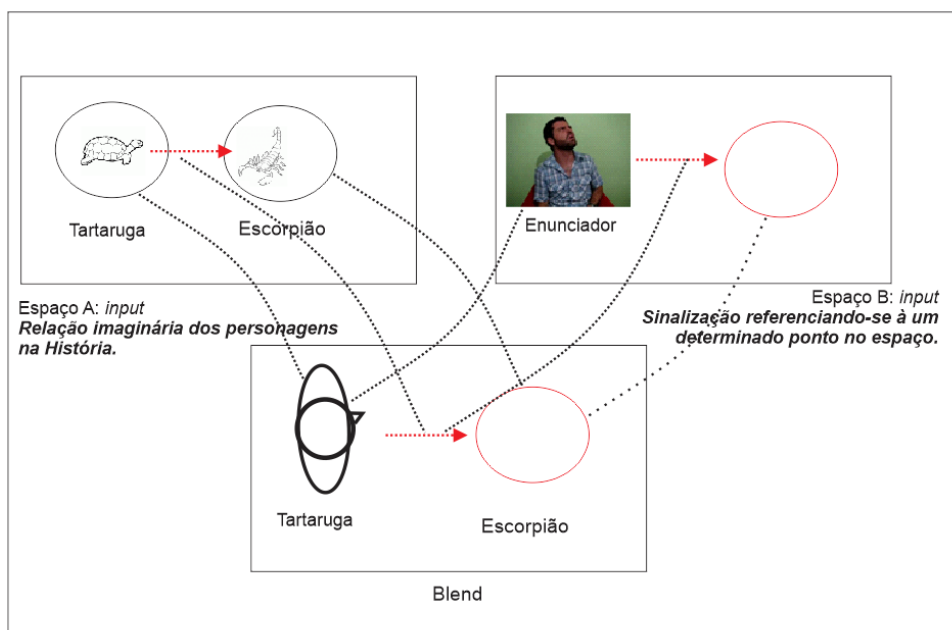
Figura 50 - Representação do espaço enunciativo (E)



Fonte: Elaborada pelo autor

Ainda pelo esquema abaixo, podemos visualizar o processo de integração conceptual a partir da mescla dos espaços mentais referentes ao enunciado (E):

Figura 51 - Mescla referente ao Enunciado (E)



Fonte: Elaborada pelo autor

Nesta figura:

O **Espaço A (input)**: representa a interação imaginária entre dois animais enquanto personagens da história, mais especificamente da fala de um deles;

O **Espaço B (input)**: representa a referência de um determinado ponto no espaço pelo locutor;

O **Blend**: representa a mescla conceitual que ocorre entre os dois espaços inputs na produção de sentido de que o espaço enunciativo instaurado pela ação do locutor se configura enquanto o diálogo entre os personagens tartaruga e escorpião. Especificamente nesta cena, da fala da “tartaruga” para o “escorpião”.

5.5 Recursão como operação básica

O processo de *eventivação*, que neste trabalho é reconhecido como o processo de atualização e integração de vários espaços/eventos enunciativos, ocorre claramente nessa narrativa em Libras.

Esquemáticamente, os eventos/espacos enunciativos são desenhados em pequenos triângulos, mas é necessário esclarecer que os esquemas apenas demonstram a operação na qual eles são projetados em outros espaços recursivamente. O espaço base é atualizado e reatualizado a partir de um processo único e contínuo.

Relembramos que o processo de integração de novos espaços enunciativos não ocorre simplesmente pela soma de partes isoladas, mas recursivamente na integração dos espaços no espaço base/integrador.

Fauconnier e Turner (2002) nos ajudam a compreender esse processo ao afirmarem que:

Construir uma rede de integração envolve a criação de espaços mentais, combinados em espaços, projetando seletivamente um *blend*, localizando estruturas comuns, projetando *backward* para *inputs*, recrutando novas estruturas para *inputs* ou *blend* e executando várias operações no próprio *blend*. Nós falaremos sobre essas operações em sequência, mas é crucial ter em mente que **qualquer uma delas pode ser executada a qualquer momento podendo ser executadas simultaneamente**⁵⁶ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 44, tradução nossa. Grifo do autor).

⁵⁶ Building an integration network involves setting up mental spaces, matching across spaces, projecting selectively to a blend, locating shared structures, projecting backward to inputs, recruiting new structure to the inputs or the blend, and running various operations in the blend itself. We will talk

Nessa narrativa, a partir do momento em que o locutor se propõe a discursar sobre um determinado tema específico e o faz através da Libras, já se instaura a condição enunciativa básica, apesar da modalidade linguística ser diferente de uma língua oral. Essa condição particular da emergência não interfere na operação cognitiva, ao contrário, fica evidenciado que também em Libras é possível identificar o processo de atualização recursivo de espaços mentais.

Durante a narrativa de RS, na qual o espaço base foi identificado a partir das condições de enunciação, novos eventos são instaurados recursivamente partindo de um único espaço base, afinal, trata-se do movimento natural da linguagem, ou melhor, da própria cognição humana.

Podemos afirmar que o pressuposto da Libras ser uma língua natural se confirma, pois na ação de um falante de Libras, as condições de enunciação são satisfeitas. Ainda que a narrativa aconteça em uma modalidade linguística gestual, sem a articulação sonora, a produção de sentido é possível, uma vez que a modalidade linguística é secundária às operações cognitivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho a partir das inquietações do pesquisador em aprofundar seus conhecimentos linguísticos sobre a Libras, como forma de aprimorar seu trabalho como intérprete e psicólogo. Afinal, conforme afirmamos no início desta dissertação, “falar de linguagem é falar do próprio ser humano”. Portanto, acreditamos que novas pesquisas sobre a Libras, enquanto fenômeno linguístico, podem contribuir para o maior entendimento da linguagem humana.

Dessa forma, este trabalho se estruturou na perspectiva dos estudos de Benveniste (2006), que orientam duas possibilidades de se analisar o fenômeno linguístico: como produto (enunciado) ou como processo (enunciação). Assim, definimos que o foco desta dissertação não é pesquisar a Libras enquanto um produto, como um objeto que existe *a priori*, mas na perspectiva processual, investigando as operações que subjazem a materialidade gestual dessa língua.

Ainda considerando Benveniste (2006), compreendemos que a linguagem, enquanto processo, decorre da ação de um sujeito em um determinado tempo e espaço, isto é, a operação de enunciação se constitui a partir do estabelecimento das categorias de pessoa, tempo e espaço.

Com isso, afirmamos que todas as línguas devem evidenciar essa operação que denominamos *temporoespacialização*, ou seja, o processo de um sujeito se projetar discursivamente enquanto enunciador reconfigurando-se no tempo e espaço enunciativo. Assim, indagamos como seria esse processo de *temporoespacialização* na Libras enquanto uma língua de modalidade gestual.

Adotamos como hipótese de trabalho que a operação de *temporoespacialização* envolve necessariamente a **recursão**, ou seja, que esse processo de atualização do espaço de referência ocorre em Libras da mesma forma que ocorre em outras línguas orais.

Desse modo, esperávamos que, nas narrativas em Libras, fosse possível identificar e descrever o processo de *temporoespacialização*.

Para realizar a bom termo essa tarefa, discutimos ao longo deste trabalho:

- a) a concepção de linguagem adotada, uma concepção embasada nos trabalhos de Chomsky (1986, 1995, 1997, 2002 e 2004) e de Hauser, Chomsky e Fitch (2002), que reconhecem a linguagem como um objeto

do mundo natural, um sistema constituído de subsistemas, um “órgão de linguagem” (CHOMSKY, 2004);

- b) a definição da Libras a partir dos estudos que argumentam o status linguístico dessa língua (STOKOE, 1960; QUADROS; KARNOPP, 2004; JOHNSON; LIDDELL, 2011). Compreendemos que as definições dos parâmetros dessa língua são as definições utilizadas na maioria dos estudos sobre as Línguas de Sinais (LS). Entendemos também que essas descrições iniciaram as discussões sobre as LS, contudo, reafirmamos a necessidade de novos estudos para avançarmos na abordagem do tema;
- c) compreendemos que ao investigar a *temporoespacialização* na narrativa em Libras, reconhecemos essa operação enquanto um processo de integração conceptual (FAUCONNIER, 1994, 1997; TURNER, 1996; FAUCONNIER; TUNER, 2002) e que esse processo pode ser reduzido a uma única e exclusiva operação: a recursão.

Para tanto, no capítulo de análise, explicitamos como a recursão opera na construção do espaço base/integrador da narrativa em Libras, mostrando que as condições enunciativas propostas por Benveniste (2006) também ocorrem em Libras. Demonstramos esquematicamente que as condições propostas por Benveniste referentes ao *Aparelho Formal da Enunciação* também podem ser identificadas em uma língua de modalidade gestual.

Em seguida, identificamos alguns espaços enunciativos que são instaurados ao longo da narrativa do informante, de forma a demonstrar que esses espaços se integram recursivamente. Nesse processo de integração recursiva, o sujeito *temporoespacializa* espaços enunciativos distintos. Contudo, todos os espaços/eventos se articulam no âmbito de um único espaço enunciativo básico/integrador, condição necessária para qualquer narrativa.

Cada um dos espaços enunciativos destacados ao longo do capítulo de análise pode evidenciar que também em Libras é possível compreender o processo narrativo como um processo de integração conceptual de espaço/eventos, ou seja, o processo recursivo de atualização do espaço base.

Temos consciência de que poderíamos identificar, na narrativa escolhida, outros eventos demonstrando que o processo natural de integração recursiva de

espaços/eventos é um processo aberto à criatividade da Linguagem, no qual novos espaços podem ser criados e recriados a partir de um único espaço base.

Portanto, o percurso teórico-metodológico deste trabalho possibilitou confirmar nossa hipótese de que o processo de *temporoespacialização* em Libras também ocorre pela atualização de espaços enunciativos através da operação de recursão, enquanto uma operação constitutiva do processamento discursivo.

Compreendemos, a partir da análise feita, que é possível afirmar que a Libras, enquanto uma língua de modalidade gestual, é uma língua natural, e que os estudos no campo da Linguística Cognitiva podem ser enriquecidos com as contribuições das pesquisas sobre as LS.

Além disso, é possível comprovar que as teorias sobre a linguagem utilizadas neste trabalho realmente permitem o reconhecimento da linguagem como um todo e não apenas atrelada a determinada modalidade linguística.

Consideramos ainda que novos estudos sobre a Libras são necessários de forma que possamos aprofundar nossos conhecimentos sobre este fenômeno caminhando ainda mais na compreensão da linguagem humana.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 4ª ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. Campinas, SP: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995/1966.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006/1974.

BERNADINO, Elidéia Lúcia. **Absurdo ou Lógica?** Os surdos e sua produção linguística. Belo Horizonte: Vida, 2000.

BERWICK, R. C.; CHOMSKY, N. The Biolinguistic Program: The Current State of its Evolution. In: A. M. Di Sciullo and C. Boeckx (eds.) **The Biolinguistic Enterprise: New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty**. Oxford: Oxford University Press. 2011. p. 19-41.

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_a to2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 10 fev. 2011.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em: 10 fev. 2011.

CAVALCANTE, S.M.S. **A metáfora no processo de referenciação**. Dissertação de Mestrado. PUC Minas. Belo Horizonte: 2002.

CAVALCANTE, S.; SOUZA, A. L. Linguística Cognitiva: uma breve introdução. In: HERMONT, A. B.; SANTO, R. S. E., CAVALCANTE, S. **Linguagem e Cognição**: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar. Belo Horizonte Ed. PUC Minas. 2010.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language: Its Nature, Origin, and Use**. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. **O Conhecimento da Língua, Sua Natureza, Origem e Uso**. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho. 1994.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, Noam. Novos Horizontes no Estudo a Linguagem. In: **Documentação de estudos em Linguística Teórica e Aplicada** (Delta), v. 13; n. especial, São Paulo, 1997.

CHOMSKY, Noam. **On Nature and Language**. Cambridge University Press, 2002.

CHOMSKY, Noam. **Biolinguistics and the Human Capacity**. Lecture at MAT, Budapest, May 17, 2004.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Trad. Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo: editora UNESP, 2005.

CHOMSKY, Noam. **Language and Mind: Current Thoughts on Ancient Problems**. 2000. Disponível em <<http://fccl.ksu.ru/papers/chomsky1.htm>> Acesso em: 22 jun. 2011.

COPAVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**, Volume I: Sinais de A a M. 3.ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

COPAVILLA, F. C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**, Volume II: Sinais de M a Z. 3.ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CORBALLIS, Michael C. **The Recursive Mind**. The origins of human language, thought, and civilization. United States of America: Princeton University Press, 2011.

COSCARELLI, C. V. **Uma conversa com Gilles Fauconnier**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v.5, n.2, p. 291-303, 2005.

EMMOREY, Karen. **Language, Cognition and the Brain: Insights from Sign Language Research**. Mahwah, New Jersey. Lawrence Erlbaum Associates Publishers. 2002.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. B. Rethinking Metaphor (September 29, 2008). In: GIBBS, R. (Ed.) **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. New York: Cambridge University Press, 2008.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GIBBS, JR., R. W. **Embodiment and Cognitive Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GIBSON, James J. **The ecological approach to visual perception**. Boston: Houghton Mifflin, 1986.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, T. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? In: LARSON, R. K.; DÉPREZ, V.; YAMAKIDO, H. **The Evolution of Human Language** – Biolinguistic Perspectives. Cambridge University Press, 2002, p. 14-42.

ILARI, Rodolfo. Linguagem - atividade constitutiva (ideias e leituras de um aprendiz) In: **Revista Letras**, Curitiba: editora UFPR, n. 61, especial, 2003, p. 45-76.

JOHNSON, Mark. **The Meaning of the Body**: a esthetics of human understanding. London: The University of Chicago Press, 2007.

JOHNSON, R. E.; LIDDEL, S. K. **A Segmental Framework for Representing Signs Phonetically**. Sign Language Studies. vol. 11, nº. 3. Spring, 2011.

KARNOPP, Lodenir. **Fonética e Fonologia**: Apostila Curso Bacharelado e Licenciatura Letras-Libras. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

KEWITZ, V. **O que as tradições discursivas podem nos dizer sobre a categoria cognitiva de espaço?** Disponível em <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Verena%20Kewitz%20\(USP\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Verena%20Kewitz%20(USP).pdf)> Acesso em 11 mai 2011

KEWITZ, V. **A representação do movimento no português paulista**. Filol. linguíst. port., n. 13(1), p. 89-125, 2011. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP13_1/kewitz.pdf>. Acesso em 17 jan. 2012.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

LARSEN-FREEMAN, D. & CAMERON, L. **Complex Systems and Applied Linguistics**. Oxford University Press, 2008.

LETICHE, H., LISSACK, M. **Making Room for Affordances**. ECO Issue Vol. 11 No. 3, 2009. p. 61-72

LIDDELL, S. K. **Think and believe: sequentially in American sign language**. Language, v.60, p.372-99, 1984.

LIDDELL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language**. New York: Cambridge University Press, 2003.

MALLMANN, Lisiane e GELLER, Marlise. **Um estudo de caso com Libras e Signwritiing na educação sexual através de mapa conceituais**. Disponível em <<http://www.foco.fae.ufmg.br/conferencia/index.php/enpec/vii/enpec/paper/viewFile/328/645>>. Acesso em 18 nov. 2009.

MARTINS, Ana Lúcia M. R. P. **Dêixis, Discursivização e Espaços Mentais** - o papel da dêixis na construção de Espaços Mentais no processamento discursivo. PUC Minas, 2000. (Dissertação de Mestrado)

MARQUES, Cesar Luiz Moreira da Fonseca. **Esboço de transcrição para a metáfora básica do infinito**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Dissertação de Mestrado. 2007.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. **Transcrição de dados de uma língua sinalizada**: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880/2654>>. Acesso em jun. 2011.

MOREIRA, R. L. **Uma Descrição da Dêixis de Pessoa na Língua de Sinais Brasileira**: Pronomes Pessoais e Verbos Indicadores. Dissertação de Mestrado. São Paulo: 2007.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried. (org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: ARTMED, 1996, p. 45-58.

NASCIMENTO, Milton; OLIVEIRA, Marco Antônio de. Texto e hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: NEGRI, Ligia; FOLTRAN, Maria José; OLIVEIRA, Roberta Pires de (Org.). **Sentido e Significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari, São Paulo: Contexto, 2004, p. 285-299.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**: caderno do formador / Marco Antônio de Oliveira. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 70p. (Coleção Alfabetização e Letramento).

PADDEN, C. **Interaction of morphology and syntax in ASL**. San Diego: University of California, Doctoral Dissertation, 1983

PINKER, S. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PINKER, S., JACKENDOFF, R. **The faculty of language**: what's special about it? Cambridge, Harvard University, 2004.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Editora. ArtMed. 2004.

SANTOS, Andréa Cattermol Izar. **Linguagem e gêneros discursivos**: sistemas adaptativos complexos. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010. (Tese de Doutorado).

SASSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SEGALA, R. R. RAMALHO, S. **Escorpião e Tartaruga**. Youtube. 01 de março de 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qHZDpPps9Zg>> Acesso em: 02 abr. 2011.

SINHA, Chris. Language as a biocultural niche and social institution. In: **New Directions in Cognitive Linguistics**. Edited by Vyvyan Evans e St  phanie Pourcel. John Benjamins North America, 2009, p. 289-309.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf. Studies in Linguistics Occasional, 1960.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. **How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in american sign language**. In: SIPLE, P. (ed.) Understanding language, 1978

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. II: Typology and Process in Concept Structuring. Cambridge, MA: MIT Press, Paperback edition, 2004.

TAUB, S.; GALVAN, D.; PI  AR, P.; MATHER, S. **Gesticula  o e aquisi  o da ASL como segunda L  ngua**. In: TILSR, 2008.

TURNER, Mark (Ed.). **The Artful Mind**. Oxford University Press, 2006.

WILCOX, Sherman e SHAFFER, Barbara. Towards a cognitive model of interpreting. In: JANZEN, Terry. **Topics in Signed Language Interpreting**: Theory and Practice. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. 2005. p. 27-50.

ANEXO A - DVD

DVD com o vídeo: **Escorpião e Tartaruga**. De Rimar Ramalho Segala e Sueli Ramalho.